Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Indústrias Tabopan

o que acontece quando uma fábrica em ruínas renasce?

Ana Luísa Cardoso Dinis de Mesquita

Orientadora: Professora Doutora Ana Isabel da Costa e Silva

Setembro 2017

A presente dissertação não foi escrita de acordo com o novo Acordo Ortográfico

Ao meu mundo: os meus pais e à minha irmã. Obrigada por tudo.

Aos meus amigos, a minha segunda família: obrigada pelo apoio incondicional. Sem vós, esta dissertação não seria possível.

À professora Ana Isabel, pela orientação e pela amizade.

À Traço Alternativo, pela paciência e pela partilha.

Ao Dr. Pedro Barros, pela disponibilidade.

À Câmara Municipal de Amarante, pelo material disponibilizado.

Resumo

A presente dissertação apresenta a investigação sobre as Indústrias Tabopan, um complexo industrial abandonado na cidade de Amarante. Devido ao seu papel no desenvolvimento da cidade e a presença que mantém na memória dos seus habitantes, foi proposto neste trabalho um projecto de reabilitação do antigo complexo industrial.

De modo a compreender o **contexto** em que o objecto de estudo está inserido, é realizado primeiramente um estudo sobre o desenvolvimento da cidade de Amarante. A ligação entre a cidade e as antigas fábricas é explorada numa segunda fase, onde o **percurso** - Estrada Nacional 15 - é retratado como um elemento essencial para a relação entre o centro histórico da cidade e as fábricas Tabopan. A **história** das Indústrias Tabopan é contada numa terceira fase, que vem justificar a recuperação das suas **ruínas** e como estas ainda encontram um lugar no quotidiano da cidade. A conclusão deste trabalho apresenta-se no projecto de uma intervenção em todo o complexo industrial, onde são indicadas as intenções programáticas mais apropriadas à cidade de hoje e de amanhã.

Abstract

The present dissertation presents an investigation about “Indústrias Tabopan”, an abandoned industrial complex in the city of Amarante. Due to its role in the city’s development and the fact that it remains alive in the memory of it’s inhabitants, it is proposed in this work a rehabilitation project for the old industrial site.

In order to understand the **context** in which this case of study is placed, it is firstly conducted a research about the development of the city of Amarante. The connection between the city and the old factories is explored in a second phase, where the **path** - “Estrada Nacional 15” (EN15) - is held as an essential element of the relation between the historical center and the “Tabopan” factories. The **history** of “Indústrias Tabopan” is told in a third phase, which comes to justify the recovery of its **ruins** and how they still can find a place in the day-to-day life of the city. The conclusion of this work is presented in the form of an intervention project on the whole industrial complex, indicating the intentions to the most adequate programs and functions to the city of today and of tomorrow.

ÍNDICE

11 **INTRODUÇÃO**

1. A CIDADE

15 1.1 Contexto, história e expansão

44 1.2 Abandono - Construção

2. O PERCURSO – ligação entre o centro e a cidade

57 2.1 Da cidade à fábrica

67 2.2 Análise urbana para uma nova realidade

3. A FÁBRICA

81 3.1 Amarante e a indústria da madeira

93 3.2 História da Abreu & Cia e das indústrias Tabopan

111 3.3 A fábrica em ruína: a preservação da memória como justificação para uma intervenção

4. A INTERVENÇÃO

123 4.1 Análise da cidade para a reintrodução da fábrica no seu quotidiano

132 4.2 Proposta de intervenção: um novo espaço na cidade

158 **CONCLUSÃO**

160 **BIBLIOGRAFIA**

163 **ÍNDICE DE IMAGENS**

167 **ANEXOS**

INTRODUÇÃO

A presente dissertação surge da combinação entre a vontade de intervir num caso de estudo na minha cidade natal da autora - Amarante - e do interesse desenvolvido pelo tema arquitectura industrial, caracterizada pela repetição estrutural e organizada segundo uma lógica funcional. Esse interesse denvolve-se tanto na disciplina de Reabilitação de Edifícios, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, como aquando o programa Erasmus, na Scuola di Architettura della Universitá degli Studi di Firenze, na disciplina Laboratorio di Archittetura e Cittá. Esta é, portanto, uma tese de identidade.

De modo a criar uma linha de pensamento sólida, esta dissertação é o ponto de partida para uma reflexão acerca do papel da ruína na conjectura actual da cidade em que está inserida. Pretende-se demonstrar as potencialidades de um edifício cujo passado histórico está relacionado com a evolução da própria cidade, através de uma análise lógica e pertinente, para que seja devolvida ao quotidiano da mesma.

As Indústrias Tabopan, localizadas na cidade de Amarante, foram umas das principais fontes de riqueza portuguesas nos anos 70. Consequentemente, levou a um grande desenvolvimento da cidade, quer a nível económico – criou um mercado novo praticamente do nada –, quer a nível cultural, de onde surgiram algumas das actividades preferidas dos amarantinos – o teatro, a orquestra, a equipa de futebol, o rally –, tudo isto patrocinado pelo Comendador José Abreu, o fundador destas indústrias. Após a queda da empresa, o edifício que, outrora recebera personalidades ilustres de todas as partes do mundo, foi deixada ao abandono, e tornou-se um fantasma de uma glória passada.

É objectivo desta dissertação a recuperação da história e de informações sobre as Indústrias Tabopan, nomeadamente peças escritas e desenhadas, e consequente organização de todo o material adquirido. O potencial que estas fábricas possuem, pelo seu valor histórico e papel

que desempenham como ponto de referência da cidade de Amarante, permitem levantar a questão sobre o seu futuro: quais os programas de que a cidade ainda necessita e de que forma o espaço da antiga fábrica lhe pode ser útil?

Começando por estudar a história da cidade de Amarante, pretende-se perceber como a cidade surgiu, de modo a compreender o contexto temporal em que as fábricas Tabopan estão inseridas. Uma vez que o objecto de estudo é tratado como uma ruína, são identificados os edifícios abandonados mais importantes para a cidade, e como esta lhes deu resposta ao longo do tempo.

A ligação mais importante entre as fábricas e a cidade é a Estrada Nacional 15, que atravessa a cidade e permanece como o seu acesso mais importante, servindo como um eixo no crescimento de Amarante. A análise da paisagem que este percurso abrange evidencia as diferentes mudanças de cenário da cidade à medida que se afasta do centro urbano até chegar ao complexo Tabopan que, neste trabalho, representam uma meta.

Após uma séria investigação, a história das Indústrias Tabopan é contada nesta dissertação, para que o seu registo não seja perdido. A inexistência de peças desenhadas, bem como de documentos escritos, tornou esta procura difícil As fotografias antigas e de depoimentos de antigos funcionários são escassos ou inexistentes, mas graças ao interesse das gerações seguintes, as informações são continuamente criadas, e a memória da fábrica não cai no esquecimento.

A memória é, então, a justificação para a preservação destes edifícios. A relação emocional que os habitantes mantêm com estas fábrica é essencial para a sua reinserção na cidade actual: ao mesmo tempo que o seu passado é preservado, os espaços das fábricas podem servir Amarante outra vez.

O último capítulo desta dissertação debruça-se na proposta de um novo objectivo para os edifícios abandonados da Tabopan, que, de acordo com a análise feita, permitirá explorar novas inteções programáticas segundo as capacidades físicas do edifício, podendo assim ser possível dissecar as suas potencialidades.

Sendo um complexo de pavilhões de dimensão considerável, opta-se por estudar e intervir apenas no primeiro conjunto de fábricas, construído nos anos 40, pelas suas características particulares, pela sua linguagem claramente distinta dos outros edifícios e pelo grande potencial que apresenta como espaço polivalente do qual a cidade e os seus habitantes podem usufruir. Este edifício servia para o fabrico de móveis e urnas, e alojava os espaços administrativos da empresa. É também inserida neste estudo a casa do pai do fundador da empresa, que apresenta uma situação curiosa, visto que a casa partilha uma das suas paredes com um dos pavilhões da fábrica.

A sua grande dimensão impossibilitou a execução de um levantamento topográfico rigoroso, o que levou a que os dados topográficos utilizados para elaborar uma proposta derivaram de trabalhos académicos anteriores, da autoria de Mélanie Ferreira, da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, e da autoria de Rita Pombo, da Universidade Lusíada do Porto.

1. A CIDADE
1.1 Contexto, história e expansão

"Atravessar a serra do Marão, de Vila Real até Amarante, deveria ser outra imposição cívica com pagar os impostos ou registar os filhos. Enraizando no rio Douro, o Marão é o tronco deitado duma grande árvore de pedra que se prolonga até ao Alto Minho, entrando pela Galiza dentro: reforça-se na Falperra, e abre-se, monte sobre monte, pelo Barroso e Larouco, pela Cabreira e pelo Gerês, até à Peneda, nos altos do Lindoso e de Castro Laboreiro.

Lá iremos. Agora vai o viajante entrando em Amarante, cidade que parece italiana ou espanhola, com a ponte e as casas que na margem esquerda do Tâmega se debruçam, o balcão dos reis virado à praça e este hotel modestíssimo cujas varandas traseiras dão para o rio, donde a esta hora do entardecer se levanta uma neblina, talvez só a poalha de água precipitada nos rápidos, rumor que povoará os sonhos do viajante, para sua felicidade. Porém, antes, jantará no Zé da Calçada, com proveito e gosto. E ao atravessar a ponte não fará outro sermão, mas pensará: "Esta há-de ter histórias". Mais teria a que neste lugar existiu, construída no século XIII pelo S. Gonçalo de cá e povo de Ribatâmega. Bons tempos esses, em que o santo levava a argamassa ao alvenel e ficava muito agradecido.

A CAVA DO LOBO MANSO

Quando o viajante acordou, ainda mal aclarava, percebeu que não fora só o marulhar da corrente do rio que o embalara. Chovia, as goteiras despejavam cataratas sobre os ladrilhos da varanda. Acostumado já a viajar com todo o tempo, encolheu o viajante os ombros debaixo dos cobertores e tornou a adormecer, sem cuidados. Foi o bem que fez. Ao levantar-se, já manhã franca, o céu está descoberto, o Sol anda a fazer arco-íris pequeninos nas gotas penduradas das folhas. É uma festa. O viajante arrepia-se só de pensar no calor que já estaria se fosse Verão. A primeira ida é ao Museu Albano Sardoeira, onde há algumas peças arqueológicas de interesse, umas tábuas quinhentistas que merecem atenção, mas, acima disso e do resto, estão os Amadeus, soberbas telas do período de 1909 a 1918, com um saber de oficina que as mostra no esplendor da última pincelada, como se o pintor, acabada a obra, tivesse saído agora mesmo para a sua casa em Manhufe onde a vindima o estava esperando. Tem mais o museu uns Elóis, uns Dacostas, uns Cargaleiros, mas é o Amadeo de Sousa Cardoso que o viajante devagar contempla, aquela prodigiosa matéria, suculenta pintura que se desforra do exotismo orientalista e medievalizante dos desenho

que, em reprodução reduzida, o viajante veio a comprar, humildemente.

Está visto que a paciência é uma grande virtude. Diga-o S. Gonçalo que no século XIII construiu a ponte antes desta e teve de esperar cinco séculos para lhe arranjarem lugar para um túmulo em que não está, mas onde não faltam as oferendas. O viajante diz isto com ares de gracejo, maneira conhecida de compensar o susto que apanhou quando, ao entrar numa capela de tecto baixíssimo, deu com a grande estátua deitada, colorida como de pessoa viva. Estava o local meio às escuras e o susto foi de estalo. Estão polidos os pés do milagroso santo, de afagos que lhe fazem e de beijos que neles depõem as bocas que vêm implorar mercês. É de acreditar que os pedidos sejam satisfeitos, pois não faltam as oferendas, pernas, braços e cabeças de cera, equilibrados sobre o túmulo, é certo que ocos, os tempos vão maus para a cera maciça, e esta bem se vê que é adulterada. Salva-se a fé que é muita neste S. Gonçalo de Amarante que tem reputação de casar as velhas com a mesma facilidade com que Santo António, por condão das raparigas, passou à história.

O viajante percorre a igreja e o claustro do que foi o convento, e, em seu coração, põe-se a amar Amarante, sabendo já que é um amor para sempre. Nem o afligem os três maus reis portugueses que na varanda estão, e o outro, espanhol, pior que todos: o D. João III, o D. Sebastião e o D. Henrique cardeal, mais o primeiro dos Filipes. Amarante é tão graciosa cidade que se lhe perdoa o perverso gosto histórico. Enfim, estão lá estes reis porque foi durante os reinados deles que a construção se fez. Razão suficiente. Torna o viajante à igreja mete por uma passagem lateral que vai dar à sacristia. Donde vem esta música rock and roll, é que não adivinha. Talvez da praça, talvez um vizinho amador. Em cidades de província, o menor ruído chega a toda a parte. O viajante dá mais dois passos e espreita. Sentado a uma secretária, um homem, escriturário ou sacristão, isso não veio a saber-se, faz lançamentos num grande livro e tem ao lado um pequeno transístor que é o responsável pela música, ali, enchendo a sacristia venerável de sons maliciosos e convulsivos. Já nada surpreende o viajante, porém quer averiguar por completo até onde vai a subversão, e então pergunta: « Dá licença que passe uma vista de olhos?» O sacristão levanta a cabeça, olha afavelmente e responde: « Ora essa. Veja à vontade.» E enquanto o viajante dá a volta à sacristia, examina os tectos pintados, as imagens de boa nota artística, um S. Gonçalo patusco e bem-disposto, vai o transístor chegando ao fim do ***rock*** e começa outro, até parece invenção, mas não é, são verdades

inteiras, nem aparadas, nem acrescentadas. Agradece o viajante, o sacristão continua a escrever, ninguém lhes perguntou, mas ambos estão de acordo em que está um lindo dia, e a música toca. Talvez daqui a bocado dêem uma valsa. Pena leva o viajante de não ter puxado uma cadeira para junto da mesa a que o sacristão trabalhava nas sua eclesiais escriturações e ficar ali na boa conversa, a saber de vidas e de gostos musicais, perde-se muito não falando com as pessoas. Porém, já fora de Amarante, trata-se de descobrir S. João de Gatão, onde é, onde não é, não faltam as indicações, estes homens que fazem a vindima empoleirados em altas escadas: « Chegando aí adiante, onde há umas árvores grandes, vire à esquerda, é logo lá.» Virar, vira o viajante, ou julga tê-lo feito, porque adiante outros homens dirão: « Chegando aí adiante, onde há umas árvores grandes, vire à direita, é logo lá.» Enfim, chegou o viajante ao seu procurado destino. A casa é igual a muitas que por estes lados se encontram: um pequeno solar, de corpo central e duas alas, casa às vezes nobre, outras vezes de burguês enobrecido, rurais ambos, dependentes da terra e da renda, e por isso duros no trato negocial. Não será esse o caso. Esta casa é de poeta. Viveu aqui Teixeira de Pascoaes, debaixo daquelas telhas morreu. O viajante pisa o caminho amolecido pelas chuvas, retarda o momento e vai ali ao lado, a uma adega, certificar-se do que já adivinhou: « Se é ali a casa do poeta.» Respondem-lhe que sim, com simplicidade, o informador serve outras obrigações, e ainda por cima está habituado à vizinhança, nenhum homem é grande para a adega que lhe estiver perto. O viajante guarda na memória a cautela que teve de usar para passar sobre uns canos de borracha ou de plástico que por ali havia estendidos, e o cheiro da uva pisada, uva de Pascoaes, mosto poético, vai acompanhá-lo durante muitos quilómetros, até se lhe dissipar a embriaguez. Melhor se diria vertigem. Há um lanço de escadas simples, vasos de flores, beirais marcados de musgo e líquenes. É óbvio que o viajante está intimidado. Bateu à porta, espera que venham abrir: « Falha a viagem se não entro.» É que esta casa não é museu, não tem horas de abrir e fechar, mas sem dúvida há um deus dos viajantes bem-intencionados, é ele que diz: « Entre» , e quando se apresenta não é deus nenhum, mas sim o pintor João Teixeira de Vasconcelos, sobrinho de Teixeira de Pascoaes, que abre todas as portas de uma casa toda ela preciosa romã e vai acompanhando o viajante até ao fundo do corredor. O viajante está no limiar da parte da casa onde Teixeira de Pascoaes passou os últimos anos da vida. Olha e mal se atreve a entrar. Casas, lugares onde vive ou viveu gente, tem visto muitas.

Mas não a cava de um lobo manso. São três salas dispostas em fiada, o sítio de dormir e trabalhar, a biblioteca, chaminé ao fundo, dizer isto é o mesmo que nada dizer, porque as palavras não podem exprimir a indefinível cor de barro que tudo cobre ou de que tudo é feito, a não ser que a origem da cor ambiente seja a luz da manhã, assim como não dirão que súbita comoção é esta que enche de lágrimas os olhos do viajante. Nestas salas andou um lobo, isto não é casa de gente avulsa e paisana. E o viajante tem de disfarçar e enxugar os olhos sentimentais, assim lhes chamaria quem cá não veio, mas entenderá melhor se se lembrar de que Marão é Casa Grande, e entrar aqui é o mesmo que estar no mais alto monte da serra, recebendo todo o vento na cara e olhando de cima os vales profundos e negros. Teixeira de Pascoaes não é dos mais preferidos poetas do viajante, mas o que comove é esta casa de homem, este leito pequeno como o de S. Francisco em Assis, esta rusticidade de ermitério, a lata das bolachas para a fome das horas mortas, a tosca mesa dos versos. Todos deixamos no mundo o que no mundo criámos. Teixeira de Pascoaes teria merecido levar consigo esta outra criação sua: a casa em que viveu. Há mais que andar. Quando o viajante regressa à luz do Sol, é como se tivesse caído doutro planeta. E tão abalado vai que chega a Amarante sem dar por isso, mas aí acorda e indigna-se diante da estátua de Pascoaes que lá está, obra peca e pouca. Torna a passar a ponte depois de ter deitado um olhar de despedida à trecentista Nossa Senhora da Piedade que está no nicho, e segue por baixo das grandes frondes da alameda, a tomar a estrada que o levará a Marco de Canaveses. Suave caminho é este ao longo do Tâmega, formoso e brando para éclogas. Em suas reflexões, o viajante vem a concluir ser o lugar bom para pastores arcádicos, pelo menos enquanto não desse a morrinha nas ovelhas e as frieiras nos dedos do zagal.
(...)

OS ANIMAIS APAIXONADOS

Tornou o viajante a Amarante, pela estrada que segue ao longo do rio Fornelo, e desta vez não pára. Simples cuidado de prudência, que Amarante tem artes de mulher e seria bem capaz de cativar por muitos dias o incauto. Poucos quilómetros andados, é Telões. Há aqui um mosteiro com uma airosa galilé, ainda que restaurada. Quando o viajante sai das estradas principais cobra sempre grandes compensações. O vale onde foi construído Telões é aberto, amplo, passa aqui um ribeirito qualquer, e quando o viajante vai entrar na igreja são horas de bater o

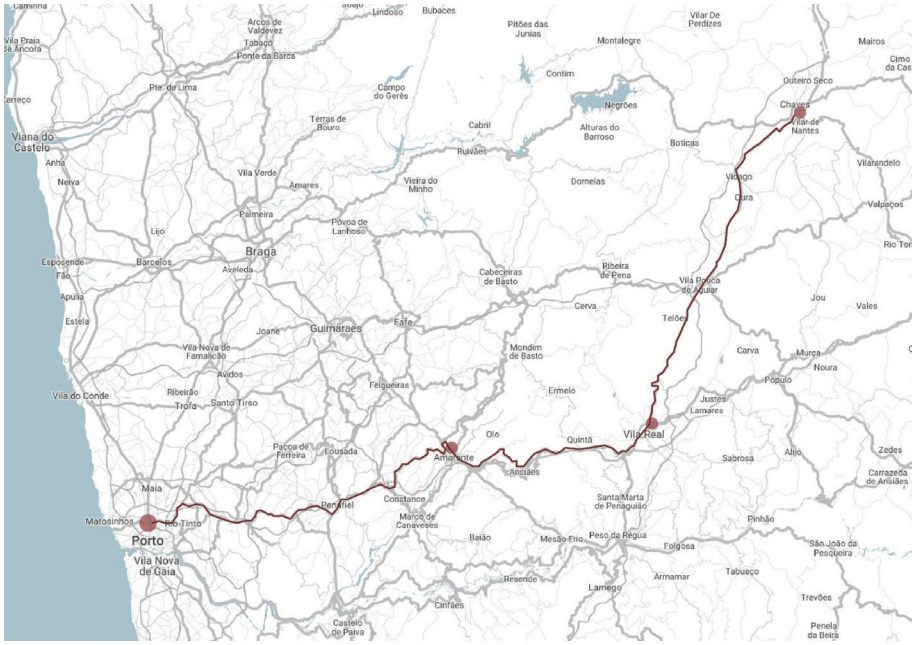
> relógio. E ele de carrilhão e amplificadores, umas buzinas orientadas aos quatro pontos cardeais que atroam a gravação dos bronzes por todos os espaços infra e supra. O viajante teria preferido o dlim-dlão natural dos sinos a tais electrónicas, mas não será por sua causa que o progresso vai ficar fora destes vales. Vivam pois Telões e o seu carrilhão do último modelo. Lá dentro, na igreja, há um painel das almas que atrai o viajante. Tem S. Miguel da santificada lança, umas labaredas de cor natural, mas os olhos vão cobiçosos para aquela formosíssima condenada, de peitos firmes e apetitosos, que arde voluptuosamente entre as chamas. Não está bem que a igreja castigue as tentações da carne e ao mesmo tempo as provoque desta maneira em Telões. O viajante saiu do templo em pecado mortal." [1]
>
> Saramago

Saramago descreve Amarante, após a viagem que fez pelo território português, como uma cidade de encantos. Situada a norte de Portugal, a igual distância do Porto e de Vila Real, Amarante é conhecida como a "princesa do Tâmega" pela sua beleza natural marcada pelo atravessamento do rio Tâmega, beleza esta que Saramago soube captar de forma apaixonada no seu livro "Viagem a Portugal". Enquanto o escritor utiliza e pensa nas palavras para descrever a paisagem, o arquitecto faz uso do desenho para entender, conhecer e ver a paisagem, de modo a que a sua intervenção naquele território seja feita da melhor forma. No entanto, ambos recorrem à luz, à textura e ao tempo para enquadrar o objecto em estudo.

É um dos concelhos mais extensos do distrito do Porto, com 301,33 km2 de extensão, o que representa 16,452% da área total da região do Vale do Tâmega e Sousa[2]. Devido à sua localização no

1 SARAMAGO, José – *Viagem a Portugal*. 13ª edição. Lisboa: Caminho, 1997, pps. 29-34

2 Disponível em www.cimtamegaesousa.pt/#/municipios, [28 Março 2017]



[1] - localização geográfica de Amarante e indicação do corredor Porto - Amarante - Vila Real - Chaves



[2] - localização da Serra do Marão

corredor Porto – Amarante – Vila-Real – Chaves [1], que lhe atribui um papel importante na "Região do Vale do Tâmega e Sousa", tanto a nível cultural como económico e social.

Por estar protegida pelas serras da Aboboreira e do Marão [2] - por onde Saramago passa até chegar à cidade - Amarante encontra-se na fronteira entre o clima do litoral português e o clima da montanha ibérica. Correspondendo a um sector intermédio da bacia do Tâmega, "o limite do espaço municipal, quer a ocidente com os concelhos de Felgueiras e Lousada, quer a oriente, com os de Vila Real e Baião, quase se sobrepõem aos contornos físicos da bacia. As linhas divisórias de águas ajudam o homem a materializar os limites no terreno para melhor organizar a vida colectiva."[3] O território do concelho é fortemente marcado pelo relevo, que abrange tanto a altura da Serra do Marão (cota mais alta inserida no território: 1200-1400 m) como o ponto mais baixo do vale, o rio Tâmega (70 metros de altitude). As superfícies abaixo dos 100 metros de altitude, que seguem o rio, formam uma depressão ao longo do território que, ao cruzar-se com o vale do Tâmega, dá origem à bacia onde a cidade de Amarante está localizada.

O seu índice de conforto bioclimático está compreendido entre o confortável nos meses de Verão – com uma temperatura média do ar entre os 16-20º C e os meses de Julho e Agosto de fraca precipitação -, e o frio moderado no Inverno – onde as temperaturas oscilam entre os 2-6ºC e chove intensamente de Novembro a Março[4]. A existência de um

3 MARQUES, Bernardo; PEDROSA, António; PEDROSA, Fantina – Apresentação geográfica do concelho de Amarante. Entremuros - Revista Cultural de Amarante. Amarante. Nº 1 (Primavera/Verão 1990), p. 5

4 BRITO, Raquel Soeiro de - *Atlas de Portugal*. 1ª edição. Lisboa: Instituto Geográfico Português 2005. ISBN 972-8867-14-X, p. 55

clima de grande amplitude térmica com uma temperatura média do ar de 14ºC durante o ano contribui para uma grande afluência de visitantes, que acontece de forma contínua, em qualquer altura do ano.

Graças às condições climatéricas desta região, o território amarantino possui características adequadas para uma flora próspera e densa, sobretudo na zona do Marão; tais condições, em conjunto com os terrenos férteis nas margens do rio e restantes corpos fluviais da rede hidrográfica desta região, justificam a importância da agricultura como atividade económica de base da cidade, apesar de que, ao longo do tempo, foi perdendo a sua presença na economia amarantina.

A paisagem desta região encontra-se marcada pelas suas grandes áreas florestais, que encontram, ao longo do tempo, um diálogo equilibrado entre o natural e o construído da cidade ao longo do seu crescimento. A Serra do Marão faz parte da Rede Natura 2000 [2], uma rede ecológica de áreas de interesse da União Europeia que permite a conservação de habitats e espécies presentes nesses locais. A sua vegetação é "caracteristicamente atlântica, com espécies de folhagem caduca, típicas da Europa oceânica – que encontram em Portugal o seu limite meridional"[5]. Quer pelas serras ou pelo rio, Amarante convive em pleno com a sua flora, onde o "clima ameno e com abundante precipitação, bem como a alternância de meses mais húmidos e frescos com outros mais quentes e mais secos, permite uma grande gama de possibilidade de adaptação de plantas, ainda mais alargada pelo regadio e pelas condições pedológicas"[6].

Nesta região, a floresta ocupa 62% da superfície agro-florestal; está distribuída "de uma maneira regular por todas as freguesias, mas a

5 BRITO, Raquel Soeiro de - *Atlas de Portugal*. 1ª edição. Lisboa: Instituto Geográfico Português 2005. ISBN 972-8867-14-X, p. 65

6 MARQUES, Bernardo; PEDROSA, António; PEDROSA, Fantina – Apresentação geográfica do concelho de Amarante. Entremuros - Revista Cultural de Amarante. Amarante. Nº 1 (Primavera/Verão 1990), p. 7

mancha florestal mais ampla e contínua é a que corresponde às vertentes do Marão, onde predomina sobre as restante formas de ocupação do solo"[7], e é composta, sobretudo, por espécies de bétulas, carvalhos, castanheiros, cerejeiras, cedros, ciprestes, eucaliptos, pinheiros e sobreiros. Em 1916, por ordem do então presidente António do Lago Cerqueira, começa a ser plantado o Parque Florestal de Amarante, com a função de servir como viveiro no auxílio a florestação da Serra do Marão e da Serra Meia Via, para onde, desde os anos 20 até à atualidade, tem enviado vários espécimes. É uma das principais atrações da cidade, não só pela localização na margem do rio, adequada para momentos de lazer, mas também pelas diferentes espécies que ainda crescem neste viveiros[8].[9] O carvalho, o pinheiro e o eucalipto são as espécies dominantes desta região, não só devido à reflorestação de que a serra foi alvo, mas também graças às indústrias que precisavam de matéria-prima de rápido crescimento; o cultivo do eucalipto revelou-se danoso para os solos da região, pelo desgaste rápido dos terrenos em que é cultivado e pelo elevado risco de incêndio que esta espécie representa.[10]

A paisagem verdejante assume-se como pano de fundo da cidade, desde o centro histórico, banhado pelo rio e com o parque florestal a acompanhá-lo, até à periferia - por onde se estende até aos pontos de acesso para a auto-estrada –, onde se encontram os primeiros apontamentos de campos de cultivo intercalados pelo construído, até se transformar em plenas paisagens rurais, com grandes manchas arbóreas

7 MARQUES, Bernardo; PEDROSA, António; PEDROSA, Fantina – Apresentação geográfica do concelho de Amarante. Entremuros - Revista Cultural de Amarante. Amarante. Nº 1 (Primavera/Verão 1990), p. 8

8 Disponível em http://www.baixotamega.pt/frontoffice/pages/310?geo_article_id=136, [13 Maio 2017]

9 Neste caso, o Parque Florestal de Amarante não está inserido no conceito de paisagem natural, uma vez que precisou da ação humana para existir.

10 BRITO, Raquel Soeiro de - *Atlas de Portugal*. 1ª edição. Lisboa: Instituto Geográfico Português 2005. ISBN 972-8867-14-X, p. 154



[3] - imagem aérea da cidade de Amarante

que preenchem os limites entre freguesias. Onde a mancha de edifícios construídos apresenta maiores espaçamentos entre os lotes do que no centro histórico, devido ao seu crescimento difuso e expansivo, os vestígios de paisagem natural adquirem maior preponderância ao longo das principais vias de acesso e crescimento da cidade [3].

A implantação do primeiro conjunto de habitações na região não corresponde à localização atual do centro urbano da cidade. Esta zona, devido ao seu relevo pronunciado, não reunia as condições necessárias para a fixação eficaz de uma população, que carecia da presença de campos de cultivo para a sua sobrevivência e auto-suficiência. O rio apresentava-se simultaneamente como uma vantagem e um obstáculo: apesar de oferecer terrenos férteis ao longo das suas margens, o seu atravessamento não permitia uma comunicação directa entre territórios. Desconstruindo o nome do rio Tâmega, "Tam" significa "separação", o que sugere o papel do rio como elemento separador da cidade em duas margens[11]. A transposição do centro da cidade para a sua localização atual viria a ser feita mais tarde, com o aparecimento de S. Gonçalo no século XIII, que será contextualizado ao longo deste capítulo, o que justifica o facto de que as casas mais primitivas dentro do atual centro histórico pertençam ao século XVI ou XVII.[12] Do outro lado do rio, contudo, é possível afirmar que civilizações antigas se tenham fixado naquela região, graças aos vários vestígios encontrados, entre eles peças de cerâmica e túmulos.

Segundo Luís van Zeller Coutinho, a vila de Amarante surge, primeiramente, na localização actual da Paróquia de S. Veríssimo. O

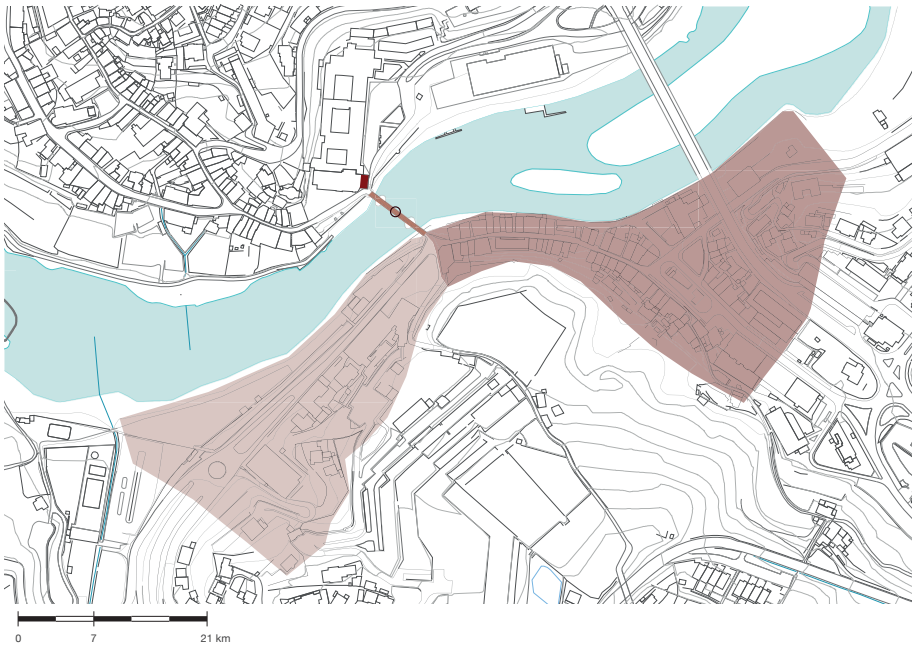
---

11 PINTO, Ricardo; GOMES, Paulino - *Amarante: uma ponte entre a História e a Natureza*. 1ª edição. Paços de Ferreira: Anégia Editores, 1997. ISBN 972-8266-05-7, p. 19

12 VAN ZELLER MACEDO, Luís - *Pequena História de Amarante* – 2ª edição. Amarante: Gráfica do Norte, 1993, p. 13



[4] - localização do primeiro conjunto habitacional da vila de Amarante



[5] - limtes dos concelhos de Gouveia (à esquerda) e Gestaçô (à direita)

Burgo amarantino já constava na Ordenações Afonsinas devido aos seus excelentes campos de cultivo, concentrados na zona de S. Lázaro e S. Luzia, e eram fertilizados pelos ribeiros adjacentes. Estes terrenos eram essenciais para as populações existentes da vila, que teria já conquistado o merecido reconhecimento pelos seus campos de cultivo. Assim, este primeiro assentamento fixa-se na margem do rio Tâmega, tirando proveito das suas margens e protegidas no seu vale pela Serra do Marão.[13] [4]

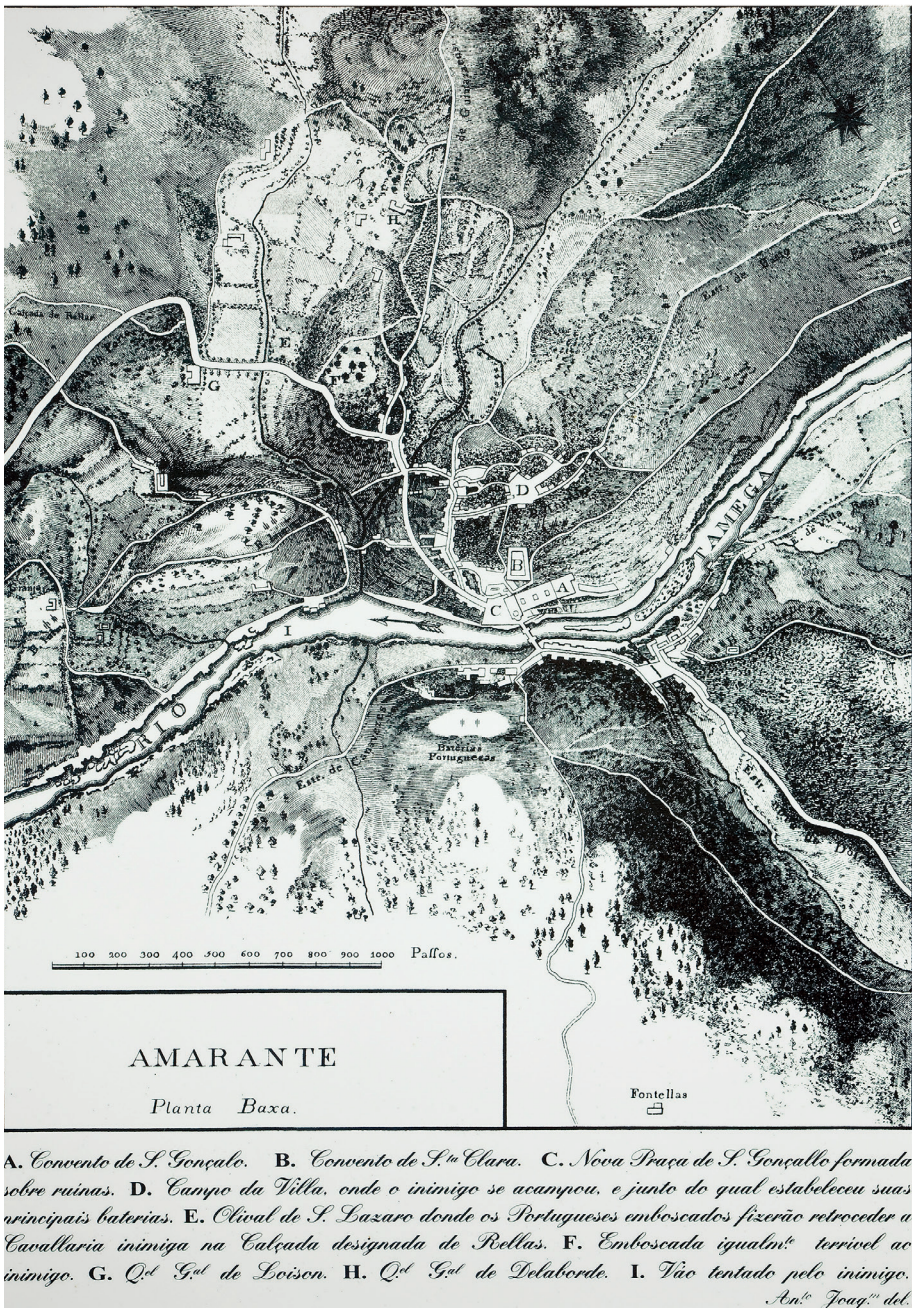
A história da cidade está intimamente ligada ao padroeiro da cidade e à sua ponte, conforme refere Saramago, quando se refere à ponte de S. Gonçalo de forma misteriosa, insinuando que "Esta há-de ter histórias".

No ano de 1250, quando o sacerdote chega à ermida onde viria a ser o centro da cidade, esta encontrava-se deserta. Nela se instalou numa pequena capela, ainda sem construções à sua volta. Este local passou a ser visitado por crentes de toda a região, que vinham escutar os seus sermões. Mais tarde, com auxílio dos habitantes da vila e dos frades dominicanos de Guimarães – cidade natal de S. Gonçalo – foi construída a ponte que permitiria atravessar o rio. Com a nova ligação, a população começou a construir as suas casas perto da ponte, iniciando-se assim o crescimento da vila, tendo em conta a importância do rio no seu quotidiano. Neste tempo, a ponte serviu como elemento unificador da vila de Amarante com os concelhos de Gouveia e Gestaçô [5]: a margem direita do rio pertencia à vila, enquanto que a esquerda se dividia em Gouveia e Gestaçô. No meio da ponte, existia um cruzeiro que demarcava a separação dos três territórios.[14]

---

13 VAN ZELLER MACEDO, Luís - *Pequena História de Amarante* – 2ª edição. Amarante: Gráfica do Norte, 1993, p. 11

14 PINHO LEAL, *Augusto – Portugal antigo e moderno : diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de portugal e de grande numero de aldeias* – Vol I. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1873, p. 189



[6] - planta da Vila de Amarante datada de 1809, aquando as Invasões Francesas

São Gonçalo viria a falecer a 10 de Janeiro de 1262, tornando-se o padroeiro da vila, substituindo o antigo padroeiro, S. Veríssimo. Séculos mais tarde, por volta de 1540, na mesma ermida onde S. Gonçalo pregava aos crentes, foi construída uma igreja monumental e um convento em sua honra; o local da capela-mor da igreja corresponde à capela onde o santo pregava os seus sermões em tempos e onde se encontra sepultado, sendo ainda hoje um local onde permanecem as visitas por parte dos crentes[15]. Este complexo religioso viria a ser um grande impulsionador na evolução da cidade[16].

Em 1763, a primeira ponte sobre o Tâmega desmorona-se e a cidade perde a travessia pedonal do rio durante 27 anos. Em 1782 foi iniciada a construção de uma nova ponte, no mesmo local da primitiva, da qual se aproveitaram os alicerces. A inauguração da nova ponte aconteceu a 1790[17]. Construída em granito, esta ponte serviu de palco para as invasões francesas [6], de 18 de Abril a 2 de Maio de 1809[18]. O Solar dos Magalhães, um edifício do século XVIII que pertencia à família Magalhães, é a ruína mais conhecida da cidade que, em conjunto com a ponte de S. Gonçalo, permanece como símbolo da bravura e resistência

15 PINHO LEAL, *Augusto – Portugal antigo e moderno : diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de portugal e de grande numero de aldeias* – Vol I. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1873, p. 188

16 VAN ZELLER MACEDO, Luís - Pequena História de Amarante – 2ª edição. Amarante: Gráfica do Norte, 1993, p. 14

17 É completa a 1791, devido ao processo de embelezamento da mesma para se enquadrar no contexto da igreja de S. Gonçalo - VAN ZELLER MACEDO, Luís - Pequena História de Amarante – 2ª edição. Amarante: Gráfica do Norte, 1993, pps. 19-20

18 CARDOSO, António - Marânus: Antologia de textos sobre Amarante: a terra e as gentes. 1ª edição. Amarante: Câmara Municipal, 1979, p. 94-95



[7] - “Planta de Reedificação da Memorável Villa d’Amarante”, 1809

do povo amarantino. Após a rendição perante o exército francês, a cidade foi incendiada e saqueada, deixando-a reduzida a uma "rua estreita torta e mal calçada por insignificantes travessas"[19].

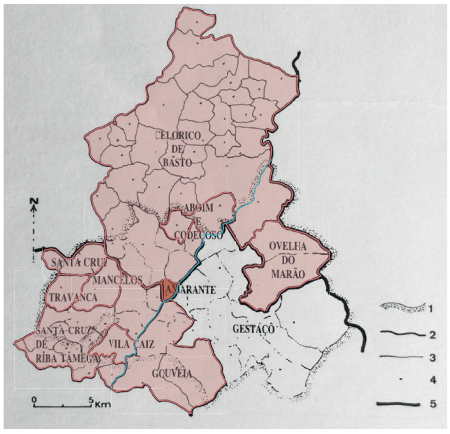
A 23 de Novembro de 1809 seria convocada uma reunião para discutir o "Plano de Reedificação da memorável Villa d'Amarante" [7]. O resultado da reunião traduziria-se, nomeadamente, na "elevação e alargamento do Largo do Arquinho e rectificação da entrada da Rua do Covelo para o que é necessário demolir 2 casas e a velha Igreja da Madalena. [O] Alargamento e arranjo do Largo de S. Gonçalo; abertura duma servidão para peões, ligando o Largo de S. Gonçalo à Igreja de S. Domingos e ao Terreiro das Freiras; abertura de uma nova rua com bastante largura para ligar a Rua de S. Gonçalo (hoje 5 de Outubro) a Stª Luzia, em terreno então sem casas. Era a futura Rua de Cândido Reis que ainda hoje é conhecida, pelos amarantinos mais idosos, por Estrada Nova."[20]. Nesta época, a vila fazia parte da Província do Minho, sendo circunscrita a Norte pelo concelho de Celorico de Basto, com os concelhos de Gestaçô (a Este) e Gouveia (a Sul) a partir do meio do rio Tâmega e com o concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega. Assim, "a área urbana da vila compreendia um terreno quase circular, com cerca de um quilómetro de diâmetro, medido desde a Rua da Ordem ao Queimado ou do Campo da Feira ao Calvário"[21], e a câmara municipal estava inserida num edifício na Rua de S. Pedro que viria a ser, mais tarde, a cadeia.

---

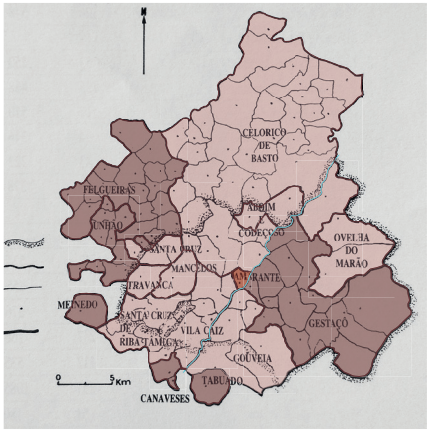
19 PINHO LEAL, Augusto – *Portugal antigo e moderno : diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de portugal e de grande numero de aldeias* – Vol I. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1873, p. 189

20 VAN ZELLER MACEDO, Luís - *Pequena História de Amarante* – 2ª edição. Amarante: Gráfica do Norte, 1993, pps. 59-60

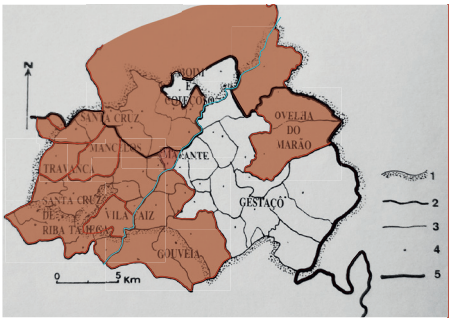
21 Idem, ibidem, p. 61



1801

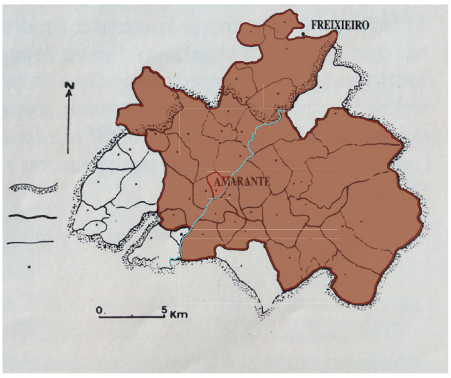


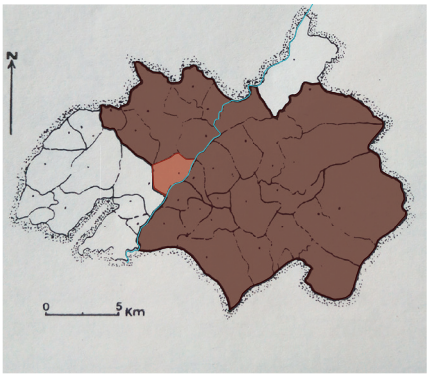
1833



1835

[8]- Evolução dos limites do concelho de Amarante, nos anos de 1801, 1833 e 1835





[9] - Evolução dos limites do concelho de Amarante, nos anos de 1836 e 1842

Ao longo da Rua do Covelo eram passíveis de serem encontradas entidades judiciais, municipais e religiosas pertencentes a três concelhos distintos. Até 1834 [8] esta disposição manteve-se: a rua principal era dividida em três jurisdições diferentes (Amarante, Gouveia e Gestaçô), visto que o limite da comarca de Amarante só se estendia até ao cruzeiro situado no meio da ponte de S. Gonçalo. Na outra margem do rio Tâmega situava-se a povoação de Covêllo que, a partir da rua principal, era dividida em dois concelhos: o lado esquerdo pertencia a Gouveia e o direito pertencia a Gestaçô[22].[23]

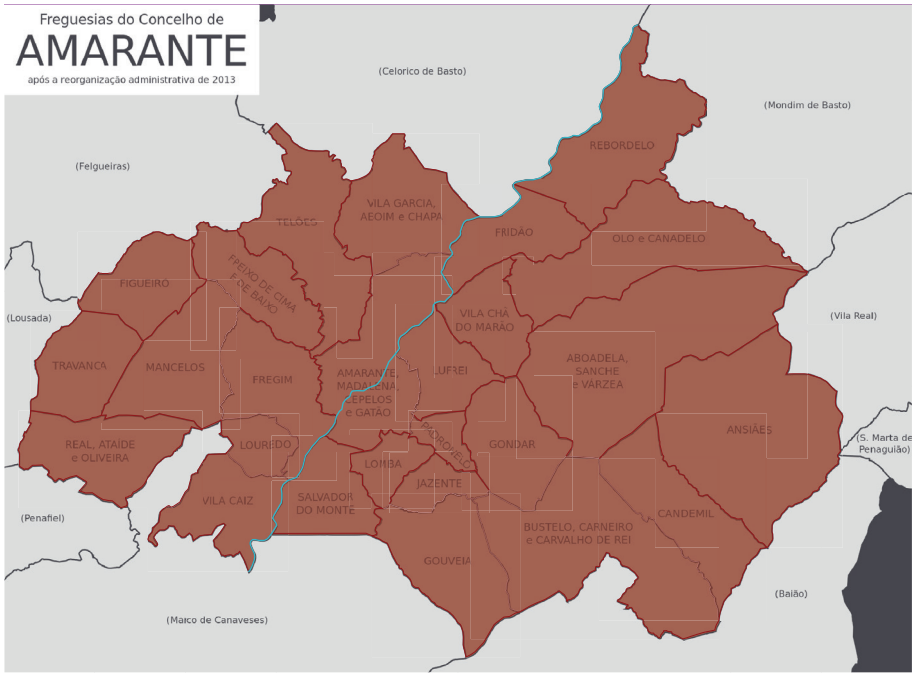
Para melhorar e uniformizar a administração municipal da vila de Amarante e dos concelhos adjacentes, estes foram aglomerados num só concelho [9] – que ainda não seria o de Amarante -, cujos limites incluíam Fervença, Castelo de Celorico e a Serra de Codeçoso a Norte, a Serra do Marão a Este, a Serra da Aboboreira e o Rio Odres e a Serra da Cumieira a Oeste; a vila encontrava-se no centro desse território quase circular, agora com 15 km de diâmetro. As fábricas de cordoaria e de couros ajudaram a angariar receitas para esta reforma administrativa.[24]

---

22 PINHO LEAL, Augusto – *Portugal antigo e moderno : diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de portugal e de grande numero de aldeias* – Vol I. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1873, p. 190

23 "O Largo do Arquinho, a nascente, (ou a Praça do Covelo, de mais remota referência) onde confluíam a Estrada do Douro, pela rua do Cabo, ou a velha Estrada de Trás-os-Montes, pelo Bairro da Feitoria e rua da Madalena, tinha a particularidade de nele se sediarem (ou haverem sediado) os dois concelhos de Gouveia e Gestaçô, com as respectivas casas, cadeias e pelourinhos. (A demolição dos pelourinhos é proposta em 28 de Maio de 1842)." in CARDOSO, António - *Amarante em meados do séc. XIX : território e sociedade. Obras públicas, arquitectura e urbanismo*. Amarante, 2009. ISBN 978-989-8141-26-2, p. 24

24 VAN ZELLER MACEDO, Luís - *Pequena História de Amarante* – 2ª edição. Amarante: Gráfica do Norte, 1993, p. 63



[10] - Limites actuais do concelho de Amarante, aquando a união de freguesias em 2013



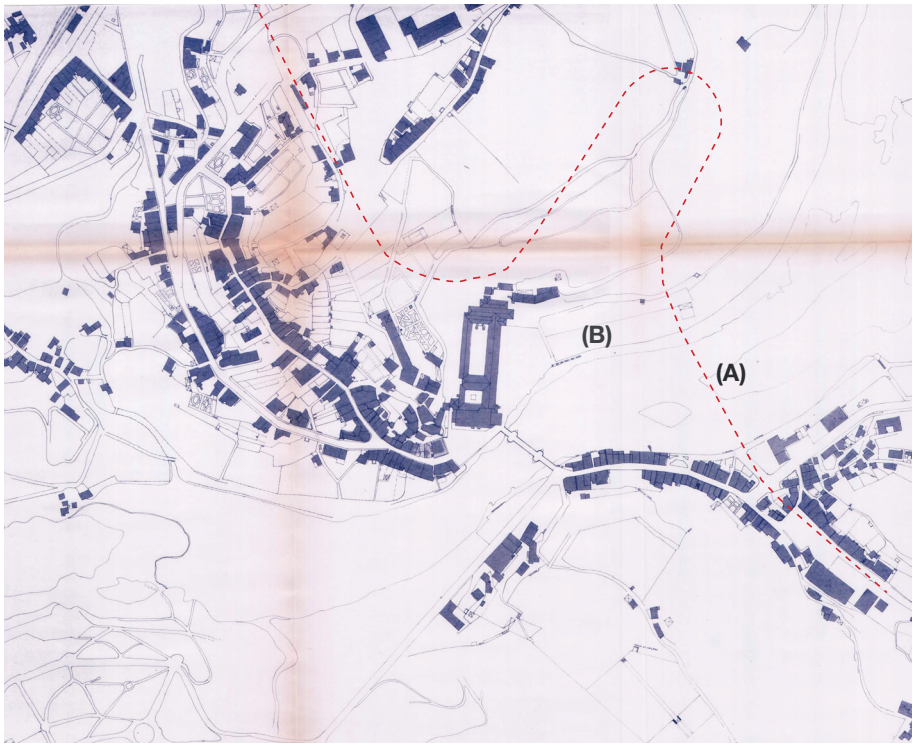
[11] - Cartografia da cidade datada de 1944

Em 1855, o concelho de Stª Cruz de Riba Tâmega foi extinto e após uma série de transformações, adições e subtrações de freguesias ao concelho, o limite actual [10] surgiria entre 1853 e 1855; os nomes das ruas, largos e praças não sofreram grandes alterações e foram surgindo segundo a função de cada um destes locais, o que fez com que a cidade levasse, no seu crescimento, a história da sua população.

Em 1887, dá-se a construção da Linha Férrea do Douro. A perspectiva da sua construção, em conjunto com os múltiplos recursos que a economia permitia explorar na época, já teriam auxiliado a recuperação da vila que, desde as invasões francesas, adquiriu um estatuto de fragilidade do qual ainda não havia recuperado. A Linha Férrea do Tâmega – de linha estreita que iria ligar a Linha do Douro a Arco de Baúlhe - seria um grande potenciador da cidade no início do século XIX, visto tratar-se de uma região com uma elevada dimensão populacional e uma grande produção a nível agrícola, mineira e florestal. Em 1909, com a inauguração da estação ferroviária de Amarante, a vila passou a fazer parte da ligação Chaves – Amarante – Porto.

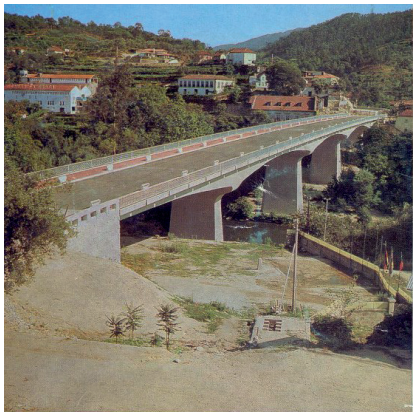
Em 1944 [11], a concentração do povoamento da cidade permitia "identificar uma tipologia de povoamento disperso, mais denso na freguesia de S. Gonçalo, junto ao rio, local a partir do qual se terá processado o preenchimento do espaço por construções, ladeando as estradas de saída da vila"[25] O contraste da ocupação das duas margens

25 AMARANTE CONGRESSO HISTÓRICO - História, Política, Sociedade e Economia - Vol. I Tomo II in Amarante Congresso Histórico 98: actas. Amarante: Câmara Municipal de Amarante, 2000, p. 596



[12] - Ocupação urbana da zona histórica de Amarante anterior a 1960, com indicação da futura localização da Estrada Nacional 15.

(A)



[13]- Inauguração da Ponte Nova, em 1967

(B)



[14] - Mercado Municipal de Amarante

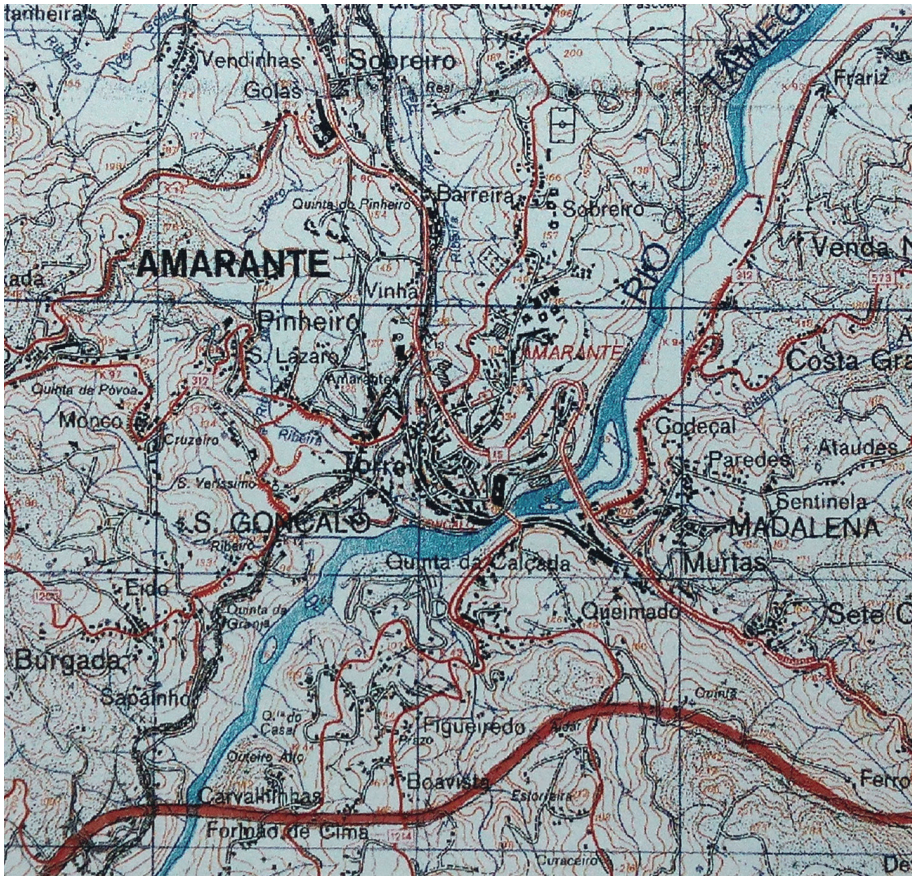
é fortemente notada: enquanto que a margem direita apresentava maior densidade ocupacional, a margem esquerda apresentava-se menos ocupada, devido aos obstáculos que os acentuados declives do Marão representavam para uma ocupação linear.

Nos anos 60, a cidade sofre uma expansão, graças ao crescimento económico que se sente na época, que a leva a afastar-se do centro histórico com a abertura da estrada nacional 15 [12], e tornou-se palco para a construção de um conjunto de projetos modernos. A longa extensão da estrada nacional sobre a cidade de Amarante impulsionou a construção de uma segunda ponte sobre o rio Tâmega [13], cuja construção foi iniciada a 1965 e o projecto é da autoria dos engenheiros Correia de Araújo e Campos de Matos. O desenho da ponte pertence ao arquiteto Januário Godinho, que já marcara a sua presença em Amarante em 1963, através do desenho do Mercado Municipal [14], adjacente a esta nova ponte.[26] Tanto a ponte como o troço da estrada nacional foram inauguradas a 24 de Setembro de 1967, que contou com a presença do Presidente da República Américo Tomás.[27]

> "O Mercado de Amarante, de 1960, situa-se a margem do Tâmega, em pleno centro da cidade, num terreno muito condicionado por acessos a diferentes cotas, acentuadíssimos desníveis e importantes massas arbóreas. Com visibilidade de diversos pontos, constitui-se como elemento fundamental de relação com o rio. (...) Todas estas

26 VAN ZELLER MACEDO, Luís - Pequena História de Amarante – 2ª edição. Amarante: Gráfica do Norte, 1993, p. 22

27 Nesse mesmo dia, o Presidente da República visitou as instalações do complexo industrial Tabopan.



[15] - Cartografia da cidade de Amarante em 1985

> componentes, complementadas por robustos elementos de suporte de cuidado desenho, por uma criteriosa escolha cromática e por uma adequada e espartana escolha de materiais, se abrigam, diria, naturalmente, sob a imensa cobertura concebida com uma delicada estrutura metálica. Nesta obra, simultaneamente forte e de grande subtileza, presença urbana, função e resolução formal, são tratadas como um todo uno, sem concessões a quaisquer desejos de procura de efeitos acessórios."[28]

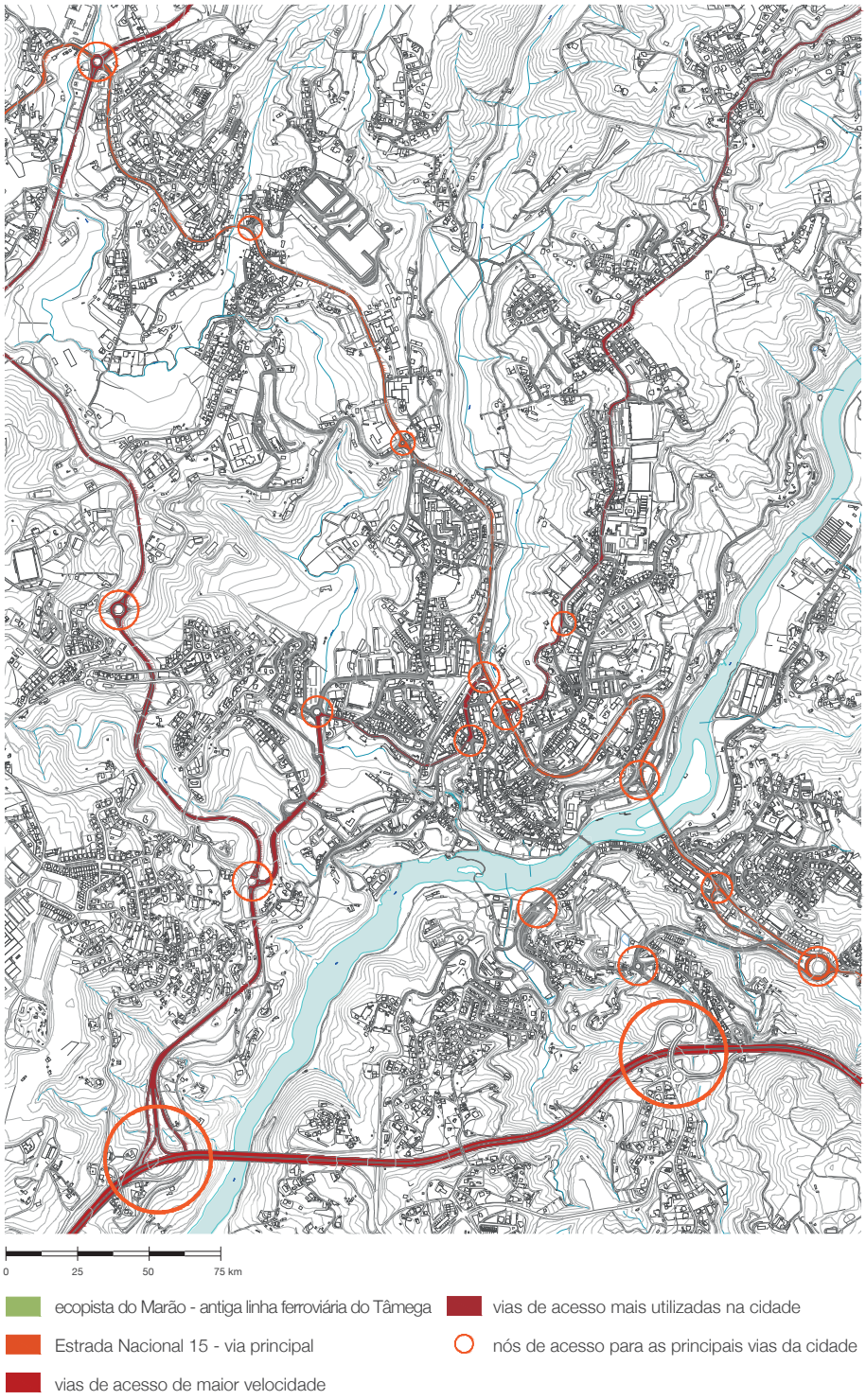
Em 1985, a expansão da cidade transforma-se numa ocupação concentrada ao longo das vias principais, "particularmente na direção da velha Estrada de Guimarães – decalcada hoje, em parte, pela EN15, e da Estrada de Basto ou, na sua designação atual, a EN20"[29] [15]. Na década de 90, verificou-se um aumento bastante expressivo da população, devido à influência que a EN15 exerceu sobre as freguesias da cidade que atravessava; esta influência foi mais notória na margem direita do Tâmega, na qual se verifica maior parte dos registos deste crescimento populacional, visto que, na margem esquerda, apenas as freguesias da Madalena, Cepelos, Padronelo e Gondar registaram mudanças positivas nos valores de crescimento demográfico, devido à sua proximidade com S. Gonçalo, a freguesia central da cidade.[30]

---

28 Sérgio Fernández in CARDOSO, Alexandra; SALES, Fátima; PIMENTEL, Jorge Cunha - *Januário Godinho : leituras do movimento moderno*. Porto : Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2012, pp. 56-57

29 AMARANTE CONGRESSO HISTÓRICO - História, Política, Sociedade e Economia - Vol. I Tomo II in *Amarante Congresso Histórico 98: actas*. Amarante: Câmara Municipal de Amarante, 2000, p. 600

30 Idem, ibidem.



[16] - Identificação dos principais acessos e nós da rede viária da cidade

A estrada nacional 15, também denominada por Estrada do Douro e Trás-os-Montes, é o elemento da rede viária da cidade que mais influencia a sua expansão desde os anos 60. Esta estrada funciona como um eixo [16] ao longo do qual a cidade se desenvolve, não só porque representa um elo de ligação entre o território das duas margens do rio, que une os extremos da cidade, mas também porque a maior percentagem de área construída da cidade se encontra nas freguesias por onde esta estrada passa até ao centro histórico. Actualmente, é possível observar que a cidade utiliza a EN15 como guia para o seu crescimento, que continua ao longo das vias em direção aos acessos para a auto-estrada, elemento que representa limites muito particulares a nível urbanístico.

Em paralelo com o desenvolvimento da rede viária e a partir da leitura morfológica da cidade, é possível encontrar uma organização hierárquica consolidada: no centro, verifica-se a ocupação de áreas comerciais muito direcionadas para artesanato, vestuário e mercearias, nomeadamente na rua Cândido Reis e na rua 31 de Janeiro, onde o Largo de São Gonçalo serve como ponto de encontro para o mercados de antiguidades que acontece aos sábados de manhã; os edifícios de habitação agrupam-se ao longo das vias de acesso ao centro urbano da cidade, assim como as áreas de uso escolar e hoteleiro; as maiores superfícies comerciais encontram-se na periferia, assim como os complexos fabris – os que ainda se encontram em funcionamento atuam em zonas próximas de grandes campos agrícolas, afastado das zonas de habitação e comércio. [17]

A estrada nacional 15 foi o elemento mais importante para a evolução da cidade até à capital de distrito, uma vez que a ligação Porto-Bragança, antes da existência da auto-estrada, se efectuava a partir deste troço. Assim, é possível compreender o porquê de a maioria dos edifícios que se encontram ao longo da EN15 serem espaços comerciais,



[17] - Identificação dos principais usos da cidade, ao nível da rua

incluindo a zona industrial na freguesia de Telões. É nesta zona industrial que se localiza o antigo complexo das Indústrias Tabopan, já à saída da cidade, próximo dos limites de Felgueiras e Celorico de Basto. Este complexo industrial marcou de forma permanente a freguesia de Telões: em frente a estes edifícios, a EN15 assume o nome Rua Dr. Agostinho Gonçalves Abreu, fundador da empresa Abreu & Cia que deu origem às indústrias Tabopan.



1 antigas fábricas Tabopan

2 antiga fábrica de laminados e edifício de escritórios das antigas fábricas Tabopan

3 Metalúrgica Matias Limitada

4 estação ferroviária de Amarante

5 Solar dos Magalhães

6 antigo Hospital de São Gonçalo

7 Adega Cooperativa de Amarante

8 Casa das Lérias

9 Confeitaria Lailai

10 antigas instalações da produção vinícola das Caves da Cerca

[18] - Identificação dos edifícios abandonados de maior destaque na cidade

1.2 Abandono - Construção

> "Seja qual for a "conversão entre "protagonistas" (gestos de identidade, sinais constantemente trocados, coro de vozes pouco a pouco acrescentadas), o cimento da cidade consiste no tecido de construções contínuo e aparentemente banal, feito de repetição e de contenção, de cuja vivência depende afinal a necessidade de monumentos."(31)

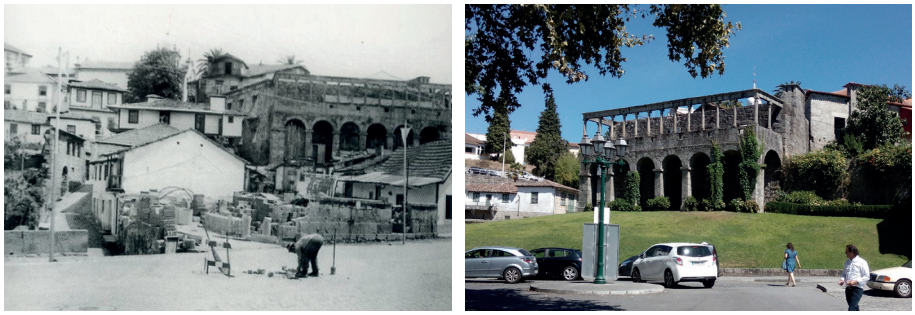
As necessidades da cidade mudam com o seu desenvolvimento. Edifícios que, outrora, eram elementos importantes para a rotina da cidade, tornam-se desnecessários, uma vez que não acompanham a expansão da cidade. Paralelamente, edifícios projectados para necessidades futuras da população encontram-se igualmente abandonados, muitas vezes devido à falta de meios económicas para levar a cabo a sua construção total, ao longo das ruas da cidade, sem um futuro definido porque, na realidade, não eram necessários. Estes edifícios relembram aos seus habitantes o problema de excesso de construção que pode vir a descaracterizar a cidade, uma vez que não consideram o seu passado histórico, e "... se o passado é, por definição, algo de imutável, aquilo que pelo contrário muda e se transforma é o conhecimento que dele cada geração aprende."(32). Reversamente, reavivar a sua memória de forma gratuita poderá levar ao engano do observador. É importante que os habitantes não desistam da sua cidade e aceitem a ruína como elemento característico da cidade.

Neste capítulo serão estudados os edifícios que estão mais ligados ao seu desenvolvimento, que deixaram uma grande marca na malha da cidade, desde o centro histórico até às antigas fábricas da Tabopan, exemplo mais significativo deste abandono [18]. Este estudo permite perceber a realidade actual de Amarante perante a presença de edifícios abandonados, e a resposta da cidade para o futuro destas construções.

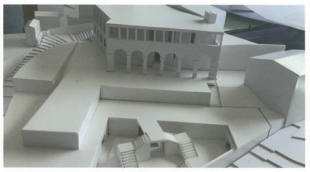
---

31 SIZA VIEIRA, Álvaro - *01 textos.* Porto : Civilização, 2009. ISBN 978-972-26-2923-2, p. 177

32 CANNATÀ, Michele; FERNANDES, Fátima - *Construir no Tempo = Building upon time*. 1ª edição. Lisboa : Estar, 1999. ISBN 972-8095-67-8, p. 11



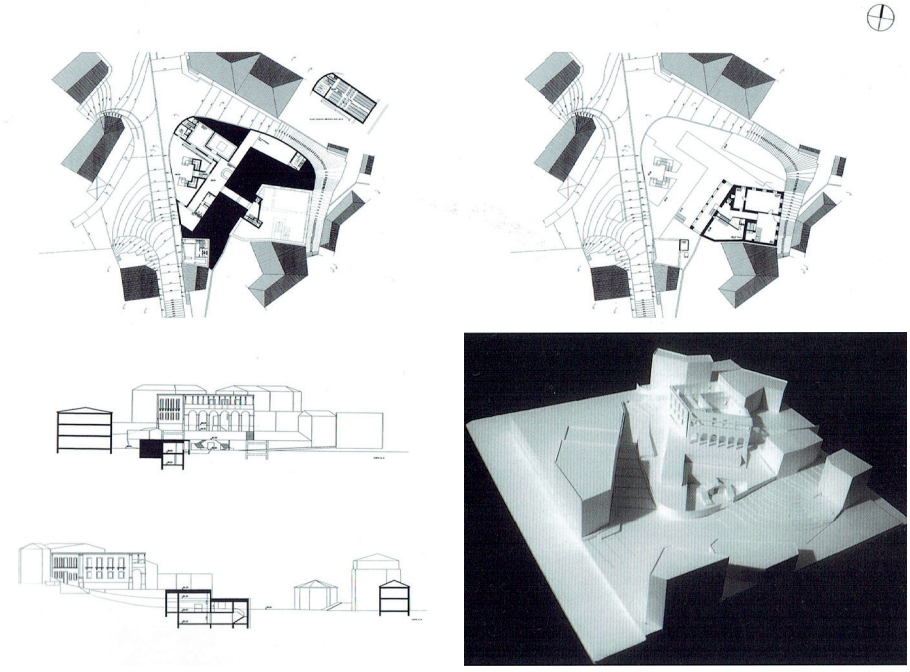
[19]- Solar dos Magalhães - antes e depois da desobstrução do largo onde se localiza



Solar dos Magalhães será Casa da Memória de Amarante

Reabilitar o Solar dos Magalhães e refuncionalizar o edifício e a envolvente, para o novo museu da história de Amarante, não podia ser mais simbólico, uma vez que o próprio solar faz parte dessa história. Mas, contar com o Arquiteto Siza Vieira para concretizar o projeto é fechar com chave-de-ouro o destino final do Solar dos Magalhães. A Casa da Memória de Amarante será um espaço museológico onde se irá contar a história e as estórias da nossa terra, com vista a preservar e valorizar o nosso património. Recorde-se que o Solar dos Magalhães tinha sido cedido à Fundação Rei Afonso Henriques, para ali instalar a sua sede e que, por sua vez, contratou o Arquiteto Siza Viera para desenvolver o projeto. Em 2015, o Município conseguiu negociar com a Fundação a transferência de direitos sobre o projeto, assim como a sua reformulação, junto do destacado arquiteto.

[20] - Notícia no documento informativo “Amarante - Informação Municipal”



[21] - Projecto do arquitecto Álvaro Siza Vieira para a reabilitação do Solar dos Magalhães - 1999

Devido às dimensões da cidade, onde cada edifício desempenha um papel no quotidiano colectivo da população, a existência de edifícios abandonados nos locais mais visitados predomina, aparentemente, como um problema sem resolução urgente. Os edifícios abandonados mais simbólicos da cidade já fazem parte da memória colectiva dos habitantes como cenário, edifícios sem função, mas que contam uma história. Actualmente já cativa a atenção das entidades responsáveis.

O abandono gera, com ou sem intenção, uma expectativa em relação aos edifícios. Uma vez que a sua função inicial desaparece, surge uma nova dúvida: o que irá acontecer a seguir. Existe uma série de hipóteses, cuja concretização depende do estado das construções até ao momento em que existe uma decisão de intervenção, desde a reabilitação (total ou parcial) até à sua demolição. Até aí, o edifício fica expectante, mas permanece e participa no quotidiano da cidade apenas pela sua presença.

Em Amarante, o abandono de edifícios não foi causado por um único motivo, como por exemplo o turismo, actividade que, actualmente, leva os habitantes da cidade a abandonar o centro histórico em prol de uma maior exploração deste edifícios para alojamento temporário. Nesta cidade, as causas vão desde problemas económicos que resultaram na falência de empresas até ao abandono de estruturas durante a sua construção.

Um dos edifícios abandonados mais conhecidos em Amarante é o Solar dos Magalhães [19], uma casa senhorial que remota ao século XVI, que permanece até aos dias de hoje no topo do Largo de Santa Lúzia. Símbolo da resistência dos amarantinos, durante as Invasões Francesas, este edifício possui um valor histórico e simbólico, uma vez que ele representa um episódio importante da história da cidade. Em 1997, Álvaro Siza projecta a sua reabilitação, a pedido da Fundação Afonso Henriques; em 2017, o projecto é anunciado como “Casa da Memória de Amarante” [20] [21].



[22] - Fachada da Confeitaria Lailai, actualmente





[23] - Casa das Lérias, em 1957 e em 2017, respectivamente

No caso deste edifício, o seu futuro permanece ligado à memória da cidade e ao seu passado, não só como elemento demonstrativo da história, mas também como local de arquivo e preservação, tornando-se um exemplo na recuperação de um edifício abandonado tão importante para a cidade.

Com o abandono, vem a nostalgia: a permanência da lembrança do passado ao longo da cidade reside nos edifícios abandonados, cujos espaços servem de cenário para relembrar as memórias individuais de cada habitante, pertencendo-lhe para sempre. No centro histórico, existem dois edifícios abandonados que deixam os habitantes nostálgicos, devido à sua participação na vida social amarantina no passado. Famosa pela sua tradicional doçaria, primeiramente conventual e restrita ao Convento de Santa Clara, e depois partilhada com a população, Amarante ficou também conhecida pelas suas pastelarias.

Nos anos 50 e 60, a Confetaria Lailai [22] e a Casa das Lérias [23] eram dois pontos de paragem obrigatória para qualquer pessoa que visitasse a cidade. Eram negócios prósperos, localizados nas principais ruas, que viriam a conhecer o seu destino aquando a morte dos seus proprietários, a D. Lailai e o Sr. Alcino Reis, respectivamente. Devido à falta de sintonia na negociação entre os herdeiros, estas casas foram encerradas, enquanto o seu futuro não fosse decidido em concórdia. A Confeitaria Lailai encontra-se encerrada até aos dias de hoje, e da rua pode ver-se o seu interior empoeirado e um relance da vista sobre o rio. A Casa das Lérias mantém os pisos superiores encerrados, enquanto que o piso de rés-do-chão é utilizado periodicamente, quando a cidade necessita de um espaço de localização central e com vista privilegiada.

A Casa das Lérias era visitada por José de Abreu, fundador das Indústrias Tabopan, quando este tinha ainda 16 anos. Reunia-se com o celebrado poeta Teixeira de Pascoaes e seus irmãos na varanda desta





[24] - antiga estação ferróviária - 1909 e 2017

pastelaria, passando tardes da sua juventude em tertúlias que relembra com saudade[33]

Por se tratar de um passado recente, a população sente estes casos de abandono, não só pelo papel que desempenharam na economia amarantina mas também por terem sido locais de encontro, partilha, reunião de famílias, amigos e visitante que ajudaram a construir, involuntariamente, uma memória colectiva.

Embora o seu abandono, estes espaços têm sido aproveitados para responder às necessidades da cidade, oferecendo também uma qualidade de mistério, que poderá ser alvo da indústria cultural[34]. No primeiro edifício, o Solar dos Magalhães, as suas fachadas servem actualmente como cenário para eventos, palco para concertos ao ar livre e encenações de episódios históricos enquanto o projecto de reabilitação não é iniciado. A Confeitaria Lailai mantém-se encerrada, servindo apenas como montra de uma memória passada. Na Casa das Lérias, o piso térreo é utilizado esporadicamente, oferecendo um espaço amplo com varanda sobre o rio para utilizações temporárias. Apesar de servirem a cidade, é necessária a recuperação das suas estruturas.

A Linha do Tâmega encontrou também um novo propósito para a cidade. Adjacente à antiga estação ferroviária [24], inaugurada a 1909, foi abandonada aquando o fecho da ligação entre Amarante e Arco de Baúlhe em 1990, devido à fraca utilização desta linha, uma vez que a ligação com a estação da Livração apresentava maior praticabilidade a nível de trajecto. Em 2009, a ligação entre Livração-Amarante é encerrada,

33 ABREU, José Gonçalves de - *Na Incerteza dos Meus Passos.* Acessível nos Parques Empresariais do Entre Douro e Tâmega, Amarante, Portugal, p.6

34 CHOAY, Françoise - *A Alegoria do Património*. 2ª edição. Lisboa : Edições 70, 2010. ISBN 978-972-44-1274-0, p. 184





[25] - quartel de artilharia é reaproveitado para albergar o antigo Hospital de São Gonçalo

fechando de forma permanente a estação ferroviária de Amarante. Este é um exemplo de um edifício permanentemente abandonado, servindo apenas como ponto de partida para a Ecopista do Tâmega, projecto de recuperação da pegada deixada pela Linha do Tâmega no território amarantino, sendo aí construída uma ciclovia, que continua a ligar Amarante a Arco de Baúlhe. Neste exemplo, não foi o edifício que foi recuperado, mas sim o percurso que servia, o que pode funcionar de forma recíproca: a utilização da ecopista pelos habitantes da cidade fará surgir, a longo prazo, um propósito para o espaço da antiga estação ferroviária, e, consequentemente, a sua recuperação.

O próximo edifício a ser estudado é o antigo Hospital de S. Gonçalo [25], instalado em 1961 nas antigas instalações de um quartel de artilharia, cuja construção original fora ampliada para receber o hospital[35]. Antes de ser utilizado como hospital, serviu para albergar as instalações temporárias das indústrias da Sociedade Abreu & Companhia, Lda., após um incêndio em 1937 ter destruído a unidade fabril[36].

Abandonado em 2007, as instalações do hospital já não respondiam às necessidades actuais dos habitantes da cidade devido à falta de espaço. Com a construção de um novo complexo hospitalar mais eficiente - o Hospital de Amarante - embora mais distante do centro da cidade, colocou o Hospital de S. Gonçalo ao abandono, situado no cruzamento em frente à Avenida General Vitorino Laranjeira. Embora se encontre numa situação expectante como os exemplos anteriormente referidos, este edifício não possui qualquer perspectiva de futuro. É urgente pensar sobre este edifício, devido à sua dimensão e da sua presença no quotidiano da cidade.

---

35 Disponível em http://www.chtamegasousa.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=11&Itemid=29 [05 Abril 2017]

36 ABREU, José Gonçalves de - *Na Incerteza dos Meus Passos.* Acessível nos Parques Empresariais do Entre Douro e Tâmega, Amarante, Portugal, p.11



[26] - antigas fábricas das indústrias Tabopan: contraste entre o passado e o presente



[27] - antiga fábrica de laminados das indústrias Tabopan e respectivo edifício de escritórios: contraste entre o passado e o presente



escala 1:20 000

[28] - Tâmega Park

Todos estes exemplos fazem parte de um grupo de construções abandonadas que, até aos dias de hoje, são necessários para perceber a evolução da cidade e a sua resposta ao abandono.

Dentro deste grupo inserem-se também as antigas fábricas das indústrias Tabopan [26 e 27]. Quando a empresa interrompeu a sua produção, em 1986, as fábricas foram encerradas, até nova decisão sobre o seu futuro. Uma das últimas fábricas a ser construídas neste antigo complexo industrial, na cota mais elevada, foi alvo de reabilitação pelos Parques Empresariais do Entre Douro e Tâmega [28], dando à cidade um local para as empresas amarantinas se desenvolveram, oferecendo uma grande variedade de espaços adequados para qualquer tipo de necessidade. Apenas uma fábrica deste complexo ainda se encontra em funcionamento - a Tabopan II -, concentrando a sua produção em laminados de madeira; as restantes fábricas encontram-se em ruínas e, embora o seu estado de degradação seja avançado, ainda permite imaginar o seu passado. Por ter sido a maior fonte económica dos anos 60 e 70, os habitantes ainda recordam os tempos de funcionamento da fábrica, que proporcionavam a toda a cidade não apenas segurança económica, mas também momentos de lazer, com a organização de *rallys*, orquestra e grupo de teatro - tudo patrocinado pelas Indústrias Tabopan.

Numa leitura conjunta, os edifícios em Amarante indicam os vários estágios da cidade ao longo do seu crescimento, e a sua preservação e recuperação são fases fundamentais para que a história não seja perdida. Importa reflectir sobre os edifícios abandonados na estrutura da cidade como resposta às necessidades futuras da população, que esperam por voltar a entrar do quotidiano dos amarantinos, em vez de apostar em construir novos edifícios e impingir à cidade uma ocupação mais densa do que o necessário.

2. O PERCURSO - ligação entre o centro e a cidade
2.1 Da cidade à fábrica

> "O espraiamento do tecido construído via alterando o sistema de relações; há um perpétuo movimento que tende a refazer o equilíbrio da cidade.
>
> Esse movimento encontra ritmos diferentes em New York ou em Amarante; mas existe sempre, como existe entre cidades e regiões, entre Natureza e Construção. A acção do arquitecto habita o interior dessa perpétua deslocação."[37]

Amarante, devido à sua localização geográfica, é, desde cedo, um importante ponto estratégico para a região do Tâmega. Referência de passagem obrigatória, quando ainda se apresentava como uma vila de pequenas dimensões, a cidade servia como ponto de convergência e passagem para os concelhos vizinhos; em 1809, a Ponte de S. Gonçalo é palco da defesa da vila perante as Invasões Francesas; cem anos mais tarde, em 1909, com a inauguração da estação ferroviária da Linha do Tâmega, a vila dá um passo em frente no seu desenvolvimento económico, com a sua inserção no corredor ferroviário que ligava Chaves – Amarante – Porto. Atualmente, com o estatuto de um dos mais extensos concelhos do distrito do Porto, a rede viária da cidade atribui-lhe a praticabilidade necessária para explorar exponencialmente os recursos que possui, nomeadamente a indústria, o turismo e a cultura, graças à intersecção da EN15 (estrada nacional 15) com a A4 (auto-estrada que liga o Porto a Bragança), e ao IP4 (itinerário principal que liga Amarante a Vila Real, cujo acesso é feito longe do centro da cidade), mantendo a cidade, nos dias de hoje, como um ponto obrigatório de passagem no norte do país[38].

---

37 SIZA VIEIRA, Álvaro - *01 textos.* Porto : Civilização, 2009. ISBN 978-972-26-2923-2, p. 177-178

38 PINTO, Ricardo; GOMES, Paulino - Amarante: uma ponte entre a História e a Natureza. 1ª edição. Paços de Ferreira: Anégia Editores, 1997. ISBN 972-8266-05-7, p. 12



[29] - Centro da cidade de Amarante, visto a partir da Ponte Nova (EN15)



[30] - Pavimento do Largo de São Gonçalo

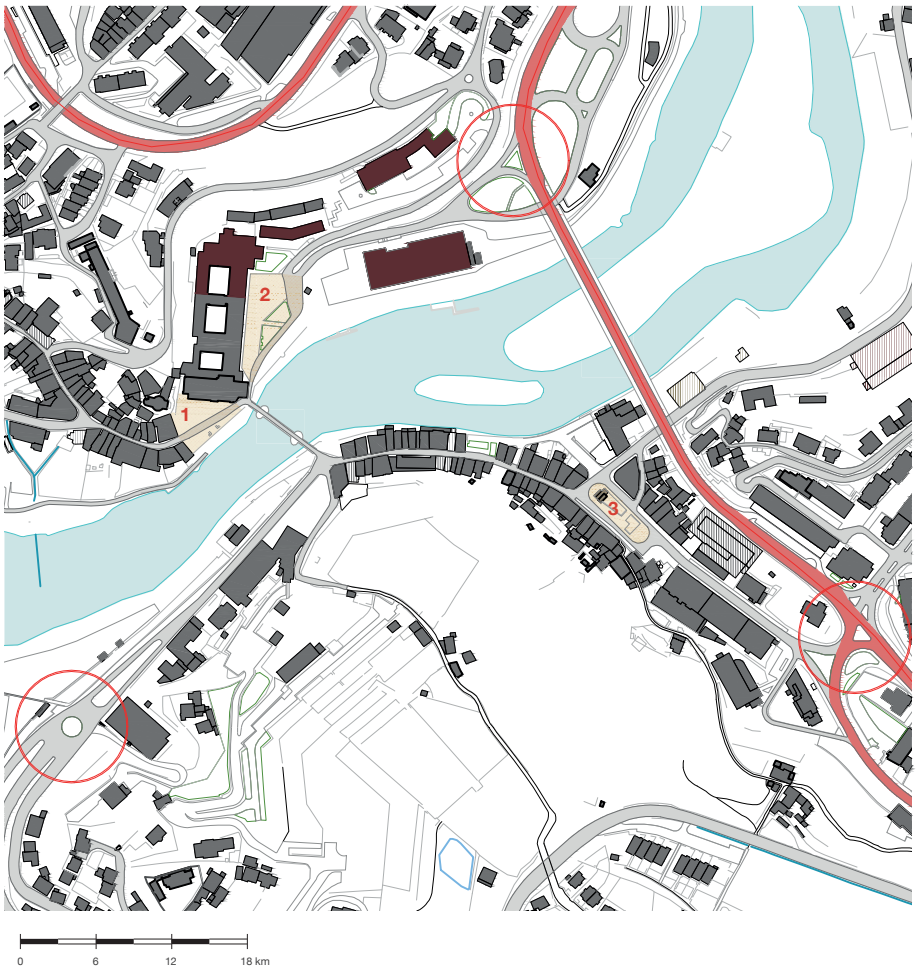
A organização da estrutura da cidade de Amarante é consequente das curvas de nível do território e "prossegue a par e passo com a dupla metamorfose do urbano e do rural, numa matriz geográfica que herdou do passado longínquo a lógica do povoamento denso e disperso e a escala miúda do minifúndio. (...) chegaram as auto-estradas e à medida que a sociedade intensifica o uso das suas próteses tecnológicas para vencer o atrito da distância, a "cidade" – entendida como intensificação de vida em conjunto e da sua organização – continua algures na sua geografia instável e mais ou menos trivial".(39)

Devido ao contexto histórico da cidade, é possível afirmar que a construção da primeira ponte da vila e consequente abertura da rua que a atravessava marca o início da expansão do que mais tarde viria ser a cidade de Amarante; é assim estabelecido um ponto de partida, a origem da cidade [29]. O Largo de S. Gonçalo é, desde cedo, considerado o ponto central da cidade, albergando o edifício religioso mais importante da história da cidade, que acompanha a evolução de Amarante, que ajuda a manter este espaço equilibrado, consolidado e como ponto de distribuição para as ruas principais. Em 2012, o largo é alvo de reabilitação, cuja autoria se deve ao arquiteto Fernando Távora, que reproduz a fachada do mosteiro no pavimento da praça [30]. Esta acção permitiu um novo plano de leitura da fachada ao visitante; nesta operação de reabilitação urbanística, o Largo do Arquinho é também alvo de intervenção, uma vez que são feitas descobertas arqueológicas que viriam a justificar a sua toponímia.(40)

---

39 PORTAS, Nuno – *Políticas urbanas II : transformações, regulação e projectos*. Lisboa: FCG, 2011. ISBN 978-972-31-1382-2, p.118

40 "Construção que aponta para o século XIII, foi posta a descoberto na sequência dos trabalhos arqueológicos efetuados, no âmbito do arranjo urbanístico do Largo Conselheiro António Cândido e Rua António Carneiro. Revestindo-se de uma importância histórico-patrimonial inegável, esta ponte de granito, com um arco de volta perfeita, que atravessava a Ribeira de Padronelo, tem a designação que deu nome ao Largo: Arquinho." in http://www.cm-amarante.pt/pt/ponte-do-arquinho [29 Outubro 2016]



[31] - relação entre os principais espaços públicos do centro da cidade: o Largo de S. Gonçalo (1), a Alameda Teixeira de Pascoaes (2) e o Largo do Arquinho (3)

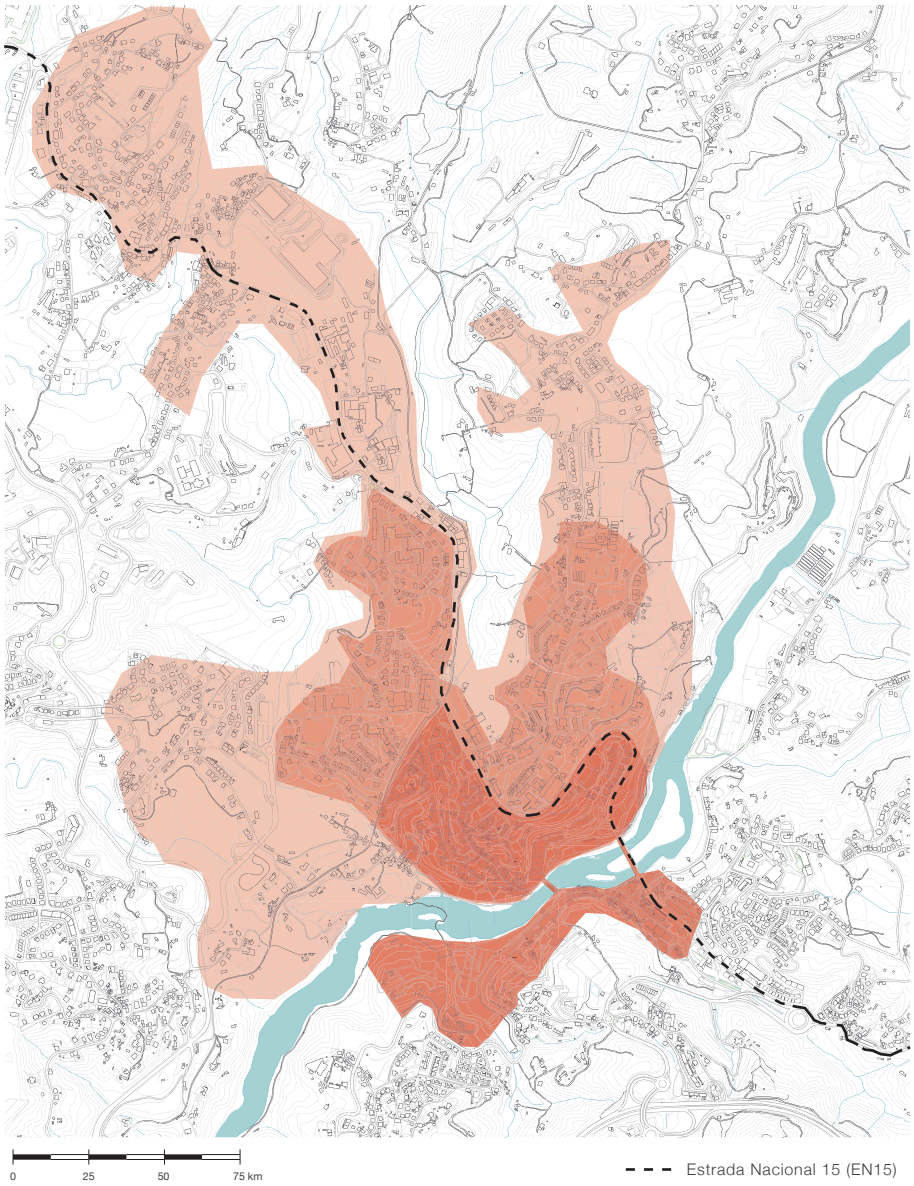
É neste núcleo central que se encontra o conjunto de espaços públicos mais importantes da cidade: o Largo de S. Gonçalo, a Alameda Teixeira de Pascoaes e o Largo do Arquinho [31]; os dois primeiros são adjacentes ao mosteiro, ocupando as suas fachadas exteriores e respondendo às necessidades da igreja, da câmara municipal, do quartel e do mercado, enquanto que o terceiro encontra-se na outra margem do rio e serve como espaço distributivo para o trânsito e comércio local. Estes espaços encontram-se unidos por um elemento: a ponte de S. Gonçalo. Estes três lugares representam o ponto central da expansão da cidade, não só pelas suas funções como espaço público[41] mas também porque delas surgem as ruas principais do centro histórico, respectivamente a Rua 5 de Outubro, a Rua Capitão Augusto Casimiro e a própria Alameda que se estende até ao cruzamento com a Avenida 1º de Maio, a Rua 31 de Janeiro e a Rua António Carneiro.

O centro histórico propõe o cenário tranquilizante, para que o habitante possa desfrutar de uma sucessão de espaços públicos de origem medieval, percursos estes que entre eles são acompanhados por manchas de edifícios compactos, onde os intervalos permitem mostrar uma nova perspectiva para o rio.

Assim, a cidade de Amarante aproxima-se do modelo de ***cidade portuguesa***[42], caracterizado pelo centro da organização do território, onde se encontra a cidade com os edifícios mais antigos de menor escala em volta de um monumento de maior dimensão simbólica e escala, em conjunto com o comércio mais tradicional, enquanto que o resto da cidade se expande numa linguagem mais recente e que vai

41 PORTAS, Nuno – Políticas urbanas II : transformações, regulação e projectos. Lisboa: FCG, 2011. ISBN 978-972-31-1382-2, p.20

42 Idem, ibidem, p.23



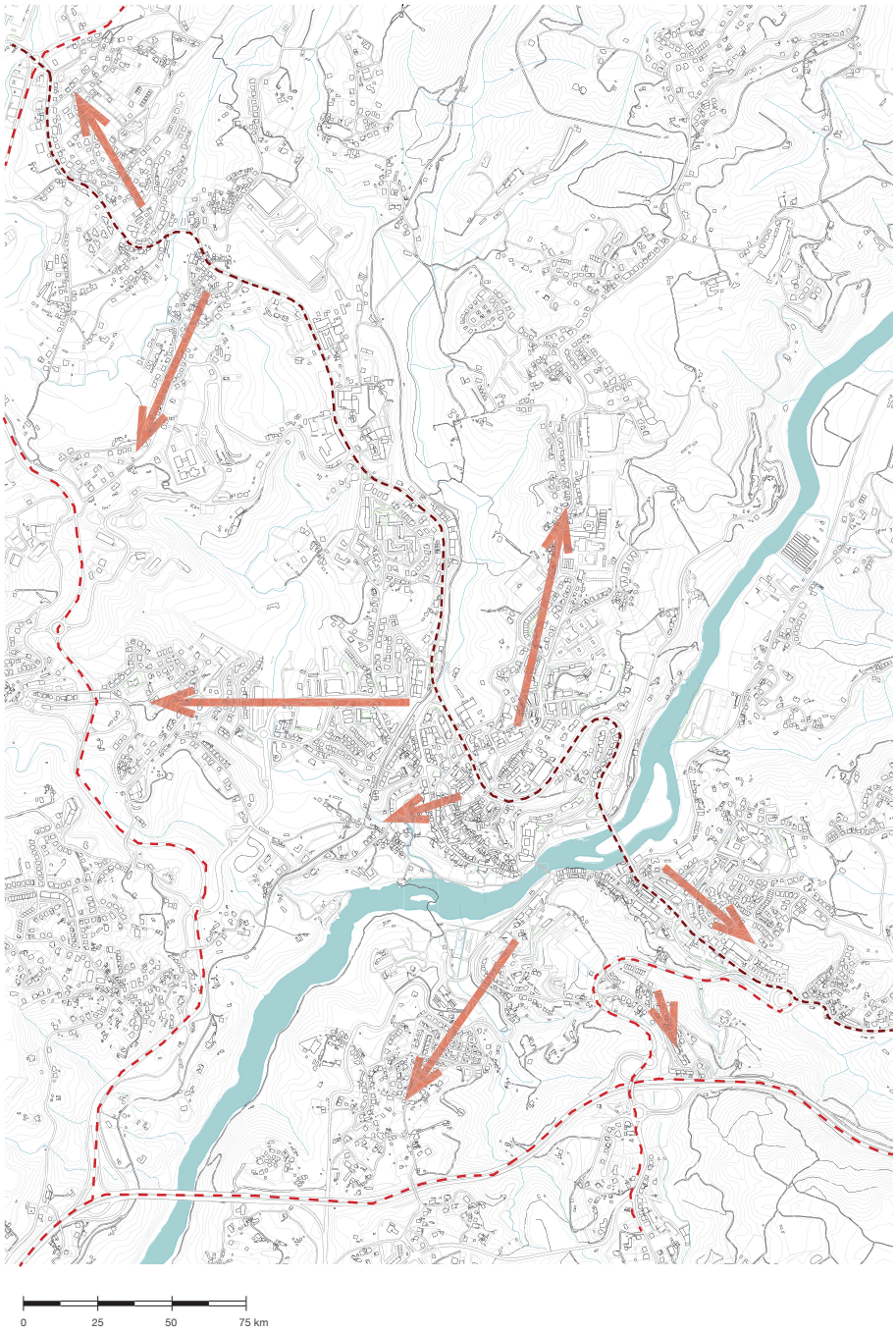
[32] - densidade do edificado em relação com a função atribuída aos edifícios: quanto mais se afastam do centro, a sua dimensão aumenta, mas a função passa a ser secundária

aumentado de escala à medida que se afaste do centro histórico. Tendo como ponto de partida o núcleo histórico, a cidade desenvolve-se de forma rádio-concêntrica, utilizando a rede viária como “linhas-guia” para o seu crescimento.

Actualmente, seguindo a Estrada Nacional 15 (EN15), as construções desenvolvem-se numa lógica sustentada pela relação dimensão – função - difusão [32]. O visitante é confrontado, desde a Rotunda da Vinha até à Ponte, com uma ocupação mais densa e edifícios de menor escala, estes são mais importantes como ponto de referência, inseridos num planeamento associado à construção das ruas. Na margem direita do Tâmega é possível notar o papel desta estrada como fronteira entre a malha medieval da cidade e a malha nova e dispersa do resto da cidade, com edifícios comerciais e habitacionais de maior dimensão.

A periferia desenvolve-se a partir do cruzamento da EN15 com a N412, onde a ocupação apresenta-se menos densa, a dimensão dos edifícios mantém-se em relação ao centro histórico, mas os edifícios são sobretudo de uso comercial e habitacional.

Ao chegar à rotunda que antecede o complexo abandonado das Indústrias Tabopan (o objecto de estudo deste trabalho), na freguesia de Telões, a paisagem é composta sobretudo por campos agrícolas, edifícios industriais, comércio pontual e habitações plurifamiliares. Esta zona intermédia, de ocupação dispersa, estende-se em direcção à macro-estrutura viária da cidade, e, como se encontra no limite do concelho de Amarante, serve como acesso para a auto-estrada ou de conexão com a cidade vizinha da Lixa, pertencente ao concelho de Felgueiras.



[33] - tendência de crescimento da cidade perante a macro-estrutura viária

A sua expansão aconteceu numa lógica de apropriação ao longo da EN15, a partir da qual se dispõe de um leque muito diverso de serviços, que a torna numa "linha de referência", na qual o habitante depende para usufruir de serviços que, embora não se enquadrem no contexto da cidade histórica, quer devido à sua dimensão ou à sua função, estão inseridos no quotidiano dos habitantes graças à centralidade desta via.

A rede viária da cidade possui aqui um papel de grande importância para a expansão da cidade [33]. As vias rodoviárias passaram a fazer parte do próprio limite do centro histórico, do qual fazem parte os principais nós dessa rede, indicando uma preocupação constante em manter o núcleo da cidade acessível e com uma circulação fluída de pessoas e veículos. Uma vez que os serviços municipais e culturais de maior importância pertencem a esta área, desde os primeiros estágios de crescimento da vila, a localização da construção de uma segunda ponte seria evidente, uma vez que, dois anos antes, teria sido construído o mercado municipal.

Consequentemente, a cidade cresce em direção à macro-estrutura viária adjacente à cidade, o que define a hierarquização do território segundo a localização dos seus nós, uma vez que estes se situam em lugares propícios a grandes fluxos de movimentos e de grande importância estratégica.[43] Quanto maior for a distância ao centro histórico, maior é a dicotomia entre a realidade urbana e a realidade rural: a realidade que se encontra fora do centro histórico apresenta uma cidade organizada em núcleos, fruto de uma expansão rápida e difusa, sendo possível identificar a idade de cada um destes núcleos, através da organização do lugar, que se concentra em volta de um edifício de

43 PORTAS, Nuno – *Políticas urbanas II : transformações, regulação e projectos.* Lisboa: FCG, 2011. ISBN 978-972-31-1382-2, p.51

maior escala, que organiza os arruamentos e usos adjacente. Este aproveitamento do território acentua o contraste entre cidade e campo, onde a ausência de mancha construída acentua a característica rural do lugar.

A construção de acessibilidades de maior escala - Auto-Estrada 4 - modificaram a leitura geográfica do território, mas, no caso da cidade de Amarante, não se revelou danoso para a identidade da região. Devido ao planeamento cuidado das vias e nós de acesso, estes acessos não interromperam de forma agressiva a dinâmica da paisagem da cidade. A introdução de estradas rodoviárias como a EN15 e o Itinerário Principal 4 (IP4) transformaram de forma significativa a economia e o povoamento locais[44].

O sistema de redes viárias do Norte do país continua em desenvolvimento até aos dias de hoje, e a inserção da cidade de Amarante neste conjunto acentua cada vez mais o seu papel como ponto de chegada e de partida. A recente inauguração do Túnel do Marão veio reduzir a distância entre a cidade e o Interior Norte, cujos benefícios revertem, sobretudo, para as cidades de Vila Real e Bragança, tais como maior proximidade à cidade do Porto, maior comunicação com a macro-estrutura viária do Norte do país e, consequentemente, maior fluxo de visitantes.

---

44 AMARANTE CONGRESSO HISTÓRICO - História, Política, Sociedade e Economia - Vol. I Tomo II in *Amarante Congresso Histórico 98: actas*. Amarante: Câmara Municipal de Amarante, 2000, p. 591

2.2 Análise urbana para uma nova realidade

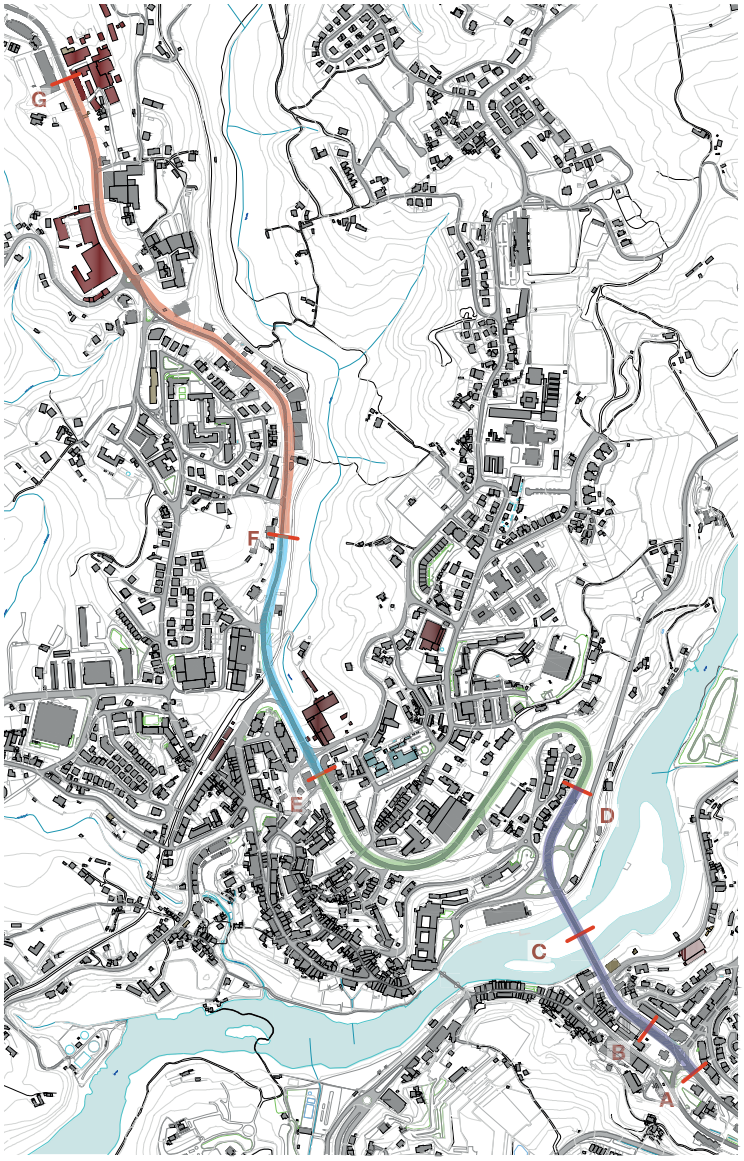
> "Uma comparação entre os Séc.s XVII e XX revelará que a mudança mais radical [na paisagem] diz respeito à mobilidade do indivíduo. Enquanto que anteriormente as deslocações representavam um processo laborioso e lento, hoje em dia reduzem-se apenas ao aborrecimento de se entrar e sair dos transportes. A distância é secundária em relação à obtenção de um lugar sentado."(45)

A flutuação típica das ruas de uma cidade que foi crescendo com a própria população, que se desenvolvem numa sequência espacial de espaços amplos e estreitos e que respeita as curvas de nível do terreno em detrimento de esquadrias contrárias à natureza humana, oferece um sentido de individualidade ao centro histórico, onde o visitante fica a saber que aquele lugar é único no mundo. No capítulo que se segue, será analisada a paisagem ao longo da estrada nacional 15, uma vez que liga o centro da cidade ao objecto de estudo, as antigas indústrias Tabopan.

A paisagem ao longo da Estrada Nacional 15 na cidade de Amarante é composta por uma sequência de mudanças no cenário urbano: o visitante sai do centro, constituído por edifícios compactos e de outras épocas, atravessa a estrada nacional até passar por uma recta de edifícios de maiores dimensões e mais espaçados entre si, para dar lugar a ruas perpendiculares ou a espaçamentos obrigatórios entre edifícios – consequências de uma urbanização mais cuidada, que ainda assim seguem as curvas de nível -; e até chegar à periferia, onde a concentração de rotundas e saídas para outras variantes interagem com amplos campos rurais e "núcleos" de edifícios residenciais e serviços de construção mais recente, consequências da introdução das novas acessibilidades na freguesia de Telões (EN210).

---

45 CULLEN, Gordon - *Paisagem Urbana.* Lisboa : Ed. 70, 1984, p. 61

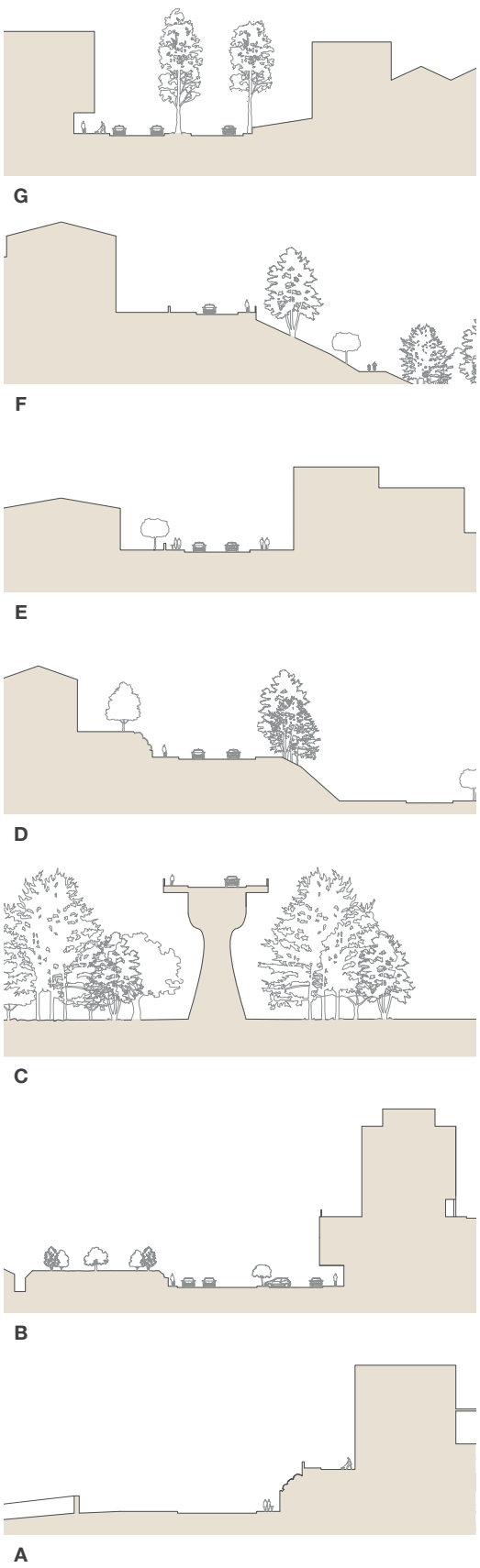


P1 - paisagem entre as duas margens do rio Tâmega (centro histórico)

P2 - paisagem no eixo divisório entre centro e periferia

P3 - paisagem na área periférica da cidade

P4 - paisagem do percurso final até às antigas indústrias Tabopan



[34] - análise da envolvente ao longo da Estrada Nacional 15, desde o centro da cidade de Amarante até às antigas indústrias Tabopan

A categorização da paisagem[46] segundo as diferentes zonas existentes do território (centro histórico, periferia, parque, zona industrial, zona rural, acessibilidades) é um instrumento importante a percepção da identidade da imagem da cidade[47]. Perceber a paisagem permite um melhor planeamento da expansão da cidade, tendo em conta a definição dos limites dos espaços da cidade. Com a categorização da paisagem e a da expansão da cidade em "núcleos", a paisagem sofre uma individualização: para cada núcleo existe uma tipologia de paisagem.

É possível estabelecer uma ligação entre a paisagem e a distribuição da cidade: a paisagem ao longo da Estrada Nacional 15 [34] responde ao contexto em que está inserida, e, à medida que se afasta do centro da cidade ganha maior presença do que a mancha construída. No entanto, este percurso não é estático: do ponto de partida ao ponto de chegada, a estrada encontra cursos de água, curvas de nível, acessos importantes para a rede viária e edifícios que aumentam de escala à medida que se afastam do centro. Os próprios edifícios não fazem partem da mesma camada identitária, e a paisagem adensa-se conforme o que a cidade deseja mostrar aos utilizadores da estrada.

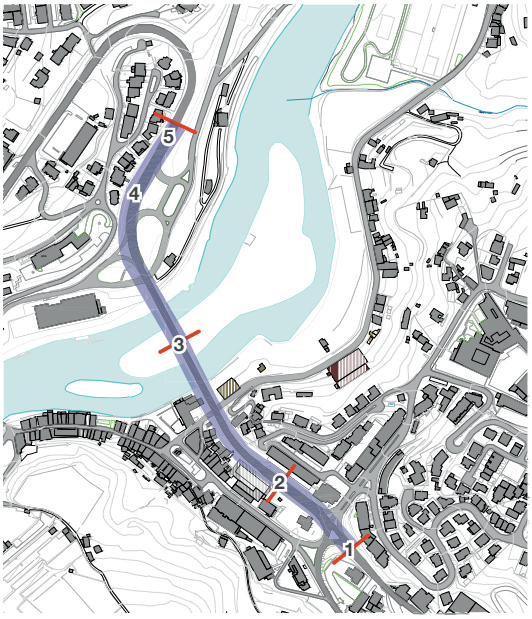
Embora, no seu conjunto, a paisagem urbana construa um cenário coerente com a área em que está inserida ao longo da estrada nacional 15, é possível identificar diferenças entre elas que funcionam como ferramenta localizadora para o habitante da cidade, resultado da individualização da paisagem[48].Assim, a paisagem é composta por uma mancha arbórea heterógena e mutável, consoante o desenvolvimento da cidade ao longo desta via.

---

46 CULLEN, Gordon - *Paisagem Urbana.* Lisboa : Ed. 70, 1984, p. 59

47 LYNCH, Kevin - *A imagem da cidade*. Lisboa : Ed. 70, 1999. ISBN 972-44-0379-3, p. 18

48 CULLEN, op. cit., p. 61



escala 1:10 000

[35] - P1 - transição de paisagem entre as duas margens do rio Tâmega



1



2



3



3



5

Elementos como o pavimento, o caminho pedestre, o mobiliário urbano, o contraste entre as dimensões de edificado construído e a composição das respectivas fachadas também fazem parte da paisagem, não atribuindo a sua definição apenas a elementos provenientes da Natureza. O caminho para peões, elemento que une um cenário característico de uma via de trânsito de alto tráfego como a EN15 é, muitas das vezes, subvalorizado. A sua presença oferece um tipo de locomoção que o habitante pode utilizar sem estar dependente de transportes, permitindo que o usufruto da paisagem seja feito não só pelas pessoas dentro dos automóveis, mas também para os transeuntes[49], acrescentando não só uma maior sensação de continuidade[50] à paisagem urbana, mas também uma dimensão humana.

No centro da cidade de Amarante [35], ao longo da Estrada Nacional 15, a presença e a dimensão dos elementos naturais, como áreas relvadas, árvores e arbustos, assinala o cariz do segmento de via em que se encontra inserida: se se tratar de uma zona mais urbana, a sua presença é menor e de menores dimensões, se se tratar de uma zona de passagem, a sua presença é maior em quantidade e escala. O Mosteiro de São Gonçalo, *"elemento marcante"*[51] da cidade, assume-se na paisagem da ponte, apesar da distância a que se encontra da via.

As reações emocionais[52] perante este percurso variam progressivamente entre sentimentos de pertença, curiosidade, afastamento e abandono. O centro histórico representa algo familiar ao visitante, atribui-lhe um sentido de localização, e este entra em sintonia

49 CULLEN, Gordon - *Paisagem Urbana.* Lisboa : Ed. 70, 1984, p. 56

50 Idem, ibidem, p. 56

51 LYNCH, Kevin - *A imagem da cidade*. Lisboa : Ed. 70, 1999. ISBN 972-44-0379-3, p. 90

52 CULLEN, op. cit. , p. 12



escala 1:10 000

[36] - P2 - paisagem no eixo divisório entre centro e periferia



6



7



8



9



10

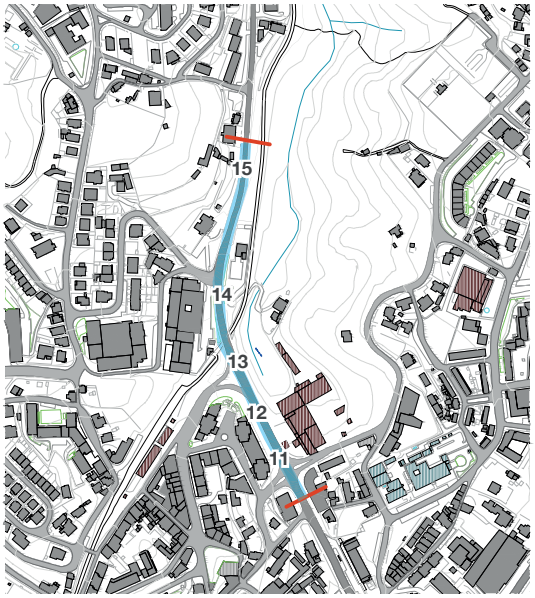
com a cidade a partir do momento em que este explora uma praça, percorre uma ponte ou visita uma rua. A cidade passa então a ser "uma experiência eminentemente plástica, percurso através de zonas de compressão e vazio, contraste entre espaços amplos e espaços delimitados, alternância de situações de tensão e momentos de tranquilidade" (53); a iniciativa local(54) está presente a todo o comprimento da rua principal, onde as lojas mais curiosas e características estão estrategicamente decoradas e enunciadas na fachada da rua.

A área de transição entre o centro histórico e a periferia [36] apresenta um cenário com escala, texturas e estilo diferentes: apesar de ainda permitir ao visitante perceber a sua própria localização, a escala já não lhe permite estar em equilíbrio com a cidade, uma vez que os edifícios desta zona são mais recentes e apresentam uma escala menos humanizada. Este segmento da estrada nacional assume-se na estrutura da cidade como uma zona de características que são mutuamente de limite e de comunicação, devido às mudanças de cota e ao programa dos edifícios que a ladeiam, uma vez que são sobretudo grandes superfícies comerciais e de serviços. Aqui, a habitação encontra-se mais resguardada na paisagem, protegida da afluência de automóveis que este segmento apresenta, quer devido à sequência de cruzamentos que possui, quer da ocupação dos estacionamentos adjacentes ao edifícios comerciais e de serviços.

53 CULLEN, Gordon - *Paisagem Urbana.* Lisboa : Ed. 70, 1984, p. 12

54 Idem, ibidem, p. 44

[37] - P3 - paisagem na área periférica da cidade



escala 1:10 000



11



12



13



14



15

Na área periférica da cidade [37] a paisagem apresenta duas realidades em cada lado: à esquerda, o edificado alto e de linguagem formal mais recente ergue-se para contrastar com a vegetação que se abre para cenário natural que esconde atrás de si, revelando na paisagem o carácter de Amarante como cidade em expansão. A coexistência de espaços abertos e plenos de vegetação com o edificado faz parte da própria imagem da cidade, inter-relação[55] esta que, quando feita de forma consciente e eficaz, melhora a qualidade da paisagem e da experiência do observador na cidade.

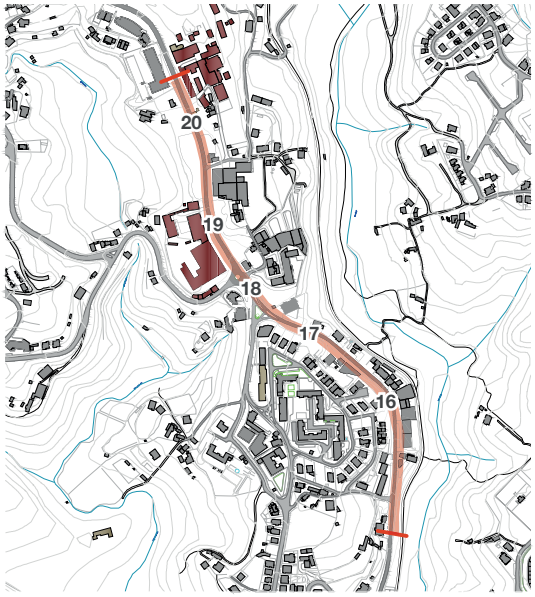
Neste segmento da EN15 existem dois cruzamentos consequentes. A afluência de tráfego automóvel e as ruas que desaguam nesta estrada nacional fazem destes cruzamentos elementos importantes para a rede viária da cidade, uma vez que conecta várias direções num só ponto, consecutivamente. A sua envolvente entre estes elementos é muitas das vezes determinante para o observador da cidade para a tomada de decisão de qual direção tomar, determinando assim a importância da sua localização[56].

A progressão da paisagem desde a área de transição para a periferia procede de forma natural, com a distância entre edifícios a aumentar à medida que se afasta do centro, até atingir uma zona que já não parece pertencer à cidade, apetecendo chamar-lhe de ***twilight zone***, o que sublinha ainda mais o sentimento de abandono: o visitante não consegue reconhecer nenhum ponto de referência e não consegue definir os limites do espaço, que parecem pertencer mais à natureza do que ao homem.

---

55 LYNCH, Kevin - *A imagem da cidade*. Lisboa : Ed. 70, 1999. ISBN 972-44-0379-3, p. 95

56 Idem, ibidem, p. 84



escala 1:15 000

[38] - P4 - paisagem do percurso final até às antigas Indústrias Tabopan



16



17



18



19



20

Na análise presente, este percurso termina nas antigas indústrias Tabopan [38]. Este complexo industrial abandonado insere-se numa paisagem sobretudo rural, numa zona de ocupação muito dispersa, fruto da necessidade de expansão rápida para o exterior do centro histórico através da abertura de novas vias – que crescem em direção à auto-estrada - e da introdução da Linha do Tâmega no território amarantino.

Assim, não houve uma ocupação linear do território, o que resultou em espaços vazios ao longo da via. A morfologia do território, com uma grande variação de cotas, foi um factor que influenciou a ocupação linear segunda a EN15, uma vez que espaços pouco acessíveis não seria adequados para a instalação de uma zona residencial e comercial, zona esta que existe a Norte do complexo abandonado, mais próxima do acesso para a auto-estrada.

Desde o momento em que o observador circunda a rotunda, a presença das indústrias faz-se sentir de imediato, com a antiga fábrica de aglomerados a impor-se na paisagem através da cota superior em que se localiza. Metros adiante, o edifício de escritórios e a única fábrica em funcionamento actualmente ladeiam a estrada.

A identificabilidade[57] do objecto de estudo insere-se na própria paisagem urbana, graças à presença das suas fachadas no alçado da rua. Existe uma justaposição[58]da paisagem, onde o edificado e a vegetação não se impõem limites entre si; no caso das ruínas das fábricas, a natureza encarregou-se de preencher os vazios do construído, fundindo-se com as paredes, as janelas e lajes da antiga fábrica.

57 CULLEN, Gordon - *Paisagem Urbana.* Lisboa : Ed. 70, 1984, p. 64

58 Idem, ibidem, p. 62



[39] - P4 - paisagem do percurso final até às antigas indústrias Tabopan

A meta final encontra-se entre as primeiras fábricas construídas na freguesia de Telões e o Edifício Cristal Center [39]. A inter-relação entre elementos existe entre o edificado abandonado e o activo. A experiência sensorial deste ponto final do percurso une a paisagem dos dois lados da estrada: o pórtico natural que as filas de árvores compõem, anunciam a entrada num momento especial da estrada nacional.

No seu interior, a fachada do Edfiício Cristal Center reflecte a envolvente à sua frente, dissolvendo a sua presença e integrando o construído na própria paisagem. A fábrica, num plano mais afastado da rua, contrasta com a massa construída do edifício em frente, uma vez que a resposta do complexo industrial abandonado ao alçado da rua seja composto por duas massas edificadas, de dimensões diferentes mas dentro da mesma linguagem formal.

No contraste, a paisagem serve de elemento de união.

3. A FÁBRICA

3.1 Amarante e a indústria da madeira

> "Um dia, porém, surgiu a possibilidade de industrializar esse velho concelho. A indústria teria de ser a que melhor se ajustasse à rudeza da montanha; de onde pudesse extrair a matéria prima indispensável à sua laboração. Para além da matéria prima, - madeira - em abundância, a povoar o extenso Marão; dos seus jazigos de magnetite, estanho ou wolfrâmio[59], que contém o seu subsolo, a nenhuma outra riqueza poderia deitar-se mão com vista a usá-la como matéria-prima para alimentar indústrias extractoras ou de alimentação. Familiarizados com a indústria da madeira, desde há décadas, no labor dos nossos ascendentes, tentou-nos a sua industrialização em moldes que pudessem servir a economia da nossa terra e com ela, o País que tanto ansiávamos valorizar. Estávamos nos meados da década de cinquenta." [60]

A revolução industrial, no contexto português, foi sentida de uma forma pouco pronunciada, através de "surtos, aproveitando em geral as situações de crise internacional"[61], introduzido no país uma tradição industrial pouco desenvolvida em relação ao contexto internacional. Tal situações traduziram-se num "tecido industrial caracterizado por empresas descapitalizadas, subdimensionadas, tecnologicamente rudimentares, de baixos índices de produção, escassa produtividade e largamente dependentes do capital estrangeiro"[62]. Apesar do início atribulado, Portugal abraçou a industrialização, desde os anos trinta e, graças à formação adequada de profissionais, tanto industriais como comerciais e de serviços financeiros, Portugal desenvolve nos anos

---

59 Este mineral também é conhecido por tungsténio.

60 ABREU, José Gonçalves de – A industrialização e os seus reflexos na vida económica do país. Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante. Nº40-41-42 (1971), p.10

61 BRAÑA, Celestino Garcia; LANDROVE Susana; TOSTÕES Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico*. Barcelona: Fundação Docomomo Ibérico, 2005. ISBN 84-609-4295-3, p. 14

62 Idem, ibidem.

seguintes uma "dinâmica própria de industrialização autóctone (...), dando relevo a uma mutação das mentalidades em relação ao lugar da indústria no sector económico."[63]

Embora sendo um concelho altamente agrícola, de relevo acidentado e de difícil cultivo, Amarante centrou, desde cedo, o seu potencial produtivo em torno da produção vinícola, de cereais, de fruta e da serração, as quais, por vezes não completavam as necessidades mínimas da própria população. No espírito da "indústria autóctone", esta surge em Amarante como oportunidade de explorar os recursos naturais que o território colocava à disposição, entre elas a extração de calcário, a lanificação, a construção civil e a metalurgia, que acompanha desde cedo o desenvolvimento do concelho, incluindo a electrificação do mesmo. A produção de vinho, por exemplo, esteve presente na economia da cidade desde o seu primeiro burgo, onde os terrenos férteis permitiram um cultivo rentável das vinhas.

A resposta à necessidade de expandir horizontes e procurar novos mercados para explorar é dada com o início do processo de industrialização; é iniciado quando surge a oportunidade de extrair matérias-primas do Marão, entre elas a madeira e os minerais (magnetite, estanho e wolfrâmio)[64]. A actividade industrial influenciou fortemente o desenvolvimento e crescimento da vila (viria a tornar-se cidade a 8 de Julho de 1985). A extração de calcário e a produção de lanifícios, em conjunto com a construção da Linha Férrea do Douro, em 1887, levantaram grandes expectativas para a requalificação da rede viária da

63 BRAÑA, Celestino Garcia; LANDROVE Susana; TOSTÕES Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico*. Barcelona: Fundação Docomomo Ibérico, 2005. ISBN 84-609-4295-3, p.14

64 ABREU, José Gonçalves de – A industrialização e os seus reflexos na vida económica do país. Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante. Nº40-41-42 (1971), p.10

vila, que se pensara ter a capacidade para acelerar "a abertura, arranjo ou requalificação de estradas, caminhos e pontes, invocando também, a propósito, o comércio da cal de Canadelo ou a Companhia de Lanifícios de Padronizo, já instalada em 1859, girando, então, sob o nome da firma Garcia e Ribeiro."[65] [40]; estas atividades fizeram parte dos estímulos para o início da industrialização da cidade[66] [41].

Dos anos 60 aos anos 80, a Serra do Marão impõe-se como maior fonte de rendimento da actividade industrial amarantina, com a criação das Indústrias Tabopan, um complexo de sete fábricas que produziam placas de aglomerado de madeira e respectivos produtos, tais como mobiliário, portas e laminados. Empregavam a maioria da população amarantina e a escola técnica que estava inserida neste complexo formava os jovens que terminavam o ensino obrigatório, de modo a que tivessem direito a um lugar numa das fábricas.

Em 1990, a indústria transformadora, em conjunto com a construção civil, representava 43% das atividades da população ativa e 24% do emprego da cidade[67]. Por existirem precedentes na área da serração, a exploração florestal foi sendo a escolha natural para desenvolver uma actividade que pudesse, ao mesmo tempo, aproveitar os recursos da Serra do Marão e os conhecimentos da população, muito ligada à sua exploração.

---

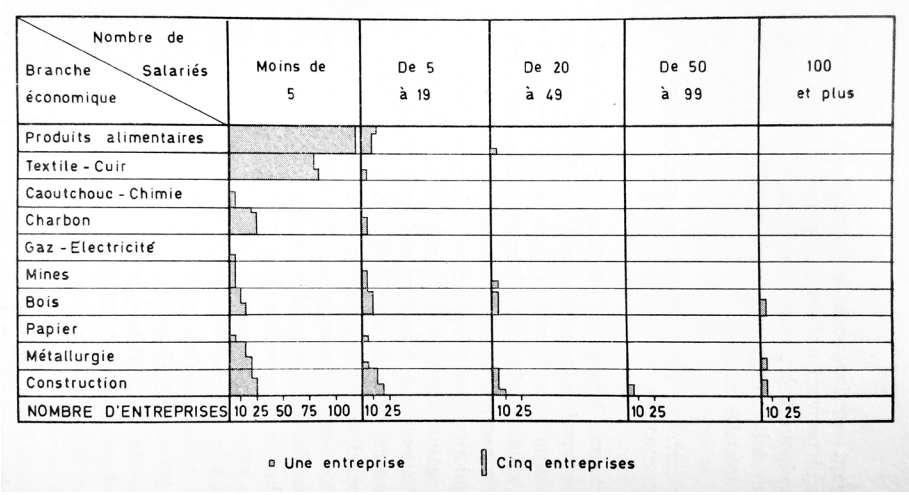
65 CARDOSO, António - Amarante em meados do séc. XIX : território e sociedade. Obras públicas, arquitectura e urbanismo. Amarante, 2009. ISBN 978-989-8141-26-2, p. 15

66 Idem, ibidem, p. 16

67 MARQUES, Bernardo; PEDROSA, António; PEDROSA, Fantina – Apresentação geográfica do concelho de Amarante. Entremuros - Revista Cultural de Amarante. Amarante. Nº 1 (Primavera/Verão 1990), p. 7



[40] - Fábrica de Lanifícios de Padronello, antigamente conhecida como Companhia de Lanificios de Padronizo



[41] - repartição das actividades artesanais e industriais no concelho de Amarante em 1972

A indústria de madeiras é das atividades mais antigas na exploração de matéria-prima no contexto português, devido à abundância de densas florestas de pinho, carvalho e castanheiro, primeiramente, e, depois, de eucalipto, que se distribuem por todo o território. Desde a serração à construção naval e civil, a madeira era explorada de modo artesanal até ao fim do século XIX, com a introdução da máquina no processo de exploração madeireira. O início da revolução industrial na indústria da madeira fez-se sentir, sobretudo, nas actividades de serração, carpintaria e mobiliário[68].

Após a introdução do betão armado, o uso de madeira para a construção civil diminuiu, o que permitiu que as indústrias ligadas à exploração de madeira procurassem novas oportunidades para aproveitar esta matéria-prima de forma rentável. Inclusivamente, a indústria de produção de embalagens perdeu o interesse em material lenhoso com a introdução do plástico, da eletricidade e do gás natural, eliminando a relevância das florestas para a economia nacional[69].

Uma vez que as indústrias de serração só aproveitavam os melhores cortes da madeira para o fabrico de tábuas de qualidade superior, era necessário aproveitar os desperdícios resultantes desta actividade, para além de serem utilizados como combustível. O grande número necessário de árvores cortadas para obter a quantidade necessária de matéria-prima na actividade de serração de madeira,

68 CASTRO, Joaquim Prado de - As Indústrias de Madeira. In A Indústria Portuense em perspectiva histórica : actas do Colóquio. Lisboa, CLC-FLUP, 1998, p. 166

69 ABREU, José Gonçalves de – I Colóquio para o Desenvolvimento Regional do Distrito de Vila Real. Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante. Nº37-38-39 (1971), p.23



De Ermezinde, também cá vieram os pequenos estudantes do ciclo preparatório.

Curiosos e impressionados, os jovens estudantes assistem à produção de placas de madeira, que se processa mecânicamente pelos mais avançados processos tecnológicos.

Numa das linhas de produção de aglomerados de madeira, os «miúdos» e «grandes» estão embaraçados em saber para onde devem olhar.

Nesta fase de produção vêem-se milhões de partículas que, depois de vulcanizadas, constituirão uma sólida placa de madeira de cerca de 3 metros de comprimento.

Uma palavra de saudação deixaram estas educadoras no Livro de Ouro da TABOPAN.

Numa das secções de produção de portas, admiram estes modelos século XVII, hoje tanto em voga na decoração de moradias. 27

[42] - viagem de estudo de alunos de Póvoa de Varzim e Ermesinde ao complexo Tabopan, onde foram introduzidos ao processo de fabrico do aglomerado

traduzia-se na necessidade de grandes desbastes florestais para a produção de pouca quantidade de produto final. Em confronto com os mais de 30 anos que a floresta demora a regenerar-se, não gerava um bom rendimento para os lenhadores dependentes da exploração florestal, bem como não demonstrava grande sustentabilidade a nível ambiental. A floresta e, por conseguinte, a madeira, ganhou um novo propósito na indústria portuguesa graças à introdução das indústrias transformadoras de materiais lenhosos e, por conseguinte, do aglomerado de madeira.

Com a contínua mutação técnica, económica, social, científica e cultural, novas indústrias surgiam com o avançar o tempo. No caso da indústria das madeiras, do confronto da baixa rentabilidade dos recursos naturais a longo prazo com o contexto económico da época, focado num crescimento rápido, surge a indústria transformadora de material lenhoso como resposta ao problema, que introduz novos materiais lenhosos no mercado, mais resistentes, de menores dimensões e de aplicação mais flexível.

O processo permitia que os desperdícios de madeira fossem triturados, misturados com resinas e, posteriormente, prensados a quente, em espessuras impossíveis para a madeira maciça, para formar grandes quantidades de placas de madeira aglomerada, mais flexíveis e de maiores dimensões [42]. Deste modo, tornou-se possível manufaturar maiores quantidades de produto final sem aumentar o desbaste florestal. Revelou, ao longo do tempo, uma actividade de grande rendimento, produtividade e sustentabilidade, tanto a curto como a longo prazo: aumento da área arborizada, fixação da população graças ao emprego



Belangrijk was natuurlijk ook dat Tabopan gemakkelijk te zagen is. Ondanks de dikte van 8 mm was slechts een *minimale* verstijving nodig.

De platen zijn voor het grootste gedeelte ongeölied gebruikt als verloren bekisting. In enkele gevallen werden de platen wanneer ze meermalen werden gebruikt met normale vormolie ingesmeerd of bespoten. De projectleider van Nefradu uitte tijdens een rondleiding over het bouwterrein zijn tevredenheid over Tabopan als bekistingsmateriaal. Hij vertelde o.m. dat door de vele regen tijdens de bouw er langdurig plassen op het Tabopan hadden gestaan, maar dat dit materiaal er niet onder had geleden. Verder wees hij ook op het mooie gladde oppervlak, speciaal van belang voor betonwerk dat in het zicht blijft. Afwerken is dan niet nodig.

N.B.
Tabopan is ook geschikt voor repeteerwerk. Belangstellenden verwijzen wij o.a. naar Nebico Nieuws van juni 1970. Wanneer u dat niet in uw bezit heeft, zullen wij u daar gaarne een overdruk van zenden.

Tabopan ideaal materiaal voor bekisting
Duidelijk is bij de bouw van de Pechiney Aluminiumfabriek gebleken, dat het gebruik van Tabopan voor bekisting belangrijke mogelijkheden biedt:

- hoog bouwtempo door grote afmetingen
- op aanvoer kunnen bij grotere hoeveelheden ook maatpanelen worden geleverd
- verloren bekisting, zonder oliebehandeling
- meermalig gebruik met toepassing van Shell vormolie 27 en 38 B
- gebogen vlakken
- lage prijs

Pechiney Nederland N.V.
Deze N.V. is in 1969 gesticht door Pechiney Frankrijk. Doel is de exploitatie van een aluminiumfabriek met twee produktie-eenheden met elk een capaciteit van 85.000 ton. Deze eenheden zullen na elkaar worden gerealiseerd. De fabriek wordt gebouwd in het Sloegebied op een terrein van 44 ha. Op een aangrenzend terrein is ruimte beschikbaar voor uitbreidingen. Het bij de eerste produktiefase van 170.000 ton per jaar geïnvesteerde bedrag zal de ƒ 600 miljoen overschrijden.

Bouw Pechiney
Aan het complex van Pechiney werken afzonderlijk twee aannemerscombinaties, t.w. NEFRADU, bestaande uit:
N.V. IB.C. te Best.
OEDC - te Parijs.
Bauunternehmung E. Heikamp te Wanne - Eickel.
en de combinatie Sloe, bestaande uit:
HBM te Rijswijk.
SKE uit Frankrijk.

Zo ziet bij Pechiney beton in het 'zicht' eruit met Tabopan bekisting.

Tabopan bekisting in de gieterij.

Detail van de gereedzijnde silo.

Ook voor deze betonconstructie diende Tabopan als bekisting.

Documentatie van het nieuwe Blefa dakvenster
Op de Bouwbeurs introduceerden wij het nieuwe Blefa dakvenster met het traploos regelbare ventilatiesysteem (bij gesloten venster). Nieuw is ook de maatvoering, waardoor het gunstiger is geworden Blefa dakvensters toe te passen bij de sociale- en premiewoningen. Een uitgebreide folder in meerkleurendruk, is tezamen met technische gegevens aan onze relaties toegezonden. Mocht u dit drukwerk niet hebben ontvangen of wilt u meer exemplaren, belt u ons dan. Bij ieder Blefa dakvenster is een inbouwvoorschrift ingesloten.

(TRADUÇÃO)

Em 6 meses utilizaram-se 14.000 metros quadrados de Tabopan em cofragens de betão armado

Quem desejar poupar dinheiro e ao mesmo tempo construir com eficiência e segurança, encontra no TABOPAN o material ideal sob vários aspectos. Este aglomerado para a construção, possui boas propriedades físico-mecânicas que se encontram registadas no relatório elaborado pelo Instituto T.N.O. O preço de concorrência deste aglomerado é um factor igualmente importante. Para certas finalidades, o TABOPAN pode comparar-se ao MULTIPLEX, mas é muito menos dispendioso.

TABOPAN para moldagem de betão armado

Durante a execução de alguns importantes trabalhos nas fábricas Pechiney, a cargo da NEFRADU, um agrupamento de empreiteiros da construção civil, constatou-se que, devido ao ritmo acelerado da construção, não haveria tempo, nalguns casos, para se utilizar por mais do que uma vez o material destinado às cofragens.

Por tal motivo, procurou-se um material que não fosse demasiado caro mas que, todavia, pudesse satisfazer um certo número de requisitos. Foi escolhido o TABOPAN na espessura de 8 mm. Como qualidade mais importante, consideraram-se: a superfície fechada do aglomerado, a constância no seu teor de humidade, as amplas dimensões das placas (280x183 cm. =5,12 metros quadrados) e a possibilidade de se vergarem quando e onde necessário. O seu baixo peso específico também desempenhou um papel importante, pois as placas tinham que ser transportadas a distâncias consideráveis, dentro do próprio estaleiro, não existindo sempre facilidade para a sua deslocação.

Evidentemente que o facto de TABOPAN se poder serrar com facilidade constituiu factor de grande importância também. Apesar da espessura utilizada ser apenas de 8 mm., não houve necessidade de se aplicar grande reforço às placas.

A maior parte das placas foi utilizada sem prévia aplicação de desmoldantes e numa única operação de moldagem de betão. Em certos casos em que as placas tiveram mais do que uma utilização, foi-lhes aplicado óleo de desmoldagem normal por meio de pistola ou de pincel. Durante uma visita feita ao estaleiro na companhia do encarregado da obra, este manifestou-se muito satisfeito com o TABOPAN para trabalhos de moldagem de betão armado. Entre outras coisas, relatou-nos que, tendo caído fortes chuvadas durante as operações de construção, as placas de TABOPAN estiveram debaixo de água por períodos prolongados, não tendo, no entanto, acusado quaisquer alterações no comportamento. Referiu-se também à superfície perfeitamente lisa do aglomerado, factor muito importante quando as peças de betão moldadas ficam à vista, pois que assim não se torna necessário qualquer trabalho de acabamento.

30

[43] - o uso do tabopan na cofragem de betão nas fábricas Pechiney, na Holanda

gerado pela indústria, e aumento de matéria-prima, que ganha cada vez maior valor nos mercados internacionais, e melhoramento da balança de pagamentos[70].

O aglomerado de madeira é, portanto, o resultado da evolução das indústrias transformadoras de material lenhoso, que procurava aproveitar ao máximo os recursos de que dispunham para criar novos materiais que oferecessem novas propriedades a que madeira maciça não correspondia. Por ser um produto com uma relação qualidade/preço bastante equilibrada, estas placas surgiram como uma inovação na utilização de produtos derivados da madeira, uma vez que, dependendo da espessura do material, este poderia ser utilizado de forma muito flexível, desde mobiliário e revestimentos até à construção civil, na cofragem de betão armado. A cofragem de betão da fábrica de Alumínios Pechiney, na Holanda [43], foi feita por placas de aglomerado de madeira da marca Tabopan, de 8mm de espessura: este material permitia uma cofragem curva, sem grandes reforços e trabalhos de acabamento, graças à sua superfície lisa. Devido à utilização de resinas no processo de fabrico, estas placas apresentavam características hidrófugas, o que contribuiu para a sua reutilização em trabalhos de cofragens, diminuindo desperdícios e custos.[71]

---

70 "Mas, como esta indústria pode consumir madeira de inferior qualidade, pois basta que as árvores ou ramos tenham um diâmetro de 3 centímetros e absorve grande quantidade, o resultado verificado é este: a madeira dos cortes culturais, passou de 5$50 o m3 para 250$00, isto é, subiu 45 vezes ao passo que a madeira dos cortes finais, própria para serração e para os mais diferentes usos passou de 35$00 a 350$00 [subiu 10 vezes]." in ABREU, José Gonçalves de – I Colóquio para o Desenvolvimento Regional do Distrito de Vila Real. Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante. Nº37-38-39 (1971), p. 24

71 ABREU, José Gonçalves de – "Em 6 meses utilizaram-se 14.000 metros quadrados de Tabopan em cofragens de betão armado" (tradução). Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante. Nº43-48 (1971), p.30



[44] - placas de aglomerado de madeira, também conhecido como tabopan ou painel de partículas de média densidade (Medium Density Particleboard - MDP)

Em Portugal, a marca Tabopan significava exactamente o produto fabricado, nomeadamente as placas de madeira aglomerada [44]. As Indústrias Tabopan, cujo complexo industrial estava sediado em Amarante, acompanhou desde cedo o crescimento de transformação de materiais lenhosos; a repercussão desta marca foi tão forte que ao material ficou associado o nome Tabopan. A empresa Abreu & Cia. fez parte do grupo pioneiro da Península Ibérica que produziu esta matéria-prima, após as primeiras placas terem sido fabricadas em Bremen, em 1939, cuja produção fora abruptamente cancelada devido à II Guerra Mundial, onde os produtos dos desbastes florestais revertiam sobretudo para abastecimento de lenha, carvão, mobiliário, construção civil e embalagens. Neste tempo de escassez de recursos, técnicos envolvidos na indústria da madeira ensaiaram painéis de madeira aglomerada, feitos a partir de resíduos de madeira; este material apresentava grande resistência mecânica, resistência ao fogo, à água, à torção e à flexão, contrariamente ao produto original. O resultado destas experiências surgiriam em 1948, após a época de conflito, onde novas tecnologias e materiais permitiram a produção em série deste material.

A Alemanha foi o país que mais contribuiu para a evolução das indústrias ligadas à transformação de madeira, país de que José Abreu se manteve "um dedicado amigo", visto que "todas as suas grandes fábricas foram concebidas por firmas alemãs, e quase todas as suas máquinas e uma parte das matérias-primas da sua indústria são de origem alemã"[72]. Esta cooperação com a Alemanha valeu ao industrial amarantino, em 1971, a Grã-Cruz da Ordem de Mérito Agrícola da República Federal Alemã.

---

72 ABREU, José Gonçalves de – Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante. Nº43-48 (1971), p.23

3.2 História da Abreu & Cia e das indústrias Tabopan

> "As primeiras placas, que então nos foram permitidas ver, foram, para nós, como um raio de esperança por se vislumbrar o nosso anseio de valorização da terra amarantina; de satisfação por ser possível aproveitar essas pequenas árvores que povoam milhares de hectares da cordilheira marânica e que nos nossos olhos de rapazito irrequieto e curioso tinham visto nascer há algumas décadas atrás."[73]

A família Abreu tem a sua história e a da indústria transformadora de madeira escrita na Serra do Marão. Agostinho de Gonçalves Abreu, chefe de uma família de nove filhos, foi o principal motivador da ambição filho, José, que mais tarde viria a fundar as indústrias Tabopan.

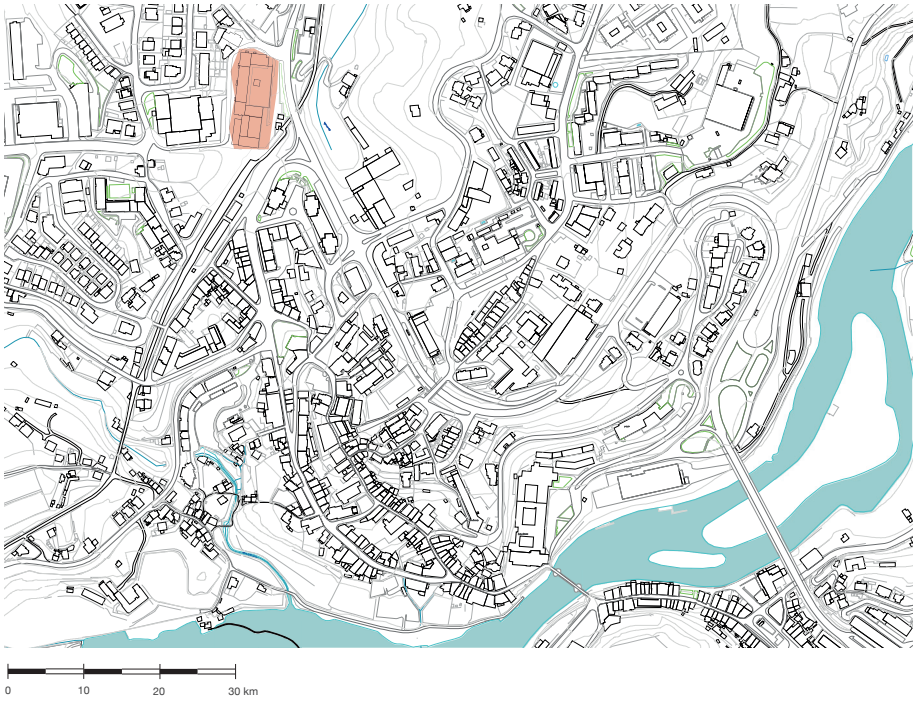
Nas memórias escritas de José Abreu, este recorda a sua infância, dando grande ênfase à curiosidade que a paisagem da Serra do Marão sempre lhe despertou[74]. A resposta a este pergunta surgiria no fim da II Guerra Mundial, com novas tecnologias que transformariam tais árvores em placas para construção e para a indústria do mobiliário.

Com dezasseis anos, José de Abreu ocupava o seu tempo entre aulas particulares e a ajudar o pai na sua empresa de mobiliário de madeira, que se encontrava em expansão na altura. Ainda sem atingir dezoito anos, José Abreu era incumbido de procurar novos clientes para além de Amarante; ao ver a empresa do seu pai a crescer e a ganhar experiência na área, nunca mais abandonou a indústria de madeira.

---

73 ABREU, José Gonçalves de – *A industrialização e os seus reflexos na vida económica do país.* Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante. Nº40-41-42 (1971), p.10

74 "...para que servirão tantos pinheiros? Para lenha? Quem havia de consumir tanta lenha? E, ao debruçar-me sobre as fragas já aliviadas da urze, a espreitar se os pinheiros nasciam, perguntava-me, vezes sem conta: quem consumirá este mar de arvoredo que vai ser?" in ABREU, José Gonçalves de - *Na Incerteza dos Meus Passos. Texto inédito.* Acessível nos Parques Empresariais do Entre Douro e Tâmega, Amarante, Portugal, p. 4



[45] - possível localização da primeira fábrica da empresa Abreu & Cia



[46] - antiga estação ferroviária de Amarante e a fábrica Tâmega, propriedade de José Joaquim Abreu, filho do fundador da empresa Abreu & Cia

A 1929 surge a Sociedade Abreu & Companhia, Lda. Inicia-se a história com Agostinho Gonçalves de Abreu, industrial amarantino, e mais dois sócios, estabelecendo a empresa Abreu & Cia., que já produzia mobiliário de madeira maciça desde 1923[75] e produziria mais tarde, em 1941, artigos funerários. A 18 de Julho do mesmo ano, as indústrias iniciavam a sua atividade fabril, numa pequena unidade fabril situada perto da linha de comboio, na Rua Cândido dos Reis [45][46]. Oito anos depois, um incêndio deflagrou numa serralharia vizinha, e atingiu a pequena unidade fabril, destruindo-a por completo.

Surge a necessidade de construir uma nova e maior unidade fabril, implantada "no lugar de Ramos à saída da cidade"[76] na freguesia de Telões até aos dias de hoje. Enquanto esta era construída foram improvisadas instalações temporárias no antigo Quartel de Artilharia (actualmente designado como antigo Hospital de São Gonçalo).

A nova unidade fabril da Abreu & Companhia, Lda. [47] começa a sua produção poucos meses depois, mesmo sem estar terminada, entre os anos de 1945 e 1946[77], unindo toda a família Abreu numa força de trabalho imparável, juntamente com fornecedores e clientes.

Com o crescimento desta empresa surgem novos postos de trabalho, numa cidade onde a maior parte da população estava empregada na actividade agrícola; o desemprego não fazia parte da realidade do povo desta região do Tâmega: "Falta de trabalho, era coisa que não havia nestas paragens do Tâmega, onde se ergueu o maior

75 ABREU, José Gonçalves de - *Na Incerteza dos Meus Passos. Texto inédito.* Acessível nos Parques Empresariais do Entre Douro e Tâmega, Amarante, Portugal, p. 10

76 Idem, ibidem, p. 11

77 Idem, ibidem.



[47] - primeiras instalações das Indústrias Tabopan

complexo fabril da indústria madeireira deste pequeno país, onde bate o coração da terra portuguesa. Se não era o filho era o pai, um irmão, um primo, alguém da família, (...) fosse lá de onde fosse, andava aqui uma multidão de familiares que se ajudavam mutuamente (..)"[78].

José de Abreu tinha também o gosto pela política, e em 1950 assume o cargo de Vereador do Munícipio de Amarante, cargo este que ocupa durante vinte e quatro anos[79]. Durante o seu mandato, dotou a vila de Amarante com um liceu, uma escola técnica, um ciclo preparatório, a nova ponte sobre o Tâmega, a electrificação, total ou parcial, de vinte e três freguesias mais afastadas do centro, a expansão da rede de saneamento e abastecimento de água, e a reparação de estradas dentro do perímetro municipal.[80] Foram também instalados os posto da Polícia de Segurança Pública e da Guarda Nacional Republicana[81]; assim como o Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso.

Em 1954, os negócios floresciam com o aumento de operários a trabalhar nas fábricas de serração e mobiliário, atingindo um patamar estável no seu desenvolvimento. Neste tempo, a indústria de madeira de aglomerados começa a ser explorada em países da Europa Ocidental, e a empresa procura a oportunidade de explorar as florestas da vila de forma mais sustentável e rentável, graças a esta nova indústria.

---

78 ABREU, José Gonçalves de - *Na Incerteza dos Meus Passos. Texto inédito.* Acessível nos Parques Empresariais do Entre Douro e Tâmega, Amarante, Portugal, p. 25

79 Idem, ibidem, p. 27

80 Idem, ibidem p. 49

81 Idem, ibidem.

"Estávamos (...) em viagem pela Alemanha e num dos comboios que do Sarre se dirigiam para Kaiserslautern, e despertou-nos uma carruagem, lindíssima, toda ela forrada a Pau-santo (...). E, era tão perfeita, tão isenta de manchas, de efeitos, que nem parecia ser verdade. (...) Mas a força de comparar uma decoração, com a outra sentíamos que ali havia qualquer coisa de fantástico, de irreal, porque a natureza não se repete. E, a decoração era toda, toda igual. (...). E, como um exame à procura da paternidade que se busca, vimos que não, que era a fingir! Mas era tão perfeito o fingimento que dava para acreditar. Começou aí uma nova página da história que estamos a contar."[1]

---

1 ABREU, José Gonçalves de - *Na Incerteza dos Meus Passos. Texto inédito.* Acessível nos Parques Empresariais do Entre Douro e Tâmega, Amarante, Portugal, p. 28

[48] - descrição do primeiro contacto de José Abreu com o painel aglomerado





[49] - inauguração da primeira fábrica de aglomerados Tabopan I, na freguesia de Telões

Após o primeiro contacto de José Abreu com o painel aglomerado [48], este comprometeu-se a trazer esta indústria para território português, e, conjuntamente com os seus irmãos, cria as Indústrias Tabopan: "Tabopan era a designação de "Tábuas Prensadas Nacionais" nome então registado, pelo mundo, nos seus cinco continentes, e foi, e é, dos nomes mais prestigiados da Indústria Transformadora do material lenhoso"[82]. A 19 de Março de 1958, foi inaugurada a produção da primeira fábrica de painéis aglomerados da Península Ibérica: a Tabopan I [49].[83] A alta qualidade das madeiras provenientes da Serra do Marão era o segredo para o êxito dos painéis aglomerados da Tabopan.

Poucos meses depois de iniciar a sua actividade, a produção desta fábrica era insuficiente para as encomendas recebidas. Inicia-se a projecção de uma nova fábrica, a Tabopan II [50], com maior capacidade de produção que a anterior, construída dois anos mais tarde.[84]

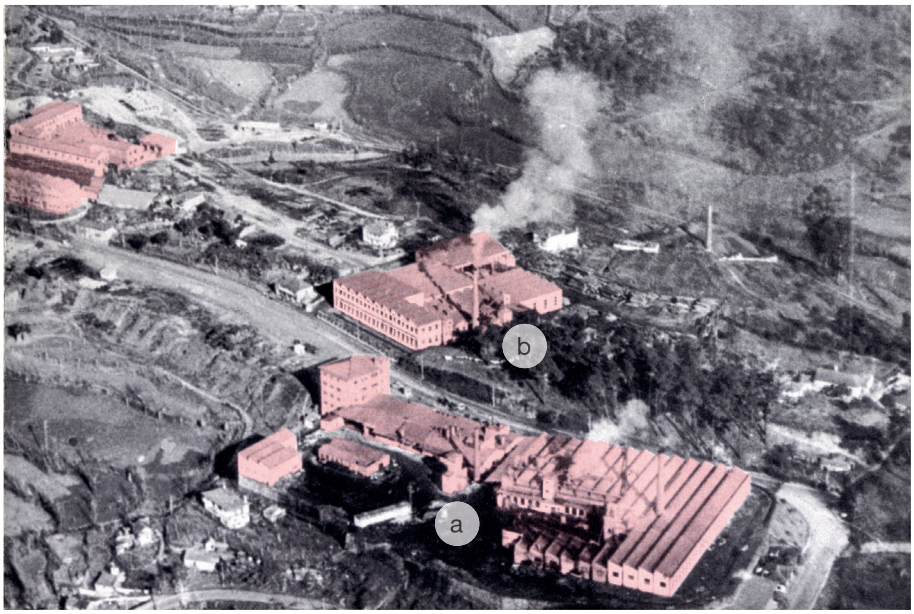
Este crescimento exponencial da economia amarantina criado pelas Indústrias Tabopan foi também responsável pelo surgimento das primeiras agências bancárias da vila. A própria construção das fábricas fazia parte do desenvolvimento económico da vila, uma vez, a cada instalação de uma nova fábrica, eram enviados técnicos alemães para formarem os operários amarantinos, e como tal, eram abrigados no Hotel Silva - a única unidade hoteleira da vila - durante a sua estadia.

O sucesso da marca leva à construção da terceira fábrica do complexo, a Tabopan III [51], que iniciaria a sua produção no início de

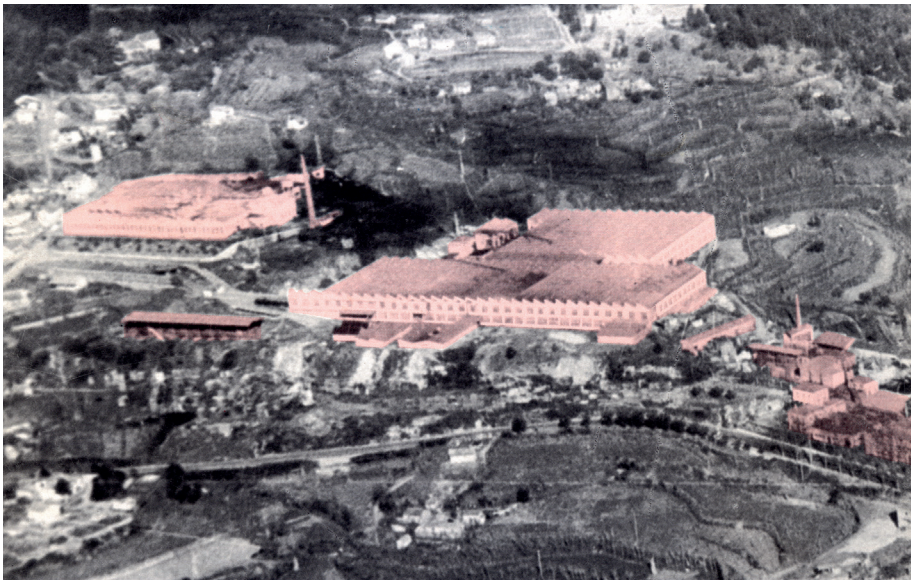
82 ABREU, José Gonçalves de - *Na Incerteza dos Meus Passos. Texto inédito.* Acessível nos Parques Empresariais do Entre Douro e Tâmega, Amarante, Portugal, p. 10

83 Idem, ibidem, p. 32

84 Idem, ibidem, p. 34



[50] - as duas primeiras fábricas de aglomerados das Indústrias Tabopan: a Tabopan I (a) e a Tabopan II (b)



[51] - Tabopan III, a terceira fábrica de aglomerados a ser construída pelas Indústrias Tabopan

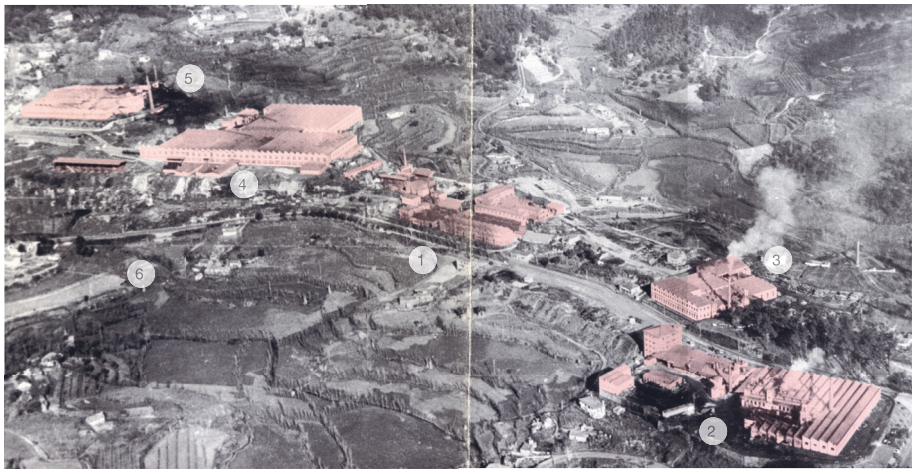
Fevereiro de 1965[85]. Aqui, as dimensões das placas eram maiores, o que permitia a expansão do seu uso a casas pré-fabricadas, anteparas para navios, divisórias e contentores. Reconhecido o seu mérito, José de Abreu fez parte também da ISO (Organização Internacional de Normalização)[86]. A evolução desta indústria permitiu um melhor aproveitamento dos recursos florestais, sem desperdícios e sem perturbar o equilíbrio da floral local. A unidade fabril, cuja dimensão excedia os 16 000 m^2, destinou a sua produção para o mobiliário "faça você mesmo". Inserida nesta unidade estava uma escola técnica, que daria formação especializada aos funcionários da fábrica.

A Tabopan não era apenas um conjunto de edifícios fabris: era também um local de aprendizagem. Após concluírem a escolaridade obrigatória, a juventude amarantina já tinha emprego garantido nas fábricas: "Primeiro aprendiam a profissão e só depois já preparados, ajudavam os artistas na montagem dos mobiliários ou fosse no que fosse, da profissão, que em caso algum representasse perigo ou esforço de natureza física que estivesse para além dos rapazinhos que eram e nos tinham sido confiados pela mãe, ou pelo pai, normalmente com esta despedida: Senhor José de Abreu, faça de conta que é seu filho. O recado ficava ali, latente, ouvido e tresouvido, a martelar a gente. Faça de conta que é seu filho!"[87]

85 ABREU, José Gonçalves de - *Na Incerteza dos Meus Passos. Texto inédito.* Acessível nos Parques Empresariais do Entre Douro e Tâmega, Amarante, Portugal, p. 46

86 Idem, ibidem, p. 47

87 Idem, ibidem, p. 48



1 fábrica de artigos funerários

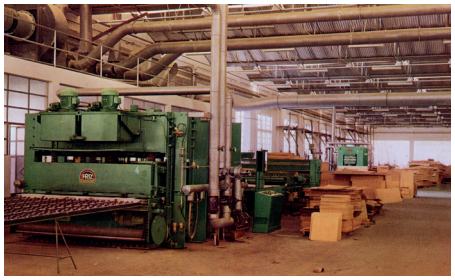
2 fábrica de aglomerados - Tabopan I

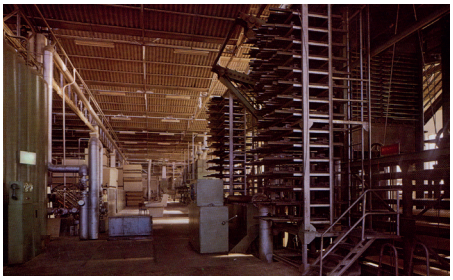
3 fábricas de aglomerados e laminados - Tabopan II

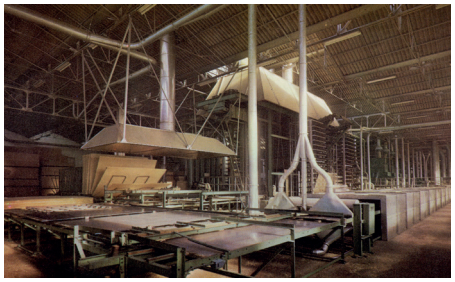
4 fábrica de aglomerados - Tabopan III

5 fábricas de portas e mobiliário

[52] - possível localização das fábricas pertencentes ao complexo das indústrias Tabopan







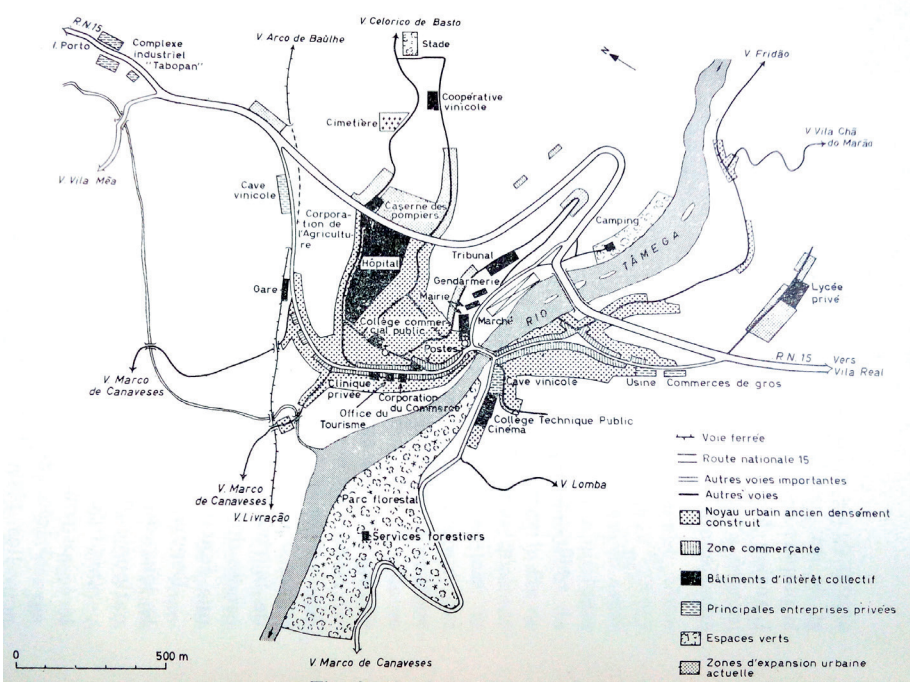
[53] - espaços interiores das antigas fábricas das indústrias Tabopan

O próximo passo para a expansão da empresa deu-se em 1967, com a projecção de uma fábrica de portas de 12 000 m^2, que fabricaria 10 000 portas por dia. Até esta data, a Tabopan contava com 2300 funcionários a trabalhar em sete fábricas: três fábricas de aglomerados de madeira, uma fábrica de móveis, uma fábrica de portas, uma fábrica de artigos funerários, uma fábrica de laminados de madeira e duas secções de serração de madeira[88], todas concentradas à saída da vila, na estrada para o Porto (actual EN15). [52][53]

Em 1970, a população da freguesia de Telões registava 3370 habitantes, notando-se como a freguesia mais populada do concelho, em comparação com o centro urbano da cidade, que registava 5335 habitantes, somando um total de 49 255 habitantes amarantinos. Este aumento demográfico deve-se sobretudo à influência que o complexo industrial Tabopan exercia sobre a freguesia.

No ano de 1971, José Abreu descrevia entusiasticamente: "O complexo fabril da "TABOPAN" ocupa hoje cerca de 660.000 m^2 de superfície, dos quais, mais de 120.000 de área coberta. Tem ao seu serviço mais de 1.500 empregados e operários e serve uma clientela exigente e dedicada em 56 países do mundo nos seus cinco continentes! Para a "TABOPAN" trabalha, cada dia, uma frota de cerca de 100 camiões para abastecimento de matéria prima e escoamento do produto fabricado. Milhares de trabalhadores, pelo mundo, vendem e distribuem os seus produtos. Cerca de cinquenta mil toneladas de carga são confiadas, anualmente, às diversas companhias de navegação, e o abastecimento de matérias primas subsidiárias dão ocupação a milhares de trabalhadores. Mais de 12 milhões de kilowates de energia eléctrica

88 ABREU, José Gonçalves de - *Na Incerteza dos Meus Passos. Texto inédito.* Acessível nos Parques Empresariais do Entre Douro e Tâmega, Amarante, Portugal, pp. 51 - 52



[54] - distribuição sectorial de Amarante em 1971

são consumidas anualmente na força motora das suas unidades produtivas."[89] Neste ano, a distribuição setorial da vila demonstrava uma clara evolução na ocupação do solo, com a estrada nacional 15 a fazer a ligação entre as instalações das indústrias Tabopan e o centro da cidade [54].

A empresa dispunha de transporte colectivo para levar os trabalhadores, todas as manhãs, até à fábrica. A quantidade de madeira utilizada aumentou de tal maneira que o abastecimento ultrapassava os limites do concelho, um raio de 150 km, em particular nas serras do Norte. As indústrias atingiram neste ano o seu auge de produtividade, marcando a cidade como nenhuma outra indústria o fizera antes. Para apoiar a vida das famílias que trabalhavam no complexo, José de Abreu proporcionava actividades de lazer, tais como o grupo de teatro, orquestra, equipa de futebol e corridas de rally.

Através da seriedade dos seus métodos de trabalho e da qualidade dos seus produtos, em poucos anos, a sua área de distribuição ganharia maior amplitude de Norte a Sul do país[90], bem como a nível internacional, para onde era destinado a maior parte da sua produção. A empresa amarantina ganha um lugar de destaque no mercado nacional, graças a três factores muito importantes: a proximidade com a matéria-prima, o baixo custo da mão-de-obra num concelho ainda muito isolado, e a perspicácia e sentido de responsabilidade do seu fundador e explorador[91].

---

89 ABREU, José Gonçalves de – *A Tabopan também tem a sua história*. Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante. Nº43-48 (1971), p.17

90 Idem, ibidem, p.10

91 GUICHARD, François - *Amarante: Structures sociaux-économiques et liens de dépendance dans un "Concelho" du nord-ouest Portugais*, 1st edn (Lisboa: Centro de estudos geográficos da cidade de Lisboa, 1980), p. 104



[55] - imagem aérea da fábrica da Tabopan em Vila Pouca de Aguiar



[56] - fábrica da Tabopan em Vila Pouca de Aguiar

José Joaquim Gonçalves de Abreu, ao herdar o espírito empreendedor do pai, pensa em todas as potencialidades da fábrica para atingir maior produção e qualidade, sem comprometer o bem-estar dos seus funcionários durante o dia de trabalho[92]. O seu espírito ambicioso levou-o a outros cargos de grande importância, entre eles a presidência da Câmara Municipal de Amarante e a presidência do Grémio Nacional das Indústrias de Madeira, entre 1971 e 1988.

No início dos anos 70, o Governo português incentiva José Abreu a expansão das Indústrias Tabopan para Trás-os-Montes, de modo a promover a economia da região do Alto Tâmega, que resultaria na criação de empregos para o povo transmontano e na utilização das madeiras à disposição nas suas serras. A localização escolhida para o novo complexo fabril foi Vila Pouca de Aguiar [55][56]. Os equipamentos mecânicos para a linha de produção das placas de aglomerado provinham da mesma origem do que os do complexo amarantino, sendo os únicos elementos exportados utilizados na construção de qualquer uma das fábricas das Indústrias Tabopan.

Este novo complexo era composto por cerca de 20 000 m^2 para a actividade fabril, mais 14 000 m^2 para inserir serviços necessários para os funcionários da fábrica, entre eles um posto médico, escritórios e moradias[93]. Entrou em funcionamento em Janeiro de 1974, dentro do prazo estimado perante o Governo Português.

92 Era através dos pormenores que as fábricas da Tabopan marcavam a diferença como, por exemplo, o aproveitamento do calro que a fornalha produzia na secagem das madeiras para aquecer os funcionários na fábrica nos dias mais frios.

93 ABREU, José Gonçalves de - *Na Incerteza dos Meus Passos. Texto inédito.* Acessível nos Parques Empresariais do Entre Douro e Tâmega, Amarante, Portugal, p. 60



[57] - Imagem aérea dos edifícios do Tâmega Park em Amarante



[58] - Tâmega Park em Amarante

Com a construção deste novo complexo, avizinha-se o declínio da empresa Abreu & Cia. Com o novo regime imposto pelo 25 de Abril de 1974, José de Abreu descreve as suas consequências perante as suas Indústrias em Trás-os-Montes:

> "O fracasso desta iniciática, deve-se, exclusivamente aos governantes que assumiram o poder a partir da mudança de Regime, que não respeitaram os compromissos assumidos pelos governantes que os antecederam. Não podem, os governantes de agora, quaisquer dos governantes destes últimos vinte e cinco anos, negar à empresa o direito de receber os incentivos que o Estado lhe prometeu para ela, a Tabopan levar esta indústria para Trás-os-Montes. A indústria está lá, desmantelada, sim, por culpa do Estado que não lhe pagou os incentivos que prometeu e levou, a empresa, por dificuldades de tesouraria a cobrir custos que eram de conta do Estado a esvair-se de meios financeiros, para prosseguir. Laborou catorze anos, sem receber um cêntimo, a pagar custos que não eram da sua responsabilidade"[94].

Nos anos de 1979, 1984 e 1985, foram feitas tentativas para que fossem pagos os incentivos necessários para o funcionamento do complexo transmontano, sem sucesso. A empresa entrou numa fase difícil a nível financeiro, incapaz de manter a actividade industrial, e interrompe a sua produção em 1986. e nos anos 90 acabaria por entrar em falência[95].

Outrora um elemento unificador da cidade de Amarante, a nível económico e social, as Indústrias Tabopan deixaram um vazio no

---

94 ABREU, José Gonçalves de - *Na Incerteza dos Meus Passos. Texto inédito.* Acessível nos Parques Empresariais do Entre Douro e Tâmega, Amarante, Portugal, p. 62

95 FERREIRA, Mélanie Lydie Lemaire - *As antigas fábricas de Tabopan de Amarante : uma reabilitação 100% local*. Guimarães : Universidade do Minho, 2013, p.11

desenvolvimento da cidade. Enquanto se encontrava em funcionamento, empregou grande parte da população amarantina, mantinha as suas florestas cuidadas, e desenvolveu a sua rede viária, com a construção da nova ponte. Fez surgir equipamentos essenciais para o funcionamento de uma vila em desenvolvimento: o museu municipal, o mercado municipal, a escola secundária, o posto de polícia, as agências bancárias. Apesar de falir, deu a Amarante os elementos necessários para crescer e se tornar a cidade que chega à actualidade.

Em 2006, o Parque Empresarial de Vila Pouca de Aguiar reabilitou a fábrica abandonada da Tabopan, para oferecer o seu espaço a novas empresas de forma rápida e competitiva, de modo a incentivar os investimentos na empresas daquela região.[96] Foi aplicado o mesmo conceito numa parte do complexo Tabopan em Amarante, servindo com sucesso as empresas amarantinas. É conhecido actualmente como Tâmega Park[97] [57][58]. Os restantes edifícios permanecem como fantasmas sobre a EN15, abandonados e em estado de ruína.

96 Disponível em http://noticiasdeaguiar.pt/antiga-fabrica-da-tabopan-ja-alberga-12-empresas/ [3 Dezembro 2015]

97 Disponível em http://tamegapark.pt/ [3 Fevereiro 2016]

3.3 A fábrica em ruína: a preservação da memória como justificação para uma intervenção

> "As "fábricas" ou os grandes complexos industriais configuraram, portanto, espaços "pragmáticos", formalmente resguardados pela especificidade das actividades económicas que albergaram. Mantiveram uma autoria eclipsada, quase incógnita, mesmo quando foram assinadas por profissionais de destaque e com grande capacidade de intervenção. E, apesar do seu gigantismo, da escala que tomaram nas cidades portuguesas, assim permaneceram durante o seu tempo de vida útil até se tornarem ruínas. Retomam-se agora como memórias do fim de um tempo que, em Portugal, não chegou a cumprir-se.
>
> Este é o panorama do património industrial português herdado e o seu significado define-se numa espécie de nostalgia, de desejo não realizado."[98]

O que pode a memória das fábricas Tabopan fazer pela história da cidade, e consequentemente, pelo seu futuro? O valor destes edifícios não reside apenas no seu valor arquitectónico enquanto registo físico da presença de uma actividade industrial desta dimensão na cidade, mas também na presença que ainda faz sentir na memória colectiva da comunidade amarantina.

As fábricas serão tratadas no presente trabalho como uma ruína. Importa aqui equacionar o conceito de *ruína* como algo que "resulta de algo construído deliberadamente pelo homem, posteriormente transformado por degradação, desmoronado ou escalavrado pelo

98 BRAÑA, Celestino Garcia; LANDROVE Susana; TOSTÕES Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico*. Barcelona: Fundação Docomomo Ibérico, 2005. ISBN 84-609-4295-3, p.91



[59] - momentos de lazer com a Orquestra da Tabopan



[60] - equipa de futebol composta por funcionários das Indústrias Tabopan

tempo ou por causas naturais ou acidentais" [99]. No seu estado actual, os elementos que sobreviveram ao tempo permitem reconstituir o seu aspecto original, devido à resistência estrutural do edificado; o mesmo já não se verifica nos corpos centrais, cujas coberturas sucumbiram ao abandono a que o construído foi exposto ao longo do tempo. A análise do existente permite encontrar um método eficiente para preservar estes edifícios e, consequentemente, preservar uma parte da história da cidade e dar-lhe um novo uso.

Até a altura da concretização deste trabalho, o seu autor manteve-se desconhecido, podendo tratar-se de uma obra anónima, "que é o contrário de passar despercebida"[100]: é reconhecido o devido valor a no sentido em que está inserida, desde o seu período de funcionamento até ao seu abandono até atingir o estado de ruína, no cenário da cidade pelo seu poder simbólico e pelo seu papel na memória colectiva dos habitantes, sem precisar de um autor de renome para se impor.

As ruínas das antigas fábricas Tabopan oferecem algo mais aos seus habitantes para além de vestígios físicos: resistente ao tempo, a ruína mantém-se uma memória viva, que se mantém ligada à cidade não apenas pela sua dimensão ao longo da estrada nacional, mas pela sua influência emocional nas gerações dos antigos trabalhadores e habitantes da cidade [59][60]. As ruínas ultrapassam a sua presença física e inserem-se no imaginário da população. A prova da importância destas memórias confirmam-se através de fotografias antigas e documentos,

---

99 DIAS, Lino Tavares; ALARCÃO, Pedro - *Interpretar a ruína, contribuições entre campos disciplinares : actas do seminário internacional de arquitectura e arqueologia*. Porto : FAUP Publicações, 2011. ISBN 978-989-8527-00-4, p. 125

100 SOUTO DE MOURA, Eduardo - *A Ambição à obra Anónima*. [Lisboa, Outubro, 1993] Entrevista concedida a Paulo Pais. in TRIGUEIROS, Luiz (ed) - Eduardo Souto Moura, p.31





[61] - estado actual da fábrica - ver ANEXOS

normalmente guardados por antigos trabalhadores. Relutantes em ver-se livres das memórias da fábrica, os habitantes reconhecem o valor destes registos e guardam-nos para gerações futuras[101]. Actualmente, a visita a estes edifício é possível apenas se for guiada por um membro da entidade responsável pelo local.

> "...a ruína, fragmento de uma arquitectura do passado, denuncia, simultaneamente, uma presença e uma ausência. A sua exigência de inteligibilidade é, antes de mais, um convite à reconstrução." [102]

Tornou-se necessário interpretar a ruína com o objectivo de identificar e reconhecer a sua imagem original [103]. [61]

Através da observação da ruína, é possível perceber que a fábrica atinge três espaços temporais: um para os antigos trabalhadores e habitantes, os que utilizaram o espaço e que pertenceram ao tempo em que esta estava activa, um para os habitantes da cidade onde a fábrica já não exerciam as suas funções, mas a sua memória ainda estava muito presente no seu quotidiano, e por fim, os habitantes da cidade actual, cuja fábrica simboliza apenas tempos idos, da qual não possuem qualquer memória para além do seu vislumbre ao atravessar a EN15. O público-alvo de cada um destes três espaços temporais ainda se faz sentir actualmente na população da cidade, e para cada um existem motivos e consequências diferentes para a preservação da memória do lugar. Para os antigos trabalhadores, seria uma viagem nostálgica ao

---

101 Grande parte das fotografias antigas reproduzidas neste trabalho provêm de familiares de antigos trabalhadores das indústrias Tabopan.

102 DIAS, Lino Tavares; ALARCÃO, Pedro - *Interpretar a ruína, contribuições entre campos disciplinares : actas do seminário internacional de arquitectura e arqueologia*. Porto : FAUP Publicações, 2011. ISBN 978-989-8527-00-4, p. 125

103 Idem, ibidem, p. 11

seu próprio passado, onde reconheceriam um lugar que um dia lhes pertenceu; para os habitantes da cidade que já não viram a fábrica em pleno funcionamento, a sua preservação adquire um motivo pedagógico, onde o reconhecimento do lugar será feito com curiosidade; e para a população actual, para a qual a fábrica é apenas um fantasma parado no tempo há 31 anos, simbolizará um renascimento da memória colectiva da fábrica. A preservação da ruína unirá os diferentes tempos da cidade de uma só vez.

> "Um símbolo, uma casa, guardam uma estranheza interior, como uma letra, como um programa, uma mensagem de sobrevivência, de trespasso. Uma casa tem estruturalmente uma intenção de sobrevivência. (...) Uma casa sobrevive-nos, o que quer dizer que ela acolhe o que ainda não aconteceu; do mesmo modo que o símbolo, a casa acolhe um morto. A casa acolhe o que ainda não está presente. (...). De tal modo que, o presente duma casa, a sua construção, está ensombrado pela desaparição de quem a vive."(104)

A partir da equação sobre a memória e tudo aquilo que a envolve permite justificar a preservação da ruína em certas partes do recinto. A evolução da empresa e a construção da fábrica não foram alvo de registo organizado e o seu arquivo não foi preservado. O que existe sobre a fábrica encontra-se disperso entre os seus antigos trabalhadores e respectivas famílias. A ruína é um vestígio singular que conta a história das Indústrias Tabopan às gerações mais novas de habitantes de Amarante. É, portanto, defensável, a sua preservação, uma vez que pode ser reabilitada e, tal como os edifícios expostos neste trabalho anteriormente, dar resposta às necessidade de uma cidade em constante crescimento.

---

104 GUERRERO, Julián Santos - *Pensar a casa : conferências da casa.* Matosinhos : Associação Casa da Arquitectura, 2011. ISBN 978-989-96790-1-6, p.24

> "Desta forma, a memória é uma dimensão básica, fundamental da construção. Mas esta dimensão não se pode pensar como algo único, unido, fechado ou feito. Não porque seja sempre memória de mais do que um, que o é, mas porque na memória há já uma fragmentação, uma ruptura interna que lhe é estruturalmente necessária para o seu funcionamento. Ela salta. Com isto queremos dizer que a finitude da memória não é só a incapacidade de recordar tudo, mas que a própria capacidade de recordar tem a sua condição de possibilidade, justamente, nessa finitude, nessa queda da memória ou nessa interrupção ***da*** memória."(105)

Assim, a ruína pode ser associada ao conceito de algo que já passou mais ainda persiste na memória de quem viveu esse tempo. Quando se efectua uma visita a um local abandonado que, um dia, já teve um propósito, existe sempre uma sensação de nostalgia. É este o sentido que o conceito de ruína adquire na conjectura actual: um edifício abandonado, em bom ou mau estado, desprovido de funções e repleto de memórias passadas. Uma casca vazia cheia de histórias. A própria silhueta do edifício impõe-se como um fantasma que se recusa a desaparecer até a acção humana o permitir.

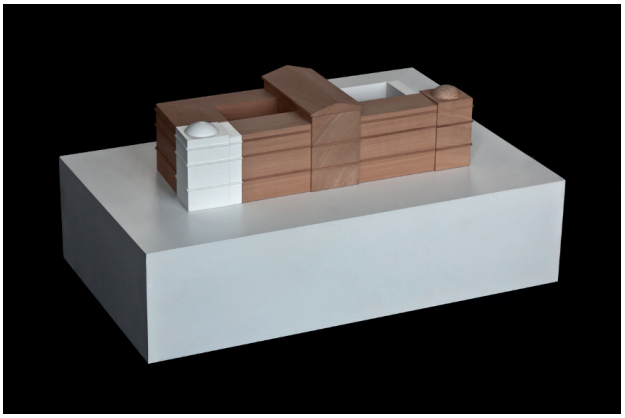
> "A destruição provoca um outro tipo de arquitectura. Os sítios mais visitados pelo turismo são as ruínas, o Coliseu de Roma, etc. (...) É uma coisa absurda, irracional, quase violenta. As pessoas preferem visitar os edifícios onde há vestígios de destruição do que os edifícios intactos. (...) São estas as duas formas de a casa ser destruída: darmos tempo para que a floresta destrua a casa, ou abrir as portas ao humano."(106)

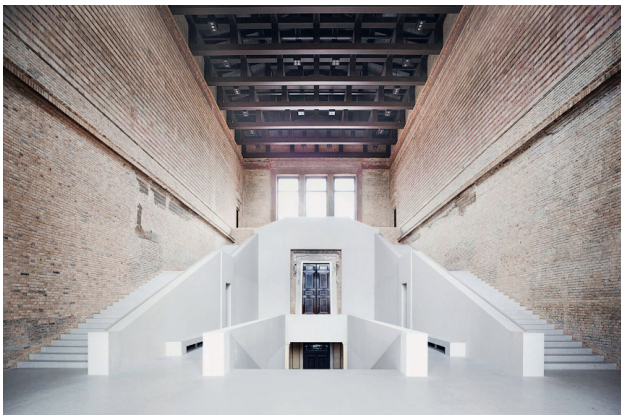
A dimensão do desafio da reconstrução da memória a partir da ruína obriga o arquitecto a delinear uma estratégia de pensamento

---

105 GUERRERO, Julián Santos - *Pensar a casa : conferências da casa.* Matosinhos : Associação Casa da Arquitectura, 2011. ISBN 978-989-96790-1-6, p. 19

106 Idem, ibidem, p.37





[62] - Neues Museum, de David Chipperfield, em Berlim, Alemanha



[63] - peça de cerâmica restaurada através de *Kintsugi*

rigorosa, cujos critérios para a preservação da ruína têm de respeitar o seu estado atual e o seu valor histórico. Exemplo desta técnica pode ser encontrado no Neues Museum, em Berlim, de David Chipperfield [62] : o desejo de completar a ruína é feita através de uma distinção entre ruína e intervenção, utilizando mudanças de material, texturas e cor.

Um exemplo interessante para demonstrar o valor das marcas do passado pode ser encontrada noutra categoria: na antiga arte japonesa ***kintsugi*** [63], quando um objecto se parte, a sua reconstituição passa por preencher os pedaços partidos com uma mistura de ouro em pó e resina, de modo a enaltecer o passado do objecto, tornando-o mais valioso(107). Enquanto que a matéria pré-existente for respeitada e completa com uma intervenção franca que sublinhe o seu passado, a preservação da memória é garantida.

A persistência destes vestígios parece resistir ao tempo à espera de uma intervenção: embora abandonada e desgastada, espera o momento em que possa voltar a fazer parte do quotidiano da cidade. O objectivo da preservação não será apenas restaurar, proteger e expor os achados: como antigo edifício fabril encontra, nas antigas instalações das indústrias Tabopan, espaços de variadas dimensões, amplos e ,sobretudo, flexíveis, que surgiram originalmente como "oportunidades de concretizar e dar forma a novos imaginários que se deveriam traduzir em novos hábitos, novos ícones, novos espaços, novas arquitecturas"(108).

---

107 YING KWAN, Pui - Exploring Japanese Art and Aesthetic as inspiration for emotionally durable design [em linha]. 2012. [18 Maio 2017] Dísponivel em http://www.designedasia.com/2012/Full_Papers/Exploring%20Japanese%20Art%20and%20Aesthetic.pdf, p.7

108 BRAÑA, Celestino Garcia; LANDROVE Susana; TOSTÕES Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico*. Barcelona: Fundação Docomomo Ibérico, 2005. ISBN 84-609-4295-3, p.5

Uma vez que as antigas fábricas se mantêm de pé, a sua manutenção e enquadramento num novo contexto programático é a solução mais interessante para devolver a fábrica à cidade: enquanto que a sua memória continua preservada, a inserção de novos espaços para apoiar as actividades existentes na região pode constituir uma mais valia para a cidade, que atrairá mais visitantes, guiados pela curiosidade de verificar a nova vida das fábricas.(109) (110)

Embora as Indústrias Tabopan não apresentem qualquer inovação do ponto de vista arquitectónico, defende-se, pelas razões apontadas, a sua preservação. A importância destas ruínas reside na cidade e nas suas gentes. Deixar estas ruínas desaparecerem ou não lhes dar a importância devida levará ao esquecimento, não apenas do espaço físico da fábrica, mas de toda a sua história, como se nunca tivesse acontecido, devido à escassez de informação disponível nos dias de hoje: "As memórias das pessoas que aí trabalharam constituem uma fonte única e insubstituível e devem ser também registadas e

109 Os vestígios de índole industrial "...devem ser estudados, a sua história deve ser ensinada, a sua finalidade e o seu significado devem ser explorados e clarificados a fim de serem dados a conhecer ao grande público." in 'Carta de Nizhny Tagil sobre o património industrial', in Assembleia Geral da Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial (Nizhny Tagil: TICCIH, 2003), p. 2

110 O património industrial "...compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação." in 'Carta de Nizhny Tagil sobre o património industrial', in Assembleia Geral da Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial (Nizhny Tagil: TICCIH, 2003), p.2

conservadas, sempre que possível."[111]

"O património industrial reveste um valor social como parte do registo de vida dos homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentimento identitário. Na história da indústria, da engenharia, da construção, o património industrial apresenta um valor científico e tecnológico, para além de poder também apresentar um valor estético, pela qualidade da sua arquitectura, do seu design ou da sua concepção."[112] Seguindo a Carta de Nizhny, o valor da memória pode ser crucial para a preservação de complexos fabris abandonados como o caso de estudo em questão: "estes valores são intrínsecos aos próprios sítios industriais, às suas estruturas, aos seus elementos constitutivos, à sua maquinaria, à sua paisagem industrial, à sua documentação e também aos registos intangíveis contidos na memória dos homens e das suas tradições"[113]. Afirma ainda que "a raridade, em termos de sobrevivência de processos específicos de produção, de tipologias de sítios ou de paisagens, acrescenta-lhes um valor particular e devem ser cuidadosamente avaliada. Os exemplos mais antigos, ou pioneiros, apresentam um valor especial."[114]

Uma intervenção responsável procura equacionar o futuro das fábricas de modo a responder às necessidades da cidade actual, de modo a que a comunidade local possa usufruir do seu espaço através da colocação de novas funções, assegurando sempre uma compatibilidade com o pré-existente. E mais ainda, para que se permita a preservação

111 'Carta de Nizhny Tagil sobre o património industrial', in Assembleia Geral da Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial (Nizhny Tagil: TICCIH, 2003), p.6

112 Idem, ibidem, p.4

113 Idem, ibidem.

114 Idem, ibidem, pp.4-5

da memória, propõe-se “uma adaptação que evoque a sua antiga actividade”[115].

A reconstrução de elementos importantes nas fábricas será necessária se tal “contribuir para o reforço da integridade do sítio no seu conjunto, ou no caso da destruição violenta de um sítio importante.”[116] A nova função equacionada não será a mesma que deu origem à construção das indústrias Tabopan, logo a reconstrução do complexo para a sua reconstituição total das instalações originais não será a hipótese seguida.

Por outro lado, a sua imagem original foi alterada ao longo do tempo, dando resposta a novas necessidades funcionais que foram surgindo. Por isso, a intervenção deverá reconhecer as peças originais, de modo a respeitar a linha cronológica do lugar, mas provocar novas alterações segundo as premissas ditadas pela cidade actual.

115 ‘Carta de Nizhny Tagil sobre o património industrial’, in Assembleia Geral da Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial (Nizhny Tagil: TICCIH, 2003), p.11

116 Idem, ibidem, p.12

4. A INTERVENÇÃO

4.1 Análise da cidade para a reintrodução da fábrica no seu quotidiano

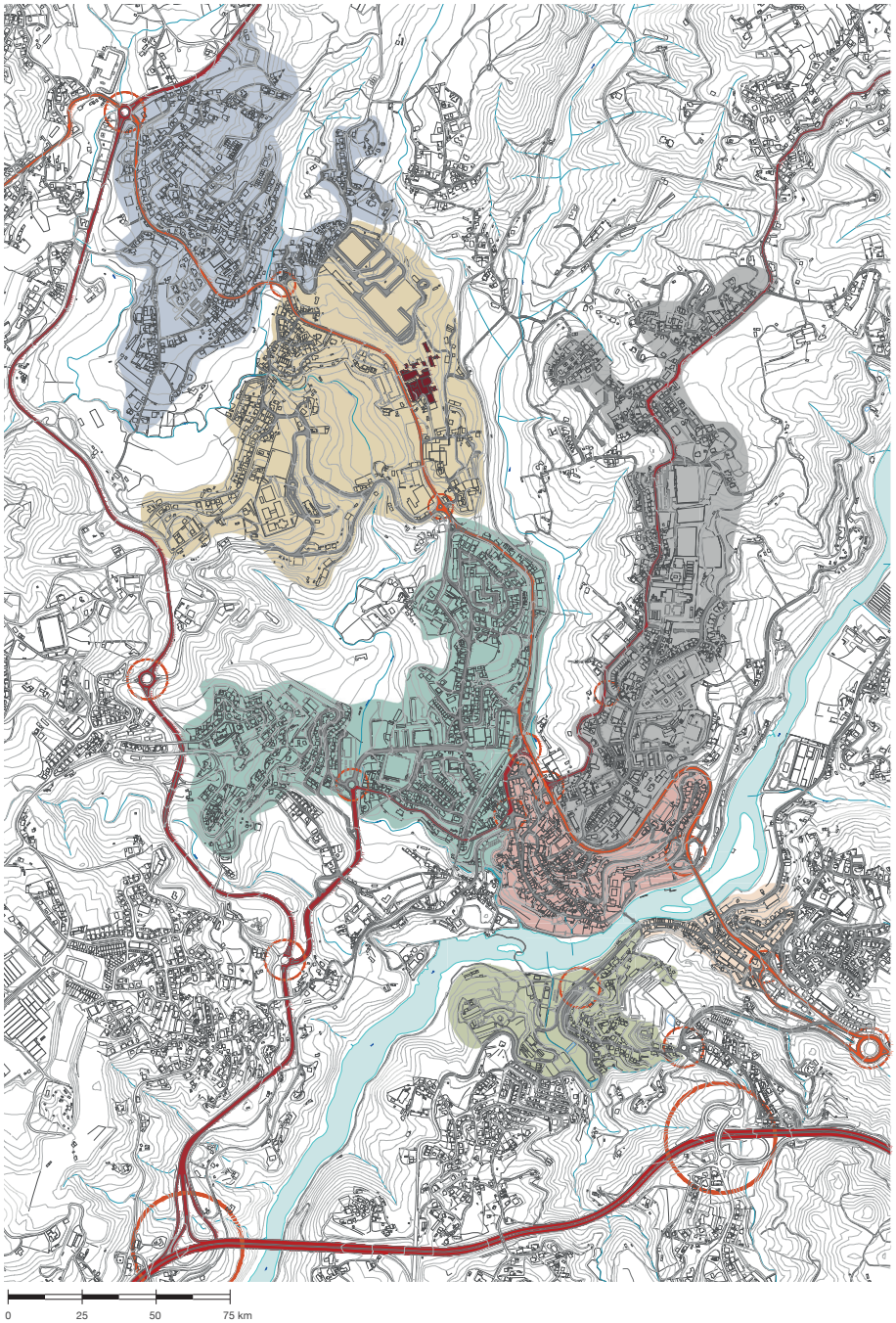
> "De uma forma ou de outra, todas as cidades são a minha cidade.
>
> O fascínio de cada cidade – o sempre diferente fascínio – irresistivelmente nos obriga a adoptá-la, ou ela nos adopta.
>
> Em cada cidade há algo que tudo liga, em justificação recíproca; simultaneamente, há algo que tudo distancia, por múltiplas influências e exotismos evidentes.
>
> Em antiquíssima alquimia surge, quase inexplicável, a essência de cada cidade, para lá da Geografia e da História registada, do peso das matérias próprias.
>
> Ecos de cruzamentos transformam as cidades, lenta e progressivamente, ou de súbito. Entrechocam-se, dissolvem-se nos interstícios das origens, impressionam-nos, a nós que arrastamos outras ondas.
>
> Tudo acontece por igual na cidade onde vivemos; só assim não morre.
>
> (...)
>
> Se por inteiro perdemos as amarras, arriscamo-nos a um desprendimento que roça o vazo e se aproxima do gratuito. A alternativa é a de uma receptividade universal capaz de despertar as raízes de cada cidade, prolongando-as em caule, ramos, folhas, flores, frutos, em qualquer lugar.
>
> Todas as cidades são a minha cidade, à qual sempre regresso.
>
> Tudo é então diferente, pois conheço o que é diferente. Os olhos abrem-se à minha cidade, sou de novo um estranho maravilhado, capaz de ver; de fazer."[117]

De modo a justificar, de forma eficaz, a reinserção da fábrica na vida dos habitantes da cidade, é necessário perceber o estado actual de Amarante para saber as suas tendência de desenvolvimento futuras.

Actualmente, a cidade está dividida em camadas cuja identidade derivam da sua função e respectivas tendências de crescimento. O centro da cidade adquiriu um carácter social muito acentuado com o tempo, o que levou ao surgimento de espaço de encontro, que abarcam os principais momentos de socialização dos habitantes. Estes "pontos de

---

117 SIZA VIEIRA, Álvaro - *01 textos.* Porto : Civilização, 2009. ISBN 978-972-26-2923-2, p. 175-176



centro da cidade

mancha ocupacional ao longo da EN210

área periférica próxima do centro da cidade

área de transição entre a periferia e o nó de acesso

mancha ocupacional perto do nó de encontro entre a EN15 e a EN20

centro urbano da margem esquerda do rio

área de influência do Parque Florestal de Amarante

vias principais da cidade

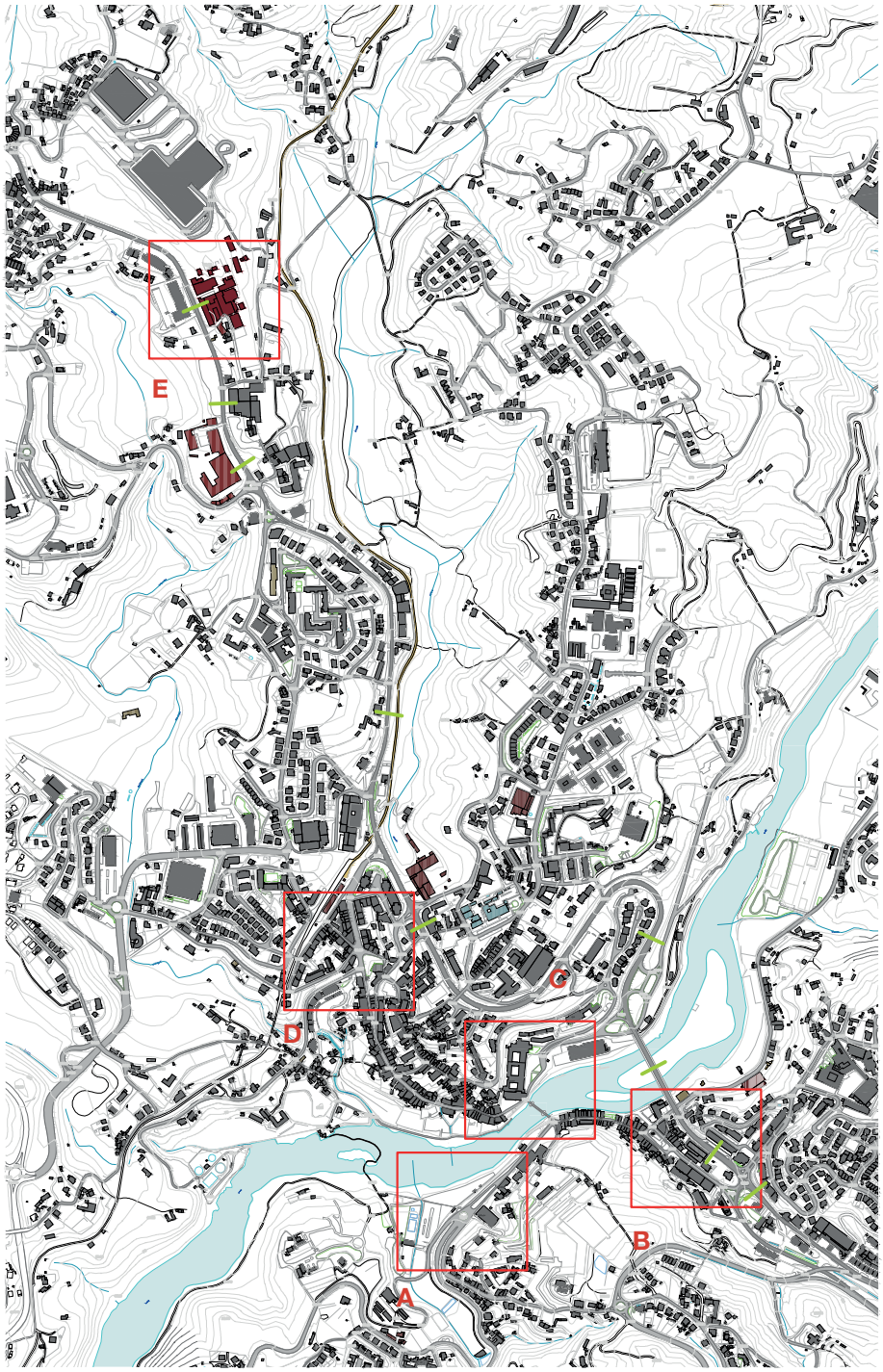
nós de acesso para as principais vias da cidade

[64] - camadas identitárias da cidade

encontro sociais" são mais importantes para o quotidiano do centro da cidade do que o equipamento de carácter habitacional: o habitante está disponível para se deslocar até ao centro porque é um dado adquirido que poderá encontrar toda a gente no mesmo sítio, ou pelo menos nas redondezas. A habitação afasta-se cada vez mais para fora do centro, preferindo vizinhanças mais calmas, apesar de estarem mais distantes do mesmo. Tais mudanças de comportamento levam ao aparecimento de mais comércio ao nível da rua, aproveitando os pisos superiores para instalar residenciais, de modo a albergar os turistas que visitam a cidade durante o ano todo.

Estas camadas identitárias [64] podem ser percebidas pelos seus limites geográficos, nomeadamente cursos de água e topografia, pela densidade da mancha construída e pela dimensão dos edifícios. Através da análise da cartografia recente da cidade, é possível compreender que a sua expansão não acontece de forma linear: a topografia acentuada da cidade não permite um crescimento denso e resultam assim grandes espaços verdes, normalmente aproveitados para exploração agrícola de pequena dimensão. Estes espaços actuam como elementos de referência, avisando o habitante que está prestes a entrar numa zona diferente, tal como o antigo complexo industrial Tabopan.

A expansão da cidade modificou ou criou novas identidades, isso significa que para cada uma destas zonas existem elementos de exceção que influenciam o crescimento normal da cidade, nomeadamente nós de acesso para as principais vias da cidades, como as estradas nacionais 15 e 210 e a auto-estrada 4, o rio Tâmega, e conjuntos de edifícios e espaços públicos de grande importância para a malha da cidade, tais como o Parque Florestal, o Largo do Arquinho e o seu comércio, a Câmara Municipal, o Museu Amadeo de Souza-Cardoso, a Biblioteca Municipal, o hospital, escolas e grandes superfícies comerciais. A localização destes elementos determina a dimensão da sua área de influência, podendo abranger mais ou menos habitantes através da disponibilidade de acessos e consequente praticabilidade e da importância dos serviços oferecidos por estes elementos.



[65] - “pontos de encontro na cidade” e a sua relação com a paisagem - escala 1: 18000

Tratando-se de uma cidade de pequena dimensão, cujo quotidiano se desenvolve sobre os seus espaços públicos de excepção, tornou-se fundamental perceber a dinâmica do diálogo existente entre os espaços do quotidiano e os espaços simbólicos. Esta análise surge para construir uma base de referência para o conceito de “pontos de encontro” [65] [66]. A distribuição destes espaços concentra-se, sobretudo, nas áreas próximas ao centro da cidade, actuando como pontos de referência para a vida social da cidade. Cada espaço tem a sua rotina, que funciona de acordo com as necessidades da população habitante nas suas redondezas, que, na falta de oferta de serviços, poderá procurar apoio na camada vizinha, numa complementaridade constante, típica de uma cidade de pequena dimensão: tudo está tão longe e ao mesmo tempo tão perto. Devido à análise efectuada, é possível perceber como o antigo complexo industrial Tabopan constitui, por si só, e pela dinâmica existente na sua envolvente próxima, um “ponto de encontro”: a sua inserção na rede construída pelos pontos existentes da cidade resultaria numa dinâmica conjunta que se estendia para lá do centro da cidade, reforçando o papel das Indústrias Tabopan no crescimento de Amarante.

Na imagem (A), na margem esquerda do rio, a Avenida General Silveira termina na rotunda que dá acesso ao Parque Florestal, em frente ao antigo Cine-teatro e às Piscinas Municipais. Este ponto é o mais distante da EN15, por se tratar de um acesso secundário ao centro da cidade na margem esquerda, que atinge a sua maior utilidade nos meses de Verão. De Junho a Agosto, a zona do Parque Ribeireinho, a uma cota mais baixa do que a Avenida General Silveira, alberga as festas do Junho - a mais importantes da cidade - festivais de música (Festival MIMO), concertos à beira-rio e esplanadas, bem como os banhistas a acederem às piscinas. Nos meses de Inverno, a comprida avenida serve de parapeito para o rio, permitindo apreciar a paisagem durante todo o ano.

A partir deste ponto, o visitante percorre a Avenida General Silveira, passando pela Casa da Juventude, até ao cruzamento em frente à Casa

A





B





C



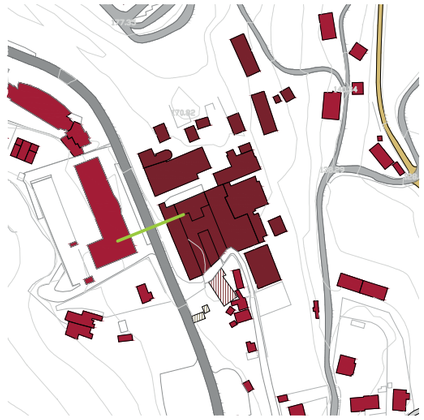


D





E









[66] - “pontos de encontro na cidade” : aproximação ao lugar e relação entre cotas ao longo do percurso

da Calçada; ao descer a rua 31 de Janeiro, repleta de comércio ao nível do piso térreo, o visitante desagua no espaço representado pela imagem (B), no Largo do Arquinho. Este espaço funciona como um espaço de chegada ao centro da cidade, pelo o que é fortemente marcado pela grande afluência de pessoas durante todo o dia, especialmente quando albergava o terminal rodoviário; actualmente, este encontra-se na Rua de António Carneiro, onde disfruta de maior acessibilidade.

Este local está em constaste diálogo com o Largo de São Gonçalo, representado na imagem (C), uma vez que estão ligados pela ponte desde os primeiros tempos da vila de Amarante. Ao atravessar a Ponte de São Gonçalo, o largo oferece uma vista priveligiada para o Rio Tâmega, a par com a fachada do Mosteiro de São Gonçalo. Este "ponto de encontro" mantém-se como um local essencial para a vida social da cidade, para reunir os crentes antes das celebrações, para funcionar como ponto de distribuição para as ruas vitais da cidade, e também como local de eleição dos amarantinos para a vida social. A sua ligação com a Alameda Teixeira de Pascoaes, que divide o Mosteiro, sublinha o local como ponto central da cidade; nesta Alameda encontram-se os acessos para a Câmara Municipal e para o Mercado Municipal.

Subindo a cidade pela Rua Cândido dos Reis até ao Largo de Santa Luzia, o Sola dos Magalhães impõe-se numa parte alta ajardinada, observando o quotidiano dos habitantes ao longo dos anos. Este ponto, na imagem (D), mantém-se como um acesso importante para o centro histórico, que filtra a fluidez do trânsito e o distribui para a periferia. Os amarantinos encontram-se neste local sobretudo pela existência de comércio de rua, cuja construção em massa permitiu uma grande concentração comercial num espaço de pequenas dimensões. Com a reabilitação do Solar dos Magalhães, esta área poderá vir a ganhar mais atenção do que a que possui actualmente.



[67] - imagem aérea do caso de estudo - o complexo das Indústrias Tabopan

Nesta linha de pensamento, o presente trabalho pretende, com a intervenção nas antigas fábricas da Tabopan - imagem (E) -, acrescentar mais um "ponto de encontro" à cidade. Devido à distância que está do centro, um novo ponto para o desenvolvimento da vida social de Amarante fora do centro histórico seria um primeiro passo para o crescimento da cidade. Apesar de ser um ponto mais afastado dos restantes, a sua requalificação seria uma mais valia para a cidade, de modo a que seja colocada em marcha uma "descentralização" da cidade: ao possuir um novo "ponto de encontro" fora da área central da cidade, este poderia servir o centro histórico como área de suporte para o uso quotidiano da cidade.

Deste modo, o excesso de tráfego automóvel, o problema de estacionamento que a cidade enfrenta e a grande concentração de pessoas em eventos extraordinários ao quotidiano da cidade seriam resolvidos com a partilha de responsabilidades entre o centro e a periferia, entre a cidade e a Tabopan [67].



[68] - primeira fase: análise de demolição e construção - escala 1:2000

4.2 Proposta de intervenção: um novo espaço na cidade

> "A arquitectura é uma seleção e uma escolha de movimentos, mais do que uma seleção apenas de objectos. Há movimentos que eu quero que sejam feitos neste espaço e há movimentos que eu não quero que sejam feitos neste espaço. Esse é o poder dos arquitectos. Ora isto é instalar no espaço uma filosofia de vida, uma filosofia de acesso ao espaço."[118]

Após perceber a história da fábrica em questão, surge a altura de devolver o espaço da fábrica à cidade, com um novo programa adequado às necessidades da realidade actual.

Existem, na proposta, três níveis de intervenção: partes a demolir, partes a reabilitar e partes a manter. Cada tipo de intervenção é assinalada na imagem 68 com uma cor respectiva à fase em que está inserida.

A amarelo ficam assinalados os edifícios a reabilitar, importantes para a leitura do conjunto, nomeadamente a antiga casa do pai do fundador da empresa, a construção que lhe é adjacente, o edifício que oferece a fachada à rua, o que lhe está imediatamente atrás, e o edifício que remata o conjunto perpendicularmente, cuja linguagem se insere coerentemente no conjunto.

Após terem sido realizadas visitas ao local, os elementos representados a cor vermelha foram identificados para demolição, devido ao seu estado avançado de degradação e à incoerência formal que demonstram perante o conjunto. Os elementos selecionados para demolição não acrescentam valor à leitura do conjunto, dificultando a sua leitura.

---

118 GUERRERO, Julián Santos - *Pensar a casa : conferências da casa.* Matosinhos : Associação Casa da Arquitectura, 2011. ISBN 978-989-96790-1-6, p. 41

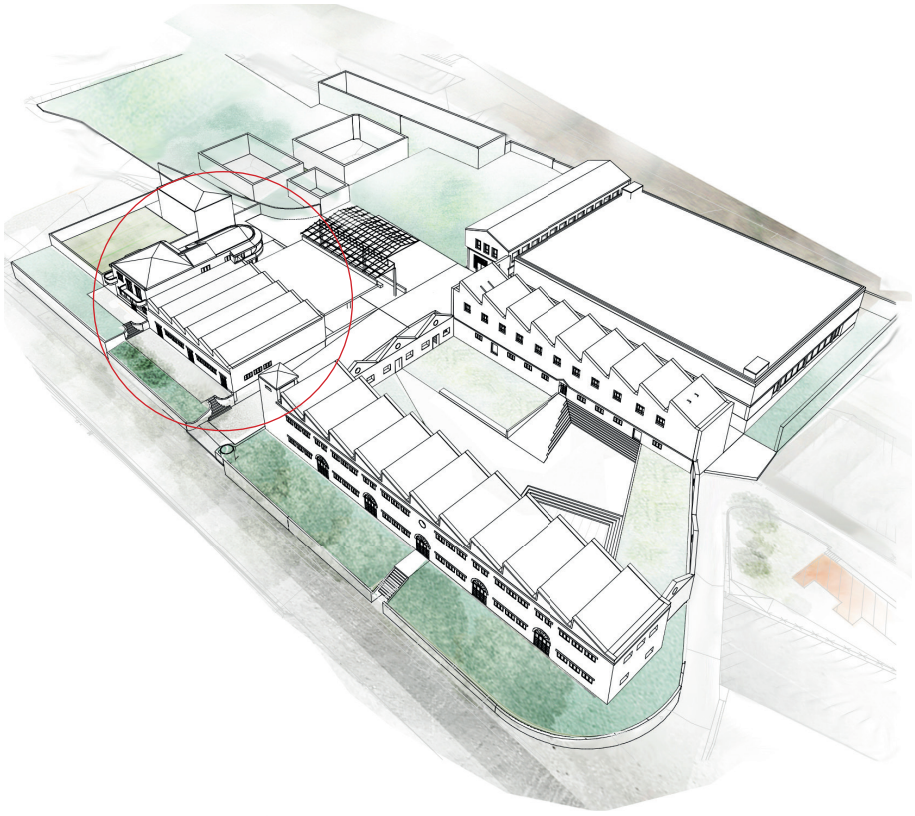


[69] - segunda fase: programa proposto - escala 1:2000

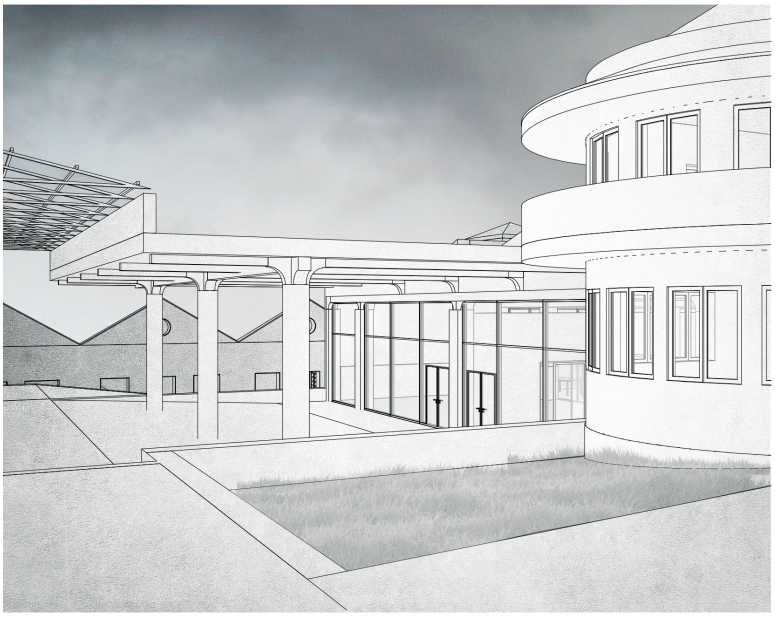
A cinza, estão assinaladas as ruínas expectantes. A decisão de manter estes edifícios que se encontram na colina entre o Tâmega Park e o caso de estudo resumiu-se ao factor do desconhecido: para além do seu estado actual não permitir a sua verdadeira leitura, o presente trabalho inseriu-se o programa que considerou necessário no conjunto restante. Uma vez que estas ruínas ainda não são necessárias, ficam à espera, até que a cidade precise delas. Este processo é uma continuação da realidade deste conjunto, uma vez que o próprio Tâmega Park já estivera no mesmo estado ruinoso que o resto do complexo se encontra actualmente. Quando a cidade necessitou de espaços amplos, diversificados e a preços competitivos, reabilitou parte do complexo para esse fim.

O programa proposto neste trabalho [69] surge da disponibilidade destes espaços, cujas dimensões e flexibilidade de utilização do espaço não existem no centro da cidade, onde a escala da malha consolidada não permite a inserção de programas que exijam maiores dimensões ou escalas diferentes no mesmo edifício. Na sequência da análise feita nos capítulos anteriores, verifica-se oportuno introduzir neste local um programa que, para além de atender a diversas escalas programáticas, responda às necessidades da cidade: para a valorização da história da Tabopan e futuro desenvolvimento do material, propõe-se a criação de um museu e um centro de investigação; para responder às necessidades da comunidade, e para o seu desenvolvimento e dinamização, é proposta a inserção de salas de estudo, uma incubadora de empresas e um pavilhão multiusos.

A Norte, as ruínas permanecem intactas e inserem-se no novo projecto através da sua presença na paisagem. Ao seu lado, foi colocada à disposição dos habitantes locais uma área de cultivo comunitária, uma vez que este espaço já é utilizado actualmente para esse efeito.



[70] - Localização da Casa Museu das Indústrias Tabopan e Centro de Investigação



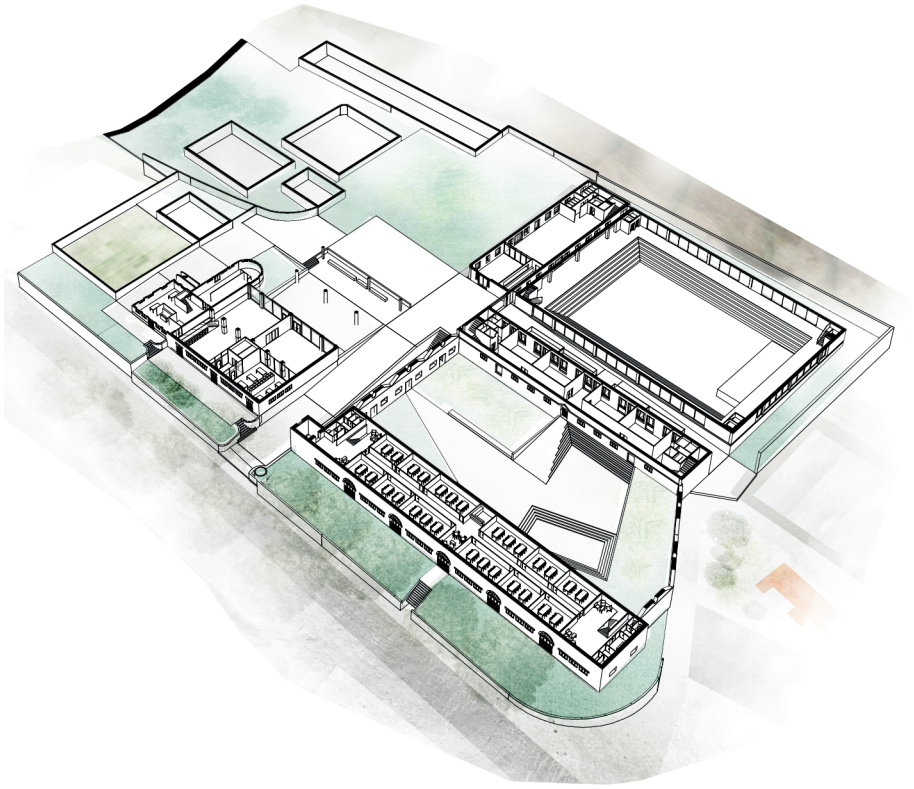
[71] - Perpectiva da Casa Museu das Indústrias Tabopan e Centro de Investigação

À face da rua, a Casa Museu das Indústrias Tabopan insere-se na antiga casa de Agostinho Gonçalves: revelou-se urgente a existência de um lugar comum para arquivo das peças documentais sobre as indústrias e sobre a família Abreu, onde seriam estudadas e cuidadas. Esta casa museu funcionaria em parceira com a Casa da Memória, projecto da autoria de Álvaro Siza e localizada no antigo Solar dos Magalhães.

O edifício destinado para o museu possui um carácter nobre, coerente com o programa proposto. No piso térreo, o espaço seria preenchido com recepção, espaços expositivos e acesso ao piso superior, onde se desenvolve o restante espaço expositivo da casa. Existe ainda uma zona de entrada, acessível também pelas escadas exteriores, que dá acesso aos espaços administrativos do museu.

Adjacente à Casa Museu, é inserido o Centro de Investigação da Tabopan, um programa de apoio à investigação do material outrora produzido pela marca. Este programa foi introduzido num espaço amplo, onde a estrutura original da cobertura será mantida à vista. O espaço interior é encerrado por um plano de vidro, de modo a que a relação visual com o exterior seja mantida. No seu interior, a dividir o espaço de trabalho para o centro de investigação e a uma sala de arquivo, existe um espaço polivalente, para ser utilizado tanto pela casa museu como pelo centro de investigação: a flexibilidade espacial desta divisão une os dois programas num espaço aberto às suas necessidades. A transparência do material e a altura das paredes divisórias deste edifício permite manter a leitura total do espaço [70][71].

Em frente ao centro de investigação, existe uma estrutura que será limpa e mantida como escultura exterior. Esta decisão advém da premissa de evitar a demolição quando esta não prejudica a leitura geral do complexo. Adicionalmente, representa uma técnica construtiva que já não é reproduzida na actualidade, o que faz desta estrutura um vestígio



[72] - Axonometria do projecto: piso 1



[73] - Perpectiva do espaço interior do piso de salas de estudo

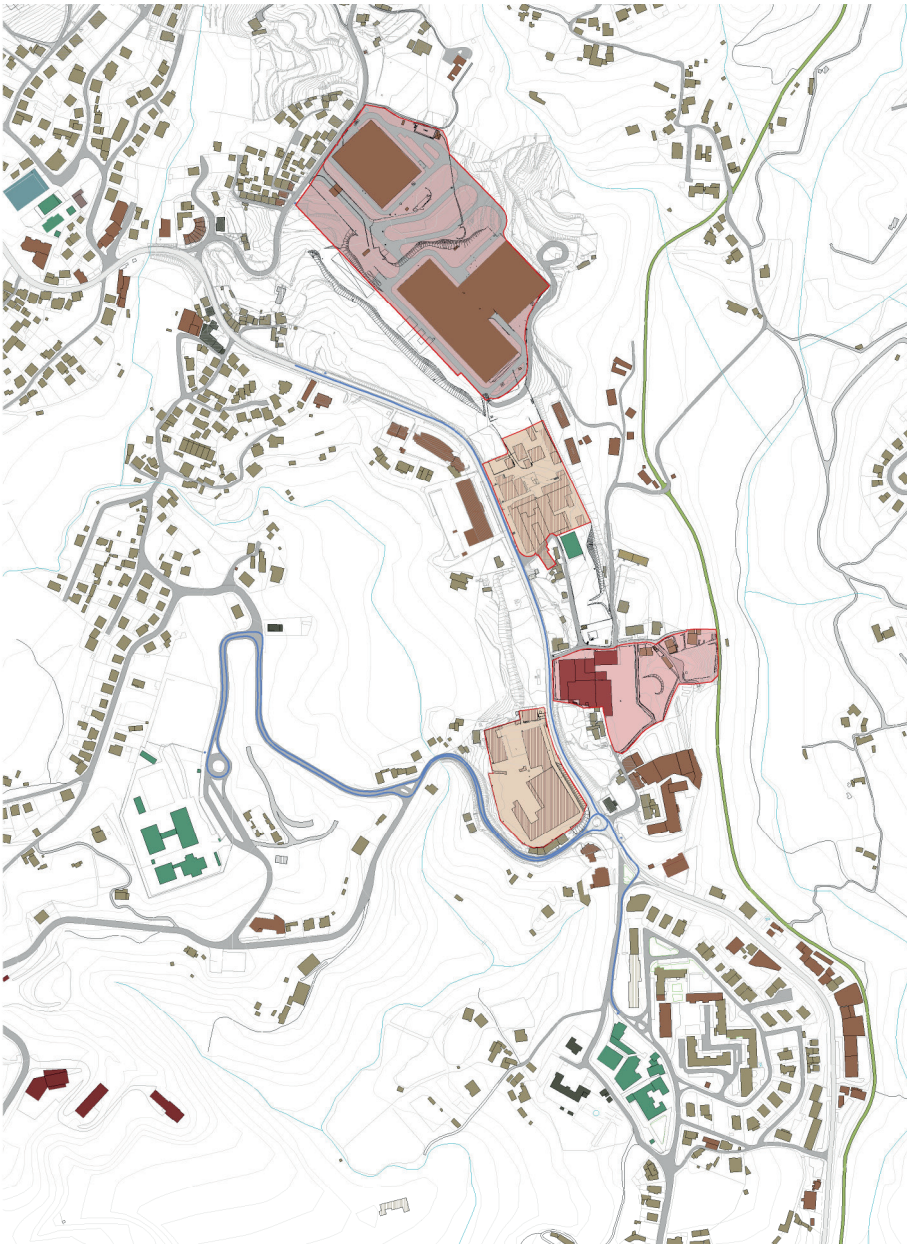
físico que, segundo a Carta de Nizhny[119], deve ser mantido, insistindo na permanência da memória na nova proposta.

É possível identificar duas intenções distintas na distribuição programática da nova proposta: a Norte, as ruínas, a casa museu e o centro de investigação possuem um programa mais direccionado para a preservação da memória da marca Tabopan, enquanto que a Sul, as salas de estudo, a incubadora de empresas e o pavilhão multiusos são programas procurados pelos habitantes da cidade para as necessidades do seu quotidiano [72][73].

O recinto é dividido a meio por um eixo criado pelo seu acesso principal, feito pela entrada original do antigo complexo industrial. Este termina num espaço exterior amplo que serve como área de distribuição principal para todo o conjunto.

À direita desta área de distribuição encontram-se os edifícios de maior dimensão do antigo complexo. O edifício que faz a frente de rua a Oeste do novo recinto, onde antigamente eram produzidos os artigos funerários, possui o mesmo carácter nobre da Casa, partilhando com ela pormenores como caixilhos, portas e esquema cromático. A barreira criada pela linha de árvores que se encontra em frente desta sublinha o mistério que envolve a fábrica, uma vez que permite o acesso visual mas impede o acesso físico; apesar de ser uma barreira permeável, que não interrompe a leitura da relação da fachada com a rua, funciona como

119 "iv . A raridade, em termos de sobrevivência de processos específicos de produção, de tipologias de sítios ou de paisagens, acrescenta-lhes um valor particular e devem ser cuidadosamente avaliada. Os exemplos mais antigos, ou pioneiros, apresentam um valor especial." - in 'Carta de Nizhny Tagil sobre o património industrial', in Assembleia Geral da Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial (Nizhny Tagil: TICCIH, 2003), p. 4-5



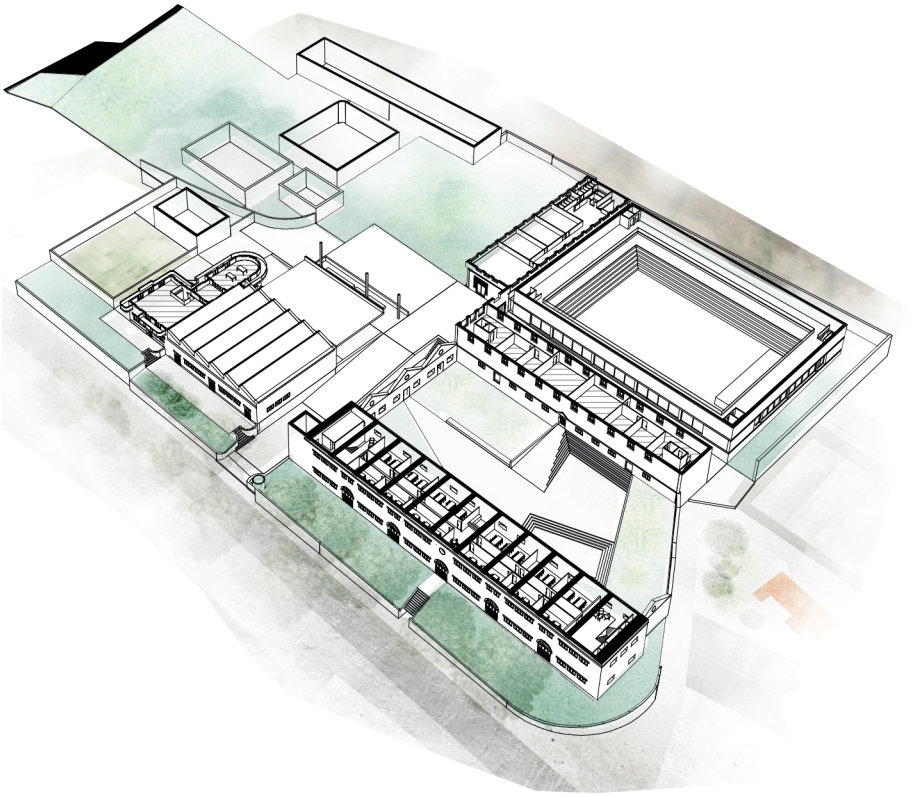
[74] - análise dos usos na envolvente próxima do antigo complexo industrial - 1:10000

um filtro, que protege a privacidade do espaço da fábrica em relação ao edifício Cristal Center, um edifício de comércio e habitação que se encontra do outro lado da rua.

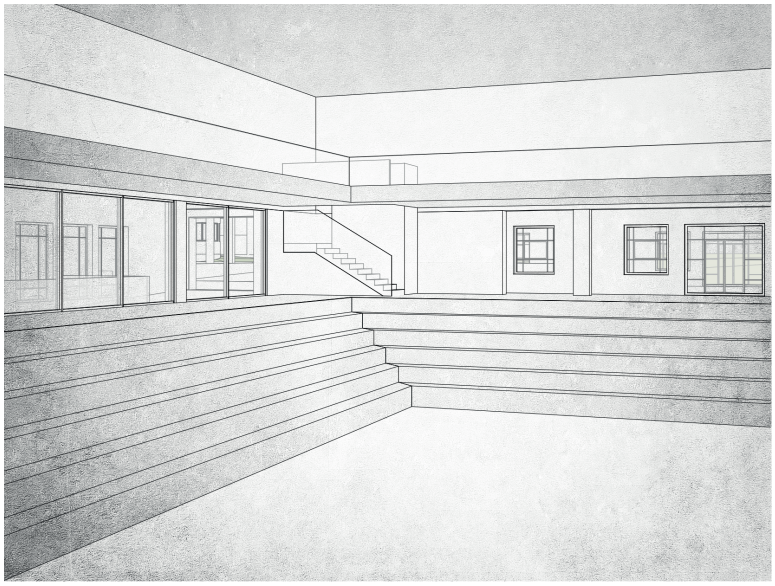
O conceito de flexibilidade do piso de rés-do-chão do edifício que faz a frente de rua permite que exista um espaço maleável à necessidade imediata do habitante da cidade, podendo assim ser utilizado como espaço expositivo, de conferência ou para um evento a acontecer na cidade. Todas as divisórias desenhadas no projecto são amovíveis, o que permite aproveitar os mesmos espaços segundo a necessidade do seu utilizador.

A existência de núcleos escolares próximos das fábricas Tabopan [74] permitiu equacionar, no piso superior do edifício, salas de estudo. Deste modo, a Tabopan serviria de apoio ao sucesso escolar dos estudantes da envolvente próxima ao disponibilizar espaços próprios para estudar em horário extra-curricular, num ambiente calmo e propício à interajuda, ao eliminar espaços individuais de estudo; o bar existente a meio das salas oferece uma comodidade próxima aos utilizadores daqueles espaços para que não haja quebra de produtividade. A acessibilidade fornecida pelos Transportes Urbanos de Amarante (VIA), cujo percurso abrange os núcleos escolar mais próximos da Tabopan, potencia este novo programa inserido nas antigas fábricas.

O pátio existente entre o edifício Este e o edifício Oeste surge do vazio criado pela queda dos corpos centrais pré-existentes, que foi reaproveitado para promover um espaço de união entre os dois edifícios opostos. Este pátio possui uma dinâmica diferente dos restantes espaços exteriores da nova proposta: uma vez que os seus limites são definidos por paredes pré-existentes, este pátio reuniu as condições ideias para ser um elemento de excepção. O tratamento do pavimento permitiu-lhe uma maior fluidez e flexibilidade de utilização do seu espaço: as áreas definidas pelos pavimentos permeáveis e impermeáveis conferem



[74] - Axonometria do projecto: piso 1



[75] - Perpectiva interior do pavilhão multiusos

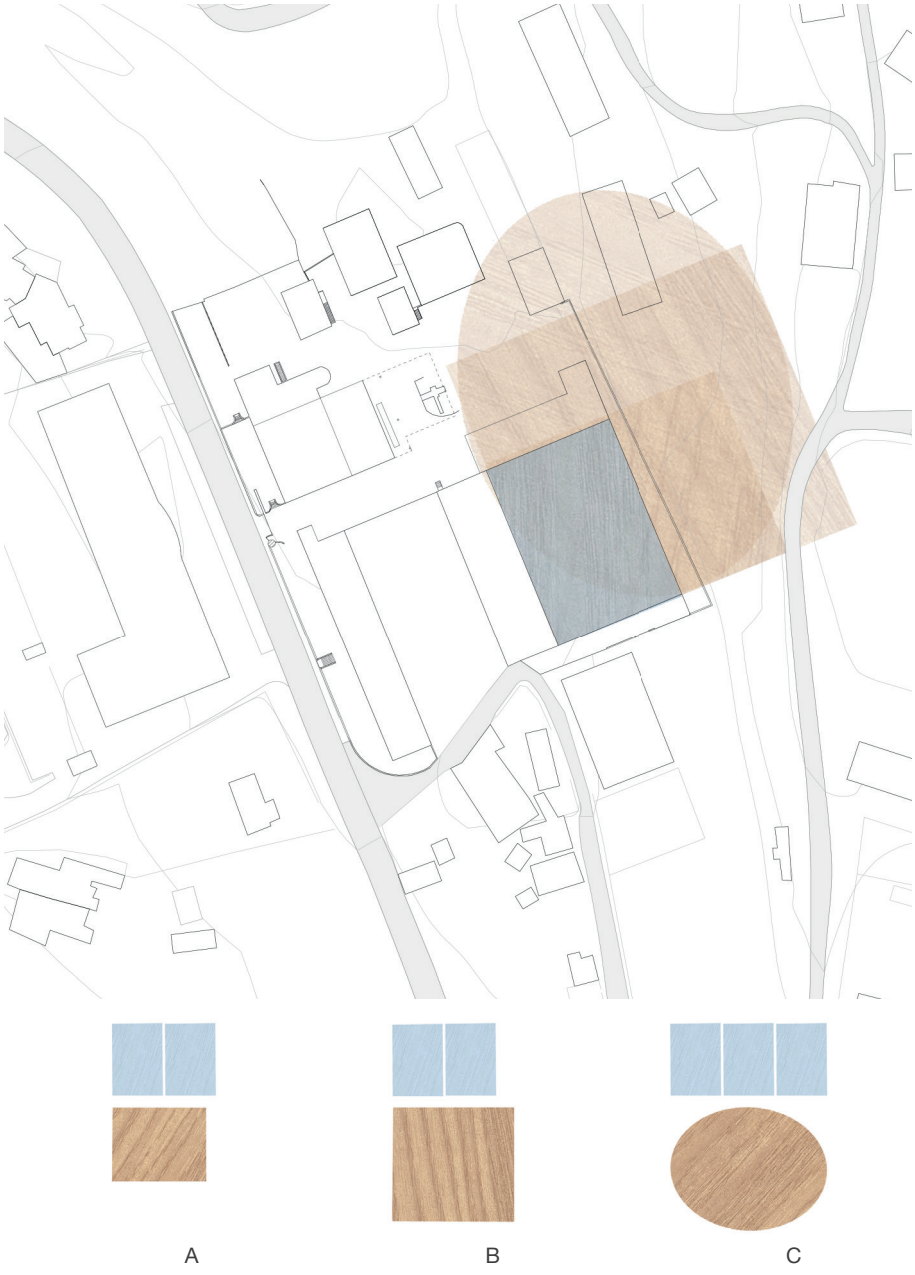
ao pátio uma dinâmica no seu uso, deixando o poder de decisão ao visitante que se desloca àquele espaço.

Uma vez que este espaço exterior também permite aceder ao edifício a Oeste do recinto, que se encontra 1,5 metros acima do piso do pátio, foi necessário desenhar uma rampa de acesso que vencesse essa diferença de cotas. Desta rampa surge um espaço de estar exterior que se desenvolve em escadas, que poderão funcionar também como bancadas para um auditório exterior. Para contrastar com a altura destas escadas, foi desenhada uma zona de estar com uma cota inferior à da laje do pátio, oferecendo ao utilizador uma perspectiva diferente, embora se encontre no mesmo espaço visual do espaço restante.

O edifício a Este do recinto estabelece uma relação mútua entre o carácter educativo do edifício Oeste e o pavilhão multiusos. No piso de rés-do-chão, a 1,5 metros de altura da cota do pátio, inserem-se a cafetaria e o restaurante que servem o complexo, bem como dois espaços que estarão ao dispor de actividades comerciais de apoio ao pavilhão multiusos. No piso superior, mais protegido do movimento do piso inferior, o espaço foi dividido em compartimentos de modo a que possam acomodar uma incubadora de empresas [74].

Por fim, o pavilhão multiusos [75]. Este programa tem vindo a ser discutido ao longo de vários anos na comunidade amarantina. A sua ausência é cada vez mais sentida, à medida que a cidade cresce e serve como anfitriã para novos eventos de maiores dimensões com o passar dos anos. Assim, foi proposto um espaço amplo, polivalente, acessível e inserido num conjunto programático que complementa a sua utilização.

É o único elemento desenhado de raiz do programa proposto. O seu local de implantação possuía originalmente um conjunto de edifícios, onde possivelmente se encontrava a serração, em avançado estado de degradação. Foi proposta a demolição destes elementos, sendo mantido



[76] - Ensaio de dimensão para perceber a escala necessária para a inserção do pavilhão multi-usos no complexo Tabopan - **(A)** Centro Cultural de Viana do Castelo, Arq. Souto Moura
- **(B)** Pavilhão Multiusos de Guimarães, Pitágoras Group
- **(C)** Pavilhão Multiusos de Gondomar, Arq. Siza Vieira

apenas o edifício que, pela sua composição e linguagem de fachada, é importante para a leitura do construído pré-existente. A colocação do pavilhão-multiusos no projecto respeita as partes originais do complexo fabril[120], encaixando-se no edifício existente de modo a não danificar o construído.

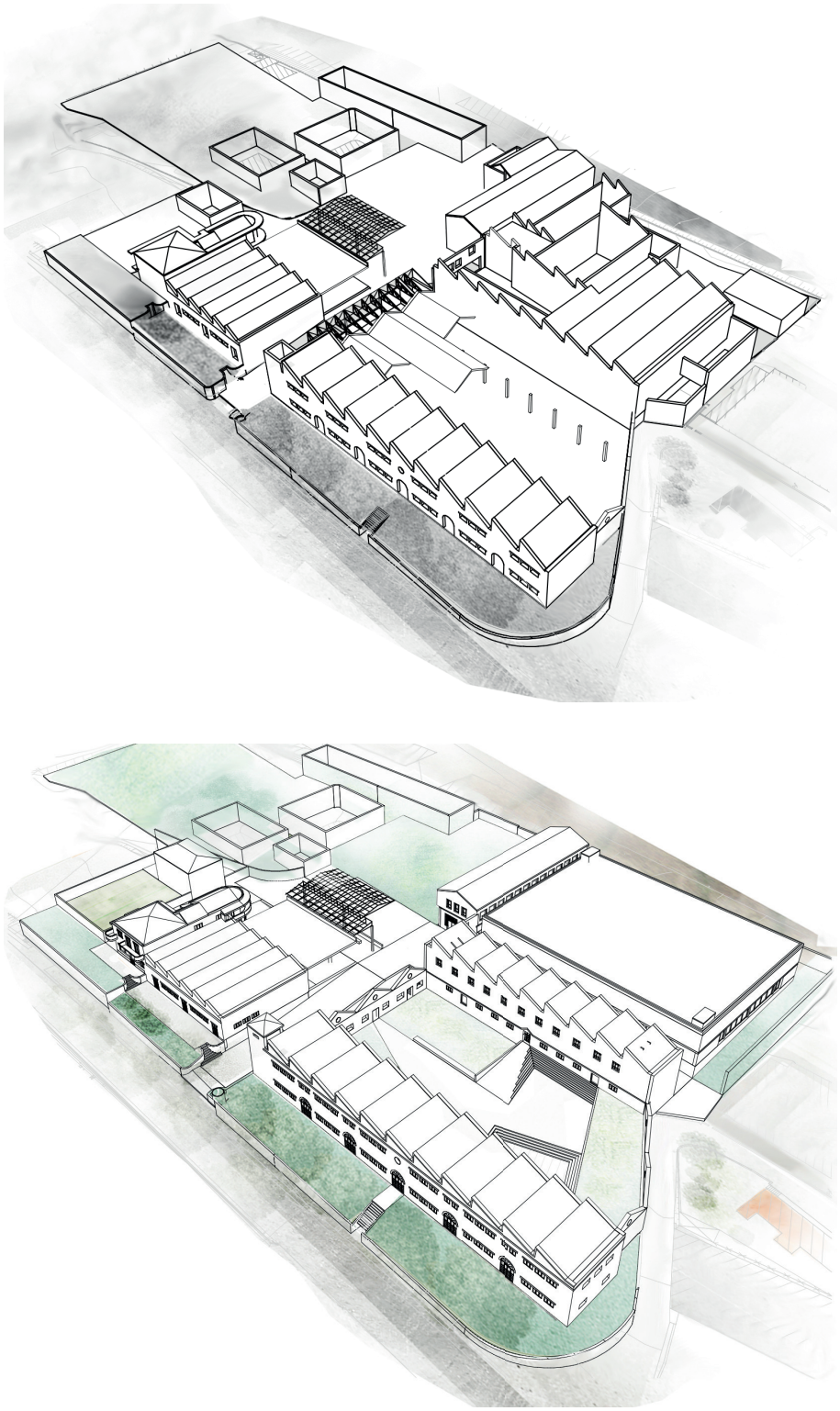
A dimensão proposta para o pavilhão multiusos surgiu após um estudo efectuado aos exemplos mais sonantes do programa e respectiva das cidades em que estão sediadas [76], encontrando assim uma proporção adequada à cidade de Amarante de acordo com a área que o complexo permite. Com os acessos a acontecerem nos cantos do edifício, o espaço interior adquire uma amplitude própria para grandes eventos, quer sejam desportivos ou recreativos.

A entrada para o pavilhão multiusos é feita pelo edifício pré-existente, onde se encontram a recepção, as casas de banho e os acessos para os serviços administrativos do equipamento no piso superior. Nesta pré-existência, a fachada mais próxima ao pavilhão foi recuperada e serviu como base para o desenho dos elementos estruturais do novo equipamento. Os espaços interiores da pré-existência e do novo edifício comunicam entre si através de um elemento de ligação em vidro: embora próximos, é possível ler de formal individual cada um dos edifícios, sem interromper a sua comunicação interior. Desta forma, é necessário aceder ao edifício original para utilizar o novo equipamento.

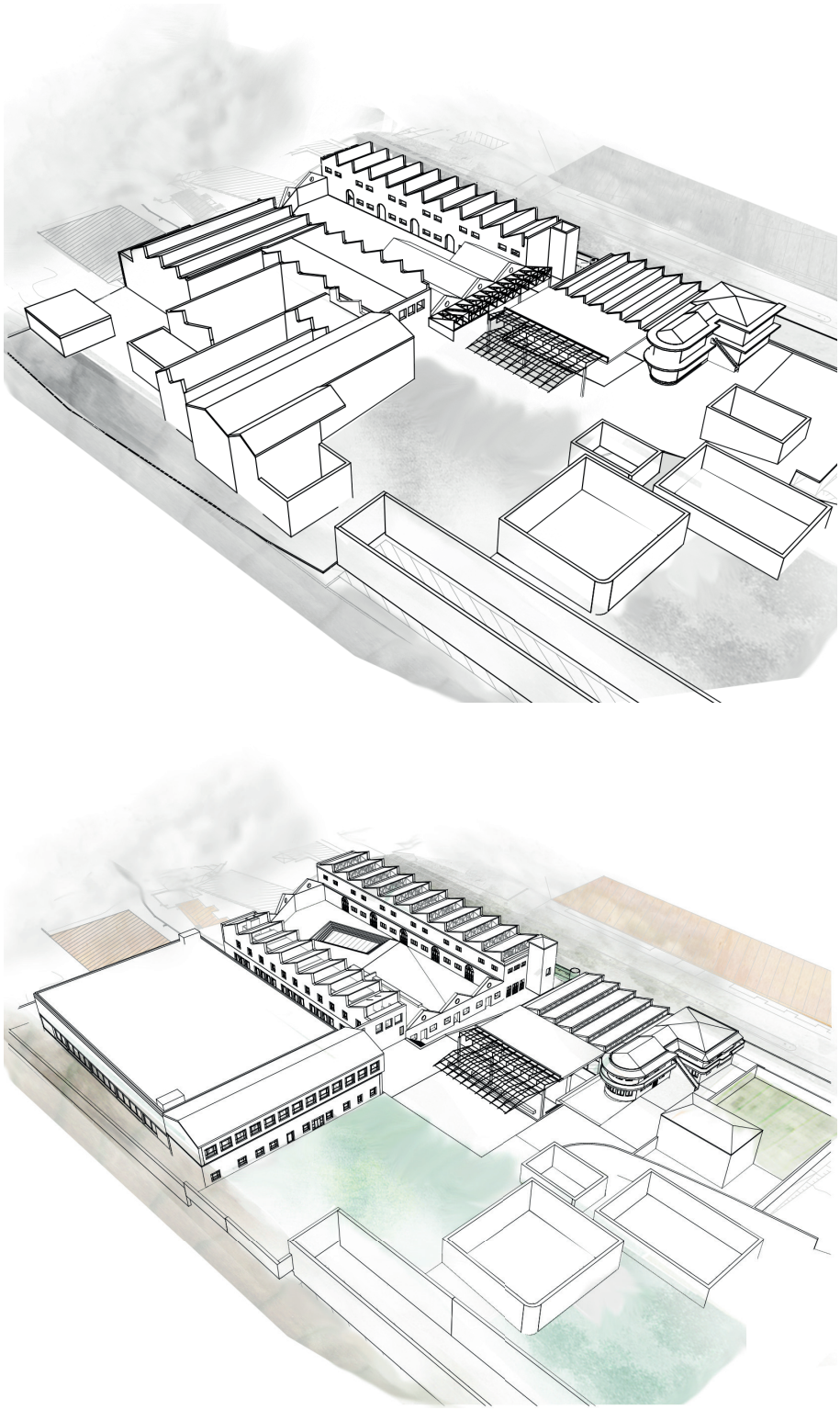
A quantidade de espaços comerciais propostos é justificada pela existência de comércio do outro lado da rua, permitindo assim que os negócios locais usufruam do fluxo de visitantes do complexo.

---

120 'Carta de Veneza: Sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios', in IIº Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos (Veneza: CIEPRBC, 1964), p. 3



[77] - representação axonométrica do construído existente (em cima) e da proposta de intervenção (em baixo) -perspectiva frontal



[78] - representação axonométrica do construído existente (em cima) e da proposta de intervenção (em baixo) - perspectiva tardoz

Em toda a proposta, os caixilhos foram reinterpretados e desenhados com as mesmas proporções, embora não com o mesmo desenho. A justificação para esta decisão residiu no facto de que as janelas originais eram janelas fabris, cujo desenho de caixilharia tornar-se-ia incoerente com o programa proposto. Estes elementos "(...) devem integrar-se harmoniosamente no contexto, tendo que se distinguir das partes originais, afim de que o restauro não falseie o documento de arte e de história." (121) [77][78]

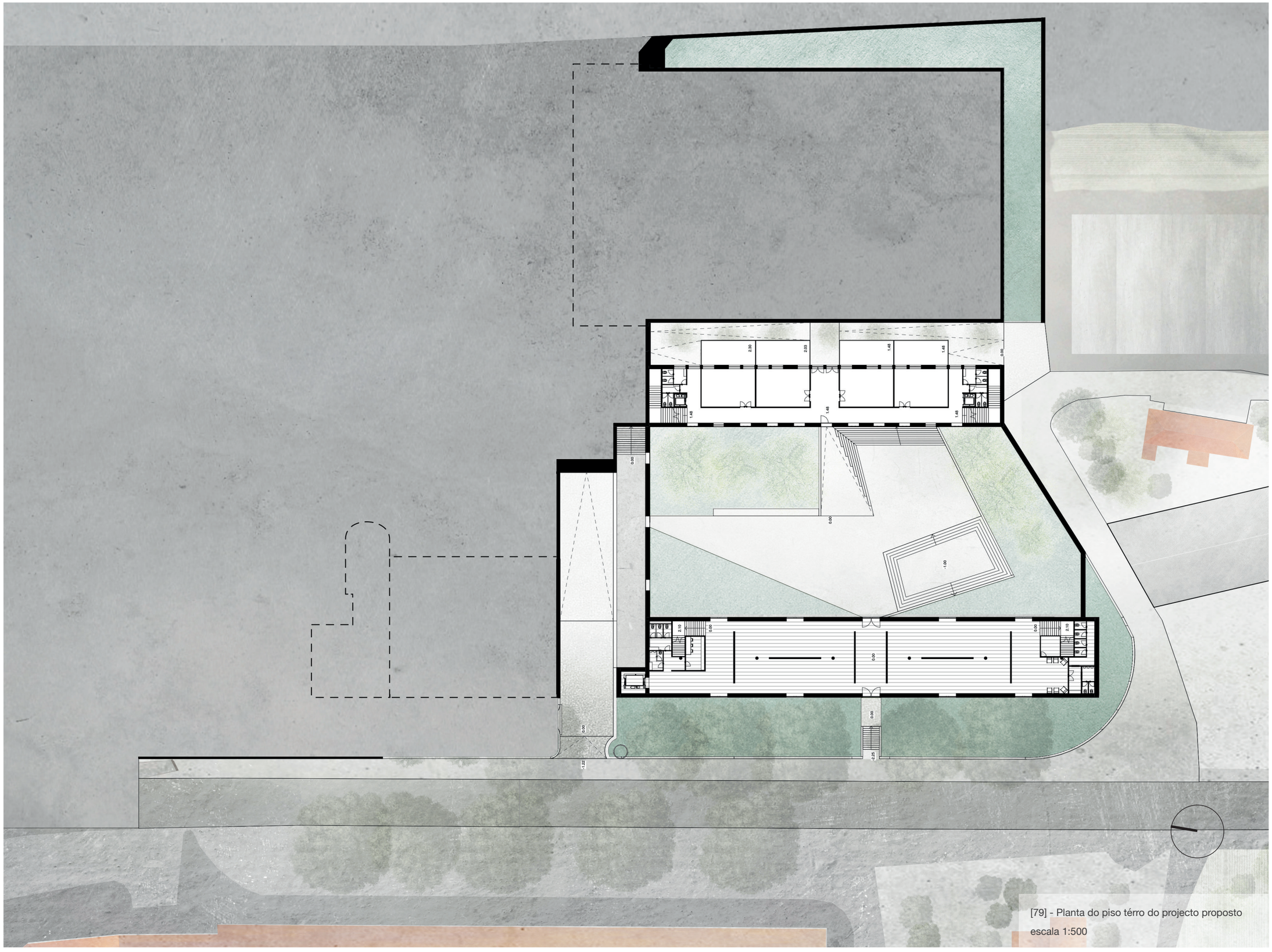
O tratamento dos espaços exteriores do recinto permitem ao utilizador aceder a todos os edifícios reabilitados. As ruínas permanecem inacessíveis, participando no projecto como parte da paisagem.

A relação entre o construído e a envolvente é estabelecida através da paisagem em comum. Na relação com a EN15, os edifícios reabilitados do antigo complexo Tabopan que fazem frente à rua permanecem visíveis e realçam o acesso principal ao recinto. A fachada reflectora do edifício Cristal Center reforça esta relação, uma vez que esta mesma fachada já reflectiu a ruína e reflectirá, agora, o novo projecto.

Este trabalho académico propõe novos espaços para a cidade, onde a flexibilidade espacial, a relação de continuidade com as ruínas expectantes e o reaproveitamento de edifícios pré-existentes de grande relevância para a preservação de uma parte da história da cidade são pontos importantes para o desenvolvimento da área envolvente. Fazer deste local um novo "ponto de encontro" trará uma nova vitalidade que vai de encontro à tendência de expansão da cidade.

---

121 'Carta de Veneza: Sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios', in IIº Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos (Veneza: CIEPRBC, 1964), p. 3



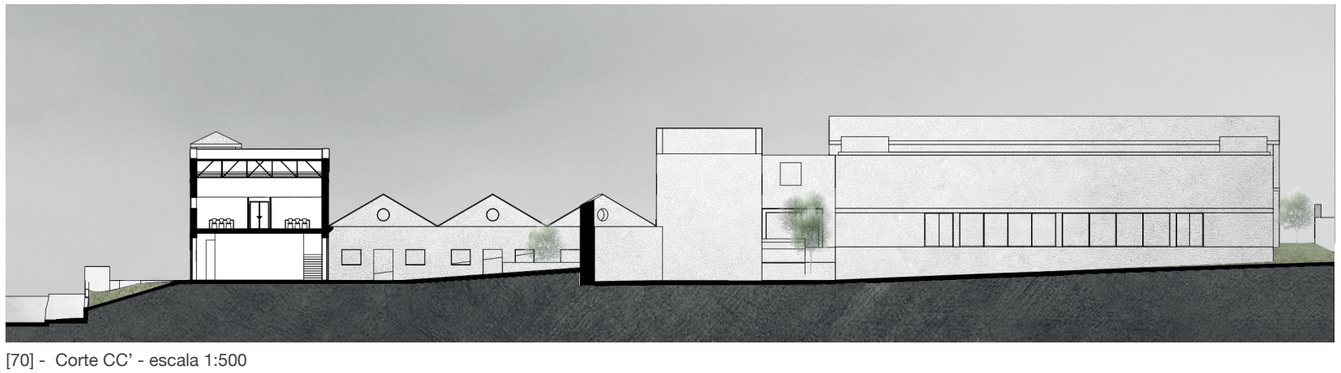
[79] - Planta do piso térro do projecto proposto
escala 1:500



[70] - Corte AA' - escala 1:500

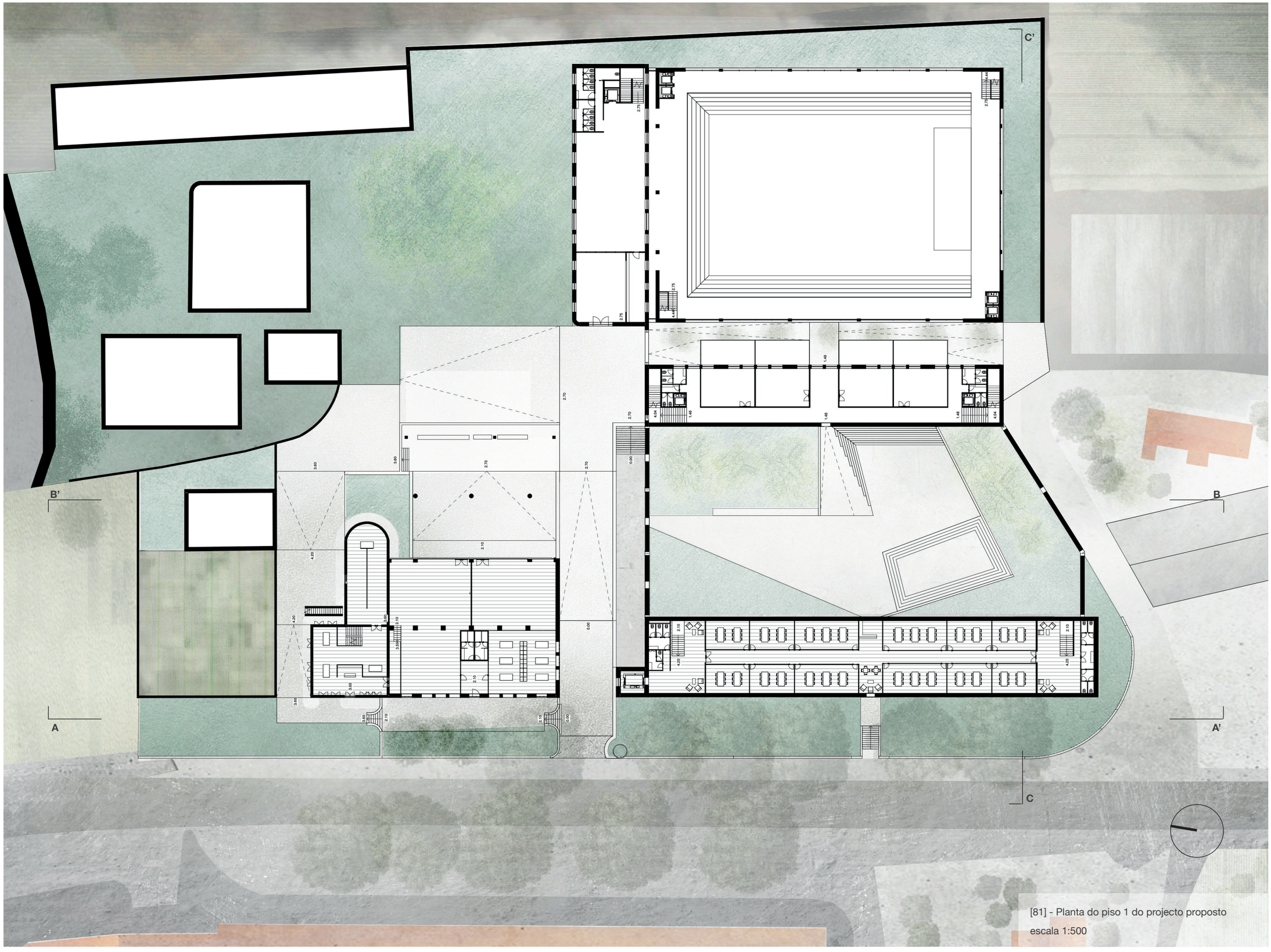


[70] - Corte BB' - escala 1:500



[70] - Corte CC' - escala 1:500

[80] - Cortes do projecto proposto
escala 1:500



[81] - Planta do piso 1 do projecto proposto
escala 1:500



[70] - Corte DD' - escala 1:500

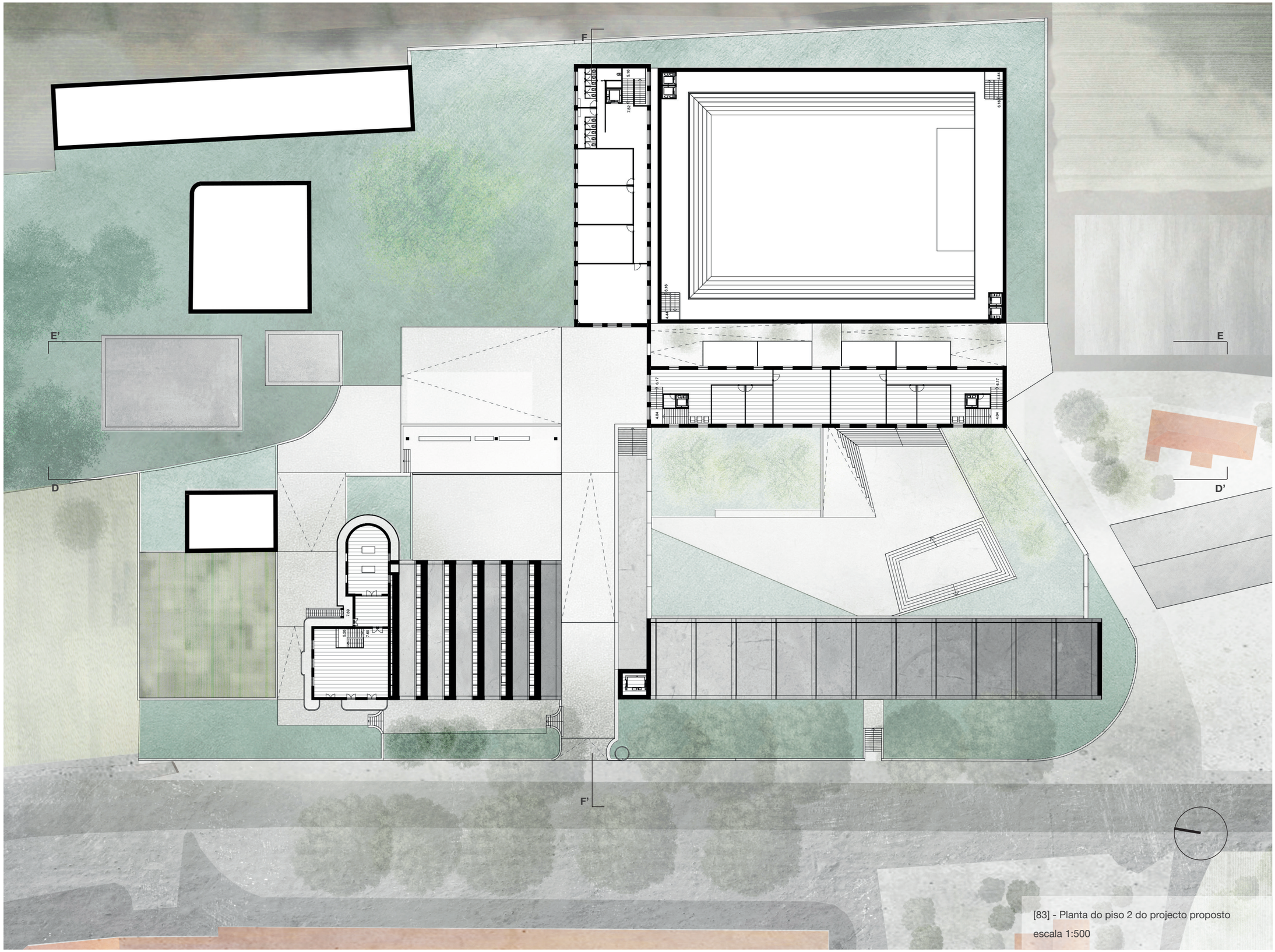


[70] - Corte EE' - escala 1:500



[70] - Corte FF' - escala 1:500

[82] - Cortes do projecto proposto
escala 1:500



[83] - Planta do piso 2 do projecto proposto
escala 1:500



[70] - Corte GG' - escala 1:500



[70] - Corte HH' - escala 1:500



[70] - Corte II' - escala 1:500

[84] - Cortes do projecto proposto
escala 1:500



[85] - Planta de coberturas do projecto proposto
escala 1:500



[70] - Corte JJ' - escala 1:500



[70] - Corte KK' - escala 1:500



[70] - Corte LL' - escala 1:500

[86] - Cortes do projecto proposto
escala 1:500

"O projecto é para o arquitecto o que é um personagem dum romance para o seu autor: ultrapassa-o constantemente. No entanto , é preciso não o perder de vista. O desenho persegue-o."[122]

122 Álvaro Siza Vieira in GUERRERO, Julián Santos - *Pensar a casa : conferências da casa.* Matosinhos : Associação Casa da Arquitectura, 2011. ISBN 978-989-96790-1-6, p.14

CONCLUSÃO

O desenvolvimento deste trabalho permitiu perceber as dificuldades que os processos de análise e investigação abarcam, principalmente ao incidirem de uma cidade onde o autor da narrativa habita. Ultrapassar uma imagem pré-concebida de uma cidade e observá-la de forma imparcial foi o primeiro passo para a escrita desta dissertação.

Compreender as origens da cidade onde se habita é como adquirir informação pessoal. Espaços que, até à data, não possuíam particular significado tornaram-se novos focos de atenção quando colocados em confronto com o novo conhecimento adquirido.

O mesmo critério é aplicado à paisagem. A partir do momento em que a atenção do observador é direccionada para a procura de algo específico, a sua própria perspectiva muda e o cenário urbano ganha um novo interesse, levando à necessidade de a analisar e interpretar.

A procura de informação tornou-se um processo aliciante: a cada nova informação que era encontrada, a incerteza dava lugar a um sentido de dever cumprido. Sendo a investigação e o registo da história das Indústrias Tabopan um dos objectivos deste trabalho, completá-lo significa poder participar na sua preservação, ainda que de forma indirecta.

Foi reconfortante reparar no interesse que este tema suscitou durante a produção deste trabalho: fotos antigas saíram das gavetas, antigos funcionários e seus familiares partilharam histórias, informações surgiram. A Tabopan renasceu, ainda que brevemente.

Acima de tudo, este trabalho contribuiu para perceber os limites ao intervir numa pré-existência. O obstáculo mais difícil para uma mente criativa é uma tela em branco: tudo pode surgir, sem limites. As regras surgem depois, quando a obra alcança a necessidade de lógica.

Trabalhar com pré-existências é um desafio completamente oposto ao exercício da tela branca, mas igualmente difícil. É necessário

considerar o objecto existente, perceber como surgiu, como lhe dar seguimento e como torná-lo parte integrante da obra actual. Enquanto a pré-existência, neste caso um complexo de antigas indústrias transformadoras de madeira que elevaram a economia e a vida social da cidade, for significativa para contar a história de um lugar, este deverá ser pensado como edifício de relevo para a cidade, independentemente da sua dimensão.

Contudo, este é um trabalho de continuidade. As peças desenhadas e escritas no presente trabalho representam um novo ponto de partida para a continuação do estudo destas fábricas. As suas potencialidades estão evidentes nestas páginas, incentivando, assim se espera, à procura de um novo olhar, de novas possibilidades.

> "Se antes de cada acto nosso nos puséssemos a prever todas as consequências dele, a pensar nelas a sério, primeiro as imediatas, depois as prováveis, depois as possíveis, depois as imagináveis, não chegaríamos sequer a mover-nos de onde o primeiro pensamento nos tivesse feito parar."[123]

123 SAMARAGO, José - Ensaio sobre a Cegueira. 18ª edição. Alfragide : Editorial Caminho, 2010. ISBN 978-972-21-1021-1, p. 108

BIBLIOGRAFIA

LIVROS E MONOGRAFIAS

AMARANTE CONGRESSO HISTÓRICO - História, Política, Sociedade e Economia - Vol. I Tomo II in Amarante Congresso Histórico 98: actas. Amarante: Câmara Municipal de Amarante, 2000

BRAÑA, Celestino Garcia; LANDROVE Susana; TOSTÕES Ana - A arquitectura da indústria, 1925-1965: registo docomomo ibérico. Barcelona: Fundação Docomomo Ibérico, 2005. ISBN 84-609-4295-3

BRITO, Raquel Soeiro de - Atlas de Portugal. 1ª edição. Lisboa: Instituto Geográfico Português 2005. ISBN 972-8867-14-X

CANNATÀ, Michele; FERNANDES, Fátima - Construir no Tempo = Building upon time. 1ª edição. Lisboa : Estar, 1999. ISBN 972-8095-67-8

CARDOSO, Alexandra; SALES, Fátima; PIMENTEL, Jorge Cunha - Januário Godinho : leituras do movimento moderno. Porto : Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2012,

CARDOSO, António - Amarante em meados do séc. XIX : território e sociedade. Obras públicas, arquitectura e urbanismo. Amarante, 2009. ISBN 978-989-8141-26-2

CARDOSO, António - Marânus: Antologia de textos sobre Amarante: a terra e as gentes. 1ª edição. Amarante: Câmara Municipal, 1979

CASTRO, Joaquim Prado de - A Indústria Portuense em perspectiva histórica : actas do Colóquio. Lisboa, CLC-FLUP, 1998

CHOAY, Françoise - A Alegoria do Património. 2ª edição. Lisboa : Edições 70, 2010. ISBN 978-972-44-1274-0

CULLEN, Gordon - Paisagem Urbana. Lisboa : Ed. 70, 1984

DIAS, Lino Tavares; ALARCÃO, Pedro - Interpretar a ruína, contribuições entre campos disciplinares : actas do seminário internacional de arquitectura e arqueologia. Porto : FAUP Publicações, 2011. ISBN 978-989-8527-00-4

GUERRERO, Julián Santos - Pensar a casa : conferências da casa. Matosinhos : Associação Casa da Arquitectura, 2011. ISBN 978-989-96790-1-6

GUICHARD, François - Amarante: Structures sociaux-économiques et liens de dépendance dans un “Concelho” du nord-ouest Portugais, 1st edn (Lisboa: Centro de estudos geográficos da cidade de Lisboa, 1980)

LYNCH, Kevin - A imagem da cidade. Lisboa : Ed. 70, 1999. ISBN 972-44-0379-3

PINHO LEAL, Augusto – Portugal antigo e moderno : diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de portugal e de grande numero de aldeias – Vol I. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia

PINTO, Ricardo; GOMES, Paulino - Amarante: uma ponte entre a História e a Natureza. 1ª edição. Paços de Ferreira: Anégia Editores, 1997. ISBN 972-8266-05-7

PORTAS, Nuno – Políticas urbanas II : transformações, regulação e projectos. Lisboa: FCG, 2011. ISBN 978-972-31-1382-2

SARAMAGO, José – Viagem a Portugal. 13ª edição. Lisboa: Caminho, 1997. ISBN 972-21-0966-9

SIZA VIEIRA, Álvaro - 01 textos. Porto : Civilização, 2009. ISBN 978-972-26-2923-2

TRIGUEIROS, Luiz (ed) - Eduardo Souto Moura. Trad. Cristopher Emsden, et al. Lisboa: Blau, 1994

VAN ZELLER MACEDO, Luís - *Pequena História de Amarante* – 2ª edição. Amarante: Gráfica do Norte, 1993

PROVAS FINAIS

FERREIRA, Mélanie Lydie Lemaire - *As antigas fábricas de Tabopan de Amarante : uma reabilitação 100% local*. Guimarães : Universidade do Minho, 2013

POMBO, Ana Rita Pires - *Reabilitação de fragmentos industriais através da mutabilidade : resposta a um mundo em constante alteração.* Porto : Universidade Lusíada do Porto, 2016

PERIÓDICOS, ARTIGOS, JORNAIS E REVISTAS

ABREU, José Gonçalves de – Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante. Nº37-38-39 (1971)

ABREU, José Gonçalves de – Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante. Nº40-41-42 (1971)

ABREU, José Gonçalves de – Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante. Nº43-48 (1971)

ABREU, José Gonçalves de – Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante. Nº49-59 (1971)

Carta de Nizhny Tagil sobre o património industrial', in Assembleia Geral da Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial (Nizhny Tagil: TICCIH, 2003)
'Carta de Veneza: Sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios', in IIº Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos (Veneza: CIEPRBC, 1964)

Jornal Flor do Tâmega - 1960, 1970, 1971, 1972, 1973

MARQUES, Bernardo; PEDROSA, António; PEDROSA, - Entremuros - Revista Cultural de Amarante. Amarante. Nº 1 (Primavera/Verão 1990)

ARTIGOS ELECTRÓNICOS

YING KWAN, Pui - Exploring Japanese Art and Aesthetic as inspiration for emotionally durable design [em linha]. 2012. [18 Maio 2017] Dísponivel em http://www.designedasia.com/2012/Full_Papers/Exploring%20Japanese%20Art%20and%20Aesthetic.pdf

ARTIGOS NÃO PUBLICADOS

ABREU, José Gonçalves de - Na Incerteza dos Meus Passos. Acessível nos Parques Empresariais do Entre Douro e Tâmega, Amarante, Portugal

WEBSITES CONSULTADOS

http://www.baixotamega.pt

http://www.chtamegasousa.pt

http://www.cimtamegaesousa.pt/#/municipios

http://www.cm-amarante.pt/pt/ponte-do-arquinho

http://noticiasdeaguiar.pt/antiga-fabrica-da-tabopan-ja-alberga-12-empresas/

http://tamegapark.pt/

ÍNDICE DE IMAGENS

1. A CIDADE

1.1

[1] imagem produzida com base retirada do Google Maps, tratada pela autora

[2] imagem retirada do Google Maps, tratada pela autora

[3] imagem retirada do Google Maps

[4] e [5] cartografia tratada pela autora, cedida pela Câmara Municipal de Amarante

[6] e [7] imagem cedida pela Câmara Municipal de Amarante

[8] e [9] imagens retiradas da Revista Entremuros - Revista Cultural de Amarante. Amarante. Nº 1 (Primavera/Verão 1990), tratadas pela autora, pp. 10, 12, 13

[10] imagem retirada de https://pt.wikipedia.org/wiki/Amarante_(Portugal)#/media/File:Amarante_freguesias_2013.svg, tratada pela autora

[11] imagem retirada do livro Amarante Congresso Histórico - História, Política, Sociedade e Economia - Vol. I Tomo II in Amarante Congresso Histórico 98: actas. Amarante: Câmara Municipal de Amarante, 2000, p. 597

[12] imagem cedida pela Câmara Municipal de Amarante

[13] image retirada de https://informaticahb.blogspot.pt/2012/10/amarante-antiga-em-14-de-outubro-de.html

[14] imagem retirada de http://olhares.sapo.pt/amarante-mercado-municipal-foto7584291.html

[15] imagem retirada do livro Amarante Congresso Histórico - História, Política, Sociedade e Economia - Vol. I Tomo II in Amarante Congresso Histórico 98: actas. Amarante: Câmara Municipal de Amarante, 2000, p. 598

[16], [17] e [18] cartografia tratada pela autora, cedida pela Câmara Municipal de Amarante

1.2

[19] à esquerda, imagem retirada de http://www.eduardoteixeirapinto.com/imagens/eduardo_teixeira_pinto_documentos_associacao_empresarial_amarante2g.jpg; à direita, fotografia da autora

[20] imagens retiradas do Jornal Amarante Informação Municipal, Março 2017, p. 11

[21] imagens retiradas do livro FRAMPTON, Kenneth - *Álvaro Siza. Tutte le opere.,* p. 597

[22] imagem retirada de http://www.cabaredogoucha.pt/wp-content/uploads/2013/09/foto1.jpg

[23] à esquerda, imagem retirada de http://www.eduardoteixeirapinto.com/imagens/eduardo_teixeira_pinto_documento_028.jpg; à direita, fotografia da autora
[24] em cima, imagem retirada de http://lh4.ggpht.com/-FXifC8AYWzc/Uk0jBRdpJFI/AAAAAAAABCYc/OVYvjIlxZ7o/s1600-h/Estao-de-Amarante5.jpg; em baixo fotografia da autora
[25] em cima, imagem retirada de http://4.bp.blogspot.com/-hNilaxw31Po/UzyLxIfwCTI/AAAAAAAAiWo/VnmFz4iHD6A/s1600/Quartel+de+artilheria+4.jpg; em baixo fotografia da autora
[26] à esquerda, imagem fornecida pelo arquitecto António Marinho; à direita fotografia da autora
[27] à esquerda, imagem fornecida pelo arquitecto António Marinho; à direita fotografia da autora
[28] à esquerda, cartografia fornecida pela Câmara Municipal de Amarante, tratada pela autora; à direita fotografia da autora

2. O PERCURSO – ligação entre o centro e a cidade

2.1
[29] e [30] fotografia da autora
[31], [32] e [33] cartografia fornecida pela Câmara Municipal de Amarante, tratada pela autora

2.2
[34] à esquerda, cartografia fornecida pela Câmara Municipal de Amarante, tratada pela autora; à direita, desenhos produzidos pela autora
[35] e [36] no canto superior esquerdo, cartografia fornecida pela Câmara Municipal de Amarante, tratada pela autora; fotografias da autora
[37] no canto superior esquerdo, cartografia fornecida pela Câmara Municipal de Amarante, tratada pela autora; fotografias da autora, à excepção da imagem 12, retirada do Google Street View
[38] no canto superior esquerdo, cartografia fornecida pela Câmara Municipal de Amarante, tratada pela autora; fotografias da autora
[39] fotografias da autora

3. A FÁBRICA

3.1

[40] imagem retirada de http://2.bp.blogspot.com/-Eq_lIM6FHbo/Uk6zklgNlII/AAAAAAAAh50/Az5_wyKJbrs/s640/1.jpg

[41] imagem retirada do livro GUICHARD, François - Amarante: Structures sociaux-économiques et liens de dépendance dans un “Concelho” du nord-ouest Portugais, 1st edn (Lisboa: Centro de estudos geográficos da cidade de Lisboa, 1980), p. 102

[42] imagem cedida pela Fundação Marques da Silva, retirada de ABREU, José Gonçalves de – Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante. Nº49-59 (1971), p. 27

[43] imagem cedida pela Fundação Marques da Silva, retirada de ABREU, José Gonçalves de – Tabopan: Boletim cultural e informativo. Amarante. Nº43-48 (1971), p. 30

[44] imagem retirada de http://esmorizplaca.pt/wp-content/uploads/2013/04/Aglomerado-Cru-650x430.jpg

3.2

[45] cartografia fornecida pela Câmara Municipal de Amarante, tratada pela autora

[46] imagem retirada de https://informaticahb.blogspot.pt/2011/09/amarante-fotografia-antiga-da-estacao.html

[47] imagem fornecida pelo arquitecto António Marinho

[49] imagens cedidas pelo Dr. Dinis Mesquita

[50], [51], [52] e [53] imagens fornecida pelo arquitecto António Marinho

[54] imagem retirada do livro GUICHARD, François - Amarante: Structures sociaux-économiques et liens de dépendance dans un “Concelho” du nord-ouest Portugais, 1st edn (Lisboa: Centro de estudos geográficos da cidade de Lisboa, 1980), p. 30

[55] imagem retirada do Google Maps

[56] imagem retirada de http://www.tvregioes.com/wp-content/uploads/2016/02/vilapouca.jpg

[57] imagem retirada do Google Maps

[58] fotografia da autora

3.3
[59] e [60] imagens cedidas pelo Dr. Dinis Mesquita
[61] fotografias da autora
[62] imagens retirada de https://davidchipperfield.com/project/neues_museum
[63] imagem retirada de https://dasletzteabendmail.ch/wp-content/uploads/2017/07/kintsugi-bowls-9.jpg

4. A INTERVENÇÃO

4.1
[64] e [65] cartografia fornecida pela Câmara Municipal de Amarante, tratada pela autora
[66] em cima, cartografia fornecida pela Câmara Municipal de Amarante, tratada pela autora; no meio, imagens retiradas do Google Maps; em baixo, desenhos produzidos pela autora
[67] imagem retirada do Google Maps

4.2
[68] e [69] cartografia fornecida pela Câmara Municipal de Amarante, tratada pela autora
[70] desenhos efectuados pela autora
[71] cartografia fornecida pela Câmara Municipal de Amarante, tratada pela autora
[74] e [75] desenhos efectuados pela autora
[76] cartografia fornecida pela Câmara Municipal de Amarante, tratada pela autora
[77] e [86] desenhos efectuados pela autora

ANEXOS

Fotografias do objecto de estudo






















Entrevista ao Sr. Vieira Pinto, antigo trabalhador das Indústrias Tabopan

Sr. Vieira Pinto: Eu muito sucintamente queria sublinhar a importância das indústrias Tabopan no que diz respeito ao aspecto económico e social aqui na região, principalmente na região… Já que também a empresa tinha um interesse grande económico a nível nacional. As indústrias Tabopandesenvolveram-se mais quando, através do principal sócio, o Comendador José de Abreu, se lançou na produção dos aglomerados de madeira.

Os aglomerados de madeira contribuíram também e muito para o apoio à agricultura local e regional, já que fazia todo o aproveitamento do desbaste cultural dos pinhais, que até aí praticamente o pinhal, o desbaste de pinhal pouca utilidade tinha a não ser para lareira, para lenha… A partir daí, de facto, todo o material lenhoso de pinho era utilizado em aglomerado de madeira. O aglomerado de madeira passou também a ser, a nível nacional, a base da preparação dos folheados para mobiliário, e passou a constituir uma componente muito importante no que diz respeito às exportações, portanto, a empresa lança-se no sector de exportação praticamente a partir do fabrico de aglomerados de madeira.

Todas as fábricas de aglomerado de madeira, e a Tabopan, aqui em Amarante, era constituída por três unidades fabris de aglomerados de madeira chamadas linhas de produção: tinha a primeira, a segunda e a terceira linha de produção de aglomerados. E há uma parte dos aglomerados de madeira exportados essencialmente para Inglaterra; o Reino Unido era o principal importador, o principal cliente das indústrias Tabopan.

No que diz respeito… Claro que o aglomerado também servia de matéria-prima, de base, para construção de peças de mobiliário, de prateleiras, do próprio mobiliário, dos folheados, e no que diz respeito a esses elementos de mobiliário, nós exportávamos muito, as indústrias TABOPAN, exportavam muito também para a Alemanha, França, até Espanha, e outros países…. Holanda, principalmente para países da Europa. É de referir, daí, a grande importância que a empresa também tinha no domínio nacional, porque era praticamente mais de metade daquilo que produzia; e no domínio de aglomerados era, de facto, muito mais que metade… Tudo era exportado, portanto, metade da faturação, praticamente, provinha das exportações.

No que diz respeito ao aspecto social, não nos podemos esquecer que trabalhavam, só aqui em Amarante, trabalhavam cerca de 1400 pessoas,

e portanto, o que significa que eram 1400 famílias, isto no que diz respeito a trabalho directo, que estavam lá empregadas, conforme referi há bocado, também indirectamente a TABOPAN tinha grande influência no que diz respeito ao aspecto social dos madeireiros, dos agricultores, portanto, era uma componente muito importante no que diz respeito à agricultura. Eu queria referir que, de facto, eu trabalhei, entrei para a TABOPAN já produzia aglomerados, em 1968, procurei contribuir, na medida do possível, para que a empresa se desenvolvesse, e queria referir este aspecto importante: os aglomerados de madeira, porque entretanto surgiram outras fábricas a nível nacional, inclusivamente aqui bem próximo a Paivopan, a Samopan (?), e outras…

Ana: Mas faziam parte da Abreu?

V.P.: Não faziam parte, digo eu que haviam outras fábricas de aglomerados… Mas, o que eu queria referir é que devido à grande qualidade, porque não nos podemos esquecer, isto é um aspecto muito importante: nós exportaremos e continuaremos a exportar em todos os domínios se tivermos qualidade. Não há dúvida que, pelo menos a nível europeu, os importadores são muitos exigentes nesse domínio, e ao cumprimento de preços e prazos de entrega, era uma coisa que não perdoavam, a não ser que houvesse qualquer problema nos transportes marítimos, porque a maior parte das exportações faziam-se através do transporte marítimo, eles são muito exigentes no que diz respeito à qualidade, ao preço, à manutenção dos preços, e aos prazos de entrega. E nós aqui a nível nacional pecamos, mas em todos os momentos, devido à nossa mentalidade é não cumprir prazos nem cumprir horários (risos). É, esse aspecto, e nós procurávamos, de facto, a TABOPAN foi pioneira na produção, mas foi também pioneira no que diz respeito à qualidade dos aglomerados, e só daí resultou a expansão do comércio e a expansão das exportações no que diz respeito aos aglomerados de madeira.

A.: Quando diz que foi pioneira na produção, está a falar na questão da organização das máquinas?

V.P.: Pioneira na produção no que diz respeito à produção do aglomerado de madeira.

A.: Ou seja, no próprio composto?

V.P.: O próprio composto. A maquinaria, posso dizer que, a maior parte de todo o equipamento fabril era de origem alemã. Foi instalada pelos próprios engenheiros alemães. Havia aqui uma correspondência também grande entre a Alemanha e os aglomerados de madeira das indústrias TABOPAN, porque foram eles próprios a instalar as suas unidades fabris. Mas eu queria referir este aspecto importante: é que, de facto, isto foi de ano a ano, a produção ia crescendo, ia aumentando e ia sendo cada vez mais procurada. E daí, a necessidade de expandir ainda mais a produção de aglomerados de madeira, e foi por isso que nessa altura as indústrias TABOPAN, através do seu principal sócio-gerente o Comendador José de Abreu, resolveu instalar mais uma unidade fabril, em princípio era seu desejo que ela se instalasse também aqui em Amarante. Posso-lhe dizer também, era ali entre Penafiel e Amarante, na região de Vila Meã, chamavam-lhe o Lugar das Árvores, há muito terreno.

Só que o Governo de então estava empenhado no desenvolvimento da região de Trás-os-Montes, e portanto, como que impôs, porque, como sabe, havia o condicionamento industrial: o alvará só era dado aos investidores, aos industriais, se o Governo assim entendesse que havia necessidade de produção desses domínios. E portanto, sim senhor, se eles poderão fazer uma nova unidade com outra dimensão, muito superior, mas terá de ser na região de Trás-os-Montes, e não na região do Entre-Douro e Minho. E foi daí que acabamos por arrancar, as indústrias TABOPAN arrancaram com uma grande unidade fabril em Vila Pouca de Aguiar. E foi, é de referir, que foi a causa, o investimento de Vila Pouca de Aguiar foi a principal causa do desastre, do começo, do início, do domínio financeiro, que entretanto veio o 25 de Abril, os juros dispararam, o crédito diminuiu, e, em boa verdade, foi esse desastre económico e social que aconteceu, e um desastre com consequências muito graves, principalmente para Amarante, e direi mesmo para toda esta sub-região do Tâmega.

Seria bom, de facto, não houve a capacidade e direi mesmo de ordem política até, em resolver, em evitar que a TABOPAN tivesse assim um desfecho tão desastroso, principalmente, eu diria até, principalmente no domínio social. De facto, a maior parte dos trabalhadores já tinha uma certa idade, trabalhadores já bastante antigos, os mais especializados até eram os mais antigos, e em boa verdade já não tiveram trabalho, foram para o fundo de desemprego, e, quer dizer, foi uma perda fantástica, terrível, mesmo no domínio social e aqui para a região de Amarante. E poder-se-ia, julgo eu, poder-se-ia ter evitado em parte, porque, de facto, para liquidar ou regularizar os créditos bancários que

tinham sido dados às indústrias TABOPAN, de Abreu e Cª, julgo que, mesmo que a TABOPAN tivesse de alienar parte do seu património, que também era muito património, e, aliás, parte até era de natureza urbanística, poderia ter vendido, como posteriormente se veio a vender, veja só o custo que a Câmara de Amarante deu por aquele terreno para a nova escola, que foi construída no designado Tarrafal, tudo aquilo pertencia às indústrias TABOPAN. E portanto, se alienasse parte do património, a principal actividade industrial da TABOPAN, quanto a mim, eram os aglomerados de madeira e seus componentes, podiam ser salvaguardados. E pronto, poderíamos salvaguardar também os postos de trabalho da maior parte dos trabalhadores. Portanto, acho que não houve também capacidade e interesse, houve um abandono dessa grande indústria e, infelizmente, não foi só em Amarante que isso aconteceu, foi a nível nacional, em salvaguardar as indústrias TABOPAN, não só pelo interesse que ela tinha no domínio social, tanto(as) as famílias, mais de 1400 famílias, e Amarante e arredores, mas também no domínio económico, porque, para além do mercado nacional, havia uma componente muito forte no mercado estrangeiro.

Era isto que eu sucintamente que lhe queria referir, e fico à sua disposição para qualquer mais outros depoimentos, se quiseres fazer mais alguma pergunta, faça favor.

A.: Sim, quando o Sr. Vieira Pinto trabalhava na TABOPAN, trabalhava em que edifício? Em que posto?

V.P.: Olhe, eu entrei para a TABOPAN em 1968, eu ainda sou da família dos senhores Abreu, era amigo particular do comendador José de Abreu, assim como a minha esposa, e portanto, eu não quis continuar a minha carreira militar, porque já estava cheio de guerra colonial, e vim trabalhar para a TABOPAN. E portanto, e rapidamente atingi o lugar de adjunto de administração da TABOPAN. Mas era essencialmente responsável do que diz respeito a contencioso, a relações públicas, mesmo no domínio de relações públicas, pelo menos no que diz respeito aos clientes, era preciso acompanhá-los, era um sector bastante delicado, e portanto, era eu que tinha a responsabilidade das relações públicas, essencialmente no que diz respeito aos nossos e também ao contencioso, mas mais o contencioso. Portanto, havia algum problema, era eu, nós trabalhávamos com o Sr. Dr. José Queirós, e era eu que era o elo de ligação, digamos, entre os advogados e a empresa.

A.: Ou seja, trabalhava no edifício de escritórios?

V.P.: Trabalhava no edifício de escritórios. Quer dizer que é uma peça urbanística bastante interessante e pena é, e pena foi, que não tenha sido utilizada devidamente ou mesmo estrategicamente à entrada da cidade… Eu cheguei a advogar que, por exemplo, pôr serviços policiais… Era um edifício fantástico, dava para a Guarda, podíamos oferecer à Judiciária, a todos os serviços à entrada da cidade.

A.: O edifício de escritórios?

V.P.: Sim, com o parque, a primeira e a segunda linha, que estão juntos aos escritórios. E a terceira linha, é onde se construiu agora o Parque Industrial, que há lá uma fábrica de urnas agora.

A.: Que era o que se faziam também, faziam urnas na TABOPAN?

V.P.: Também se faziam urnas na TABOPAN, e quero dizer no que diz respeito… Começa por ai, urnas e mobiliário também. E quero dizer que a marca Abreu na urna, quer dizer, quanto produzisse, quanto vendiam e a preço superior. De maneira que, nunca abandonaram esse sector, mas também não foi desenvolvido, mantiveram a qualidade dos artigos funerários, mas o que se desenvolveu mais foram os aglomerados, os folheados e o mobiliário. E elementos para mobiliário, tínhamos uma linha de produção de prateleiras, em série.

Eu pergunto onde é que foi parar todo o equipamento, onde é que se encontras todo o equipamento, que existia na TABOPAN, quer dizer, não compreendo.

A.: A primeira linha de montagem só tem os buracos…

V.P.: Milhares e milhares, ou milhões agora de euros em equipamento, quer dizer, não compreendo, não entendo, não sei… Sei que foi um crime, porque até a linha de produção dos tais elementos de mobiliário, era altamente sofisticado, e julgo que foi um crime deixar…

Pai: Ou vandalizado, se calhar na altura foi vandalizado, não?

V.P.: Não sei, foi abandonado por isso depois retiraram-nos ou foi vendido para outros do sector, para a indústria do sector, não sei o que se passou. Sei que era muito fácil manter, ao menos manter, o que chamamos a terceira linha, que fica na Agração, na parte superior, onde se está agora o Parque Industrial, era a linha mais moderna, ao menos essa. Olhe, ao menos ainda existe, devido à intervenção de alguns sobrinhos, de alguns familiares, ainda existe a fábrica dos laminados, em frente ao escritório, que é a única fábrica que existe.

Pai: Que até, pelos vistos, já foi vendida pelo sobrinho, não foi?

V.P.: Foi. Era muito fácil manter a fábrica, a terceira linha que nós chamamos, dos aglomerados, porque exigia pouca mão-de-obra, e ao menos a linha de produção de elementos de mobiliário.

Eu quero dizer, é uma opinião muito pessoal, portanto entreguei-me de alma e coração e a tempo inteiro, disponibilizei-me totalmente a trabalhar nas indústrias TABOPAN. Fiz o que pude e soube, saí antes de ela encerrar, mas adivinhei o que ia acontecer, infelizmente. E precisamente porque, isto no meio da crise, depois há sempre uma vítima, não é? A grande vítima foi de facto, o homem número um, o pioneiro daquela indústria, que foi o Comendador José de Abreu. Eu disse-lhe à saída que ia embora com licença ilimitada, sem vencimento, vim embora e disse "Vocês vão dar cabo da TABOPAN. Vocês ou se entendem entre familiares…", porque depois a culpa era toda do Comendador José de Abreu, e, de facto, o não entendimento, infelizmente é o que resulta das grandes empresas familiares, o desentendimento entre familiares, é que provocou a derrocada fatal das indústrias TABOPAN.

Pai: Pois, quer dizer, puseram os interesses pessoais acima dos interesses económicos…

A.: Infelizmente, isso aqui acontece muito, a Lailai…

V.P.: Não, era o interesse de desconfiança como é, porque em boa verdade, ele é que foi sempre o dinamizador e o primeiro responsável da indústria, e portanto, o princípio do descalabro, como se sabe, ele era um homem muito ligado, foi presidente da câmara, foi deputado da nação nessa altura, uma pessoa muito relacionada com poder político, e havia desconfianças que, e isso queria que sublinhasse, que foi uma injustiça que praticaram, havia desconfianças que o comendador José de Abreu estaria a canalizar as verbas

através das exportações para o exterior. E a isso se devia a degradação, ora isso foi uma injustiça que fizeram, que ousaram até dizer, e foi daí a razão da minha vinda embora, de que eu também teria alguma culpa na medida em que trabalhava estritamente com o comendador José de Abreu. Só que, quer dizer, esses grandes homens pecam por uma coisa: há quem diga que Salazar foi um grande homem; foi, mas foi um homem obstinado, convenceu-se que vencia a guerra.

(…)

Sabe que há uma coisa que aconteceu, é um aparte com a TABOPAN, a indústria TABOPAN… Eu não compreendo muito bem que se deixem cair grandes empresas, e até pequenas e médias empresas, de ânimo leve, a pessoa declara-se insolvente e acabou. Não pode ser assim, tem de se ver as causas, porque uma vez que temos de defender aqueles que não têm voz, e os que não tem voz são aqueles que trabalham, e que vivem, na maior parte, exclusivamente do seu ordenado. Portanto há aqui uma questão social, uma questão humana que deve ser preservada. E isso também não esteve em conta nas indústrias TABOPAN, até pelo aspecto humano e social, julgo que o poder central e o poder local, no domínio político, se teriam empenhado se os familiares, os donos legítimos das indústrias TABOPAN, que eram capazes mas não se entendiam, alguém se havia de entender e por-se à frente e não deixar cair as indústrias TABOPAN… Que servisse ao menos de exemplo para tantas outras empresas, porque uma das coisas fundamentais para o homem, e para a juventude principalmente, a menina é uma jovem, eu já passei por lá e o pai também sabe o que é, para a formação humana é o trabalho; o trabalho de acordo com a vocação de cada um. E portanto, não é mandando as pessoas para casa com subsídios que se formam, que se dá felicidade às pessoas.